

Nos anos 70 e 80, ocorreram profundas mudanças nas relações sociais em todo o mundo ocidental. Parte dessas alterações foram iniciadas por mulheres das mais diversas regiões, na intenção de desconstruírem códigos de conduta, normas e modos de interação em seus relacionamentos com os homens. Como uma avalanche que vai arrastando tudo por onde passa, os movimentos das mulheres obtiveram muitos êxitos e, também algumas derrotas. Das lutas pela igualdade de oportunidades, pelo acesso à cidadania, pela eliminação das desigualdades de poder, as mulheres vieram crescendo em teoria e prática na busca de um mundo melhor para se viver com parceiros ou parceiras, pais, filhos, amigos. No limiar da noção unificadora do feminino, tornou-se possível ver quantas outras mulheres, brancas, negras, pobres, ricas, urbanas e rurais, experienciavam diferentes modos de vida. Nesse sentido, o coletivo revelou-se pleno de diversidades.

É, deste modo, que o trabalho de pesquisa contido nesta obra focaliza as mulheres, como sendo portadoras de um mundo rico, diverso e carregado de complexidade. Registra a memória de mulheres que participaram de movimentos os mais variados, em organizações sindicais, partidos políticos, grupos de pesquisa, associações de mulheres de bairros que, particularmente, ao final dos anos 70 e nos anos 80, batalharam por mudanças radicais nas relações de gênero.

Muitas são as histórias dos feminismos correntes naquele período, destacando, sobretudo a ação coletiva e sua operação institucional. Neste trabalho, mulheres de São Luís e de São Paulo constroem

narrativas que as situam como sujeitos que rememoram e elaboram, também, novos significados às experiências vividas, naquele período. São subjetividades “outras” que desvelam as intimidades do exercício da militância, revelando a presença dos efeitos das diferenças de classe, etnia, preferências sexuais nas relações entre e intra-grupos. É essa experiência vivida, apoiada em sólida fundamentação teórica, que dá suporte às análises do momento contemporâneo e contribui fortemente para a ação continuada desses sujeitos nas mais diversas instâncias de combate às discriminações e desigualdades de poder que ainda subsistem nas relações de gênero.

MULHERES EM MOVIMENTO: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações nas relações de gênero nos anos 1970 a 1980, constitui-se, portanto, uma valiosa contribuição à reflexão crítica e à orientação da ação no campo dos estudos de gênero.

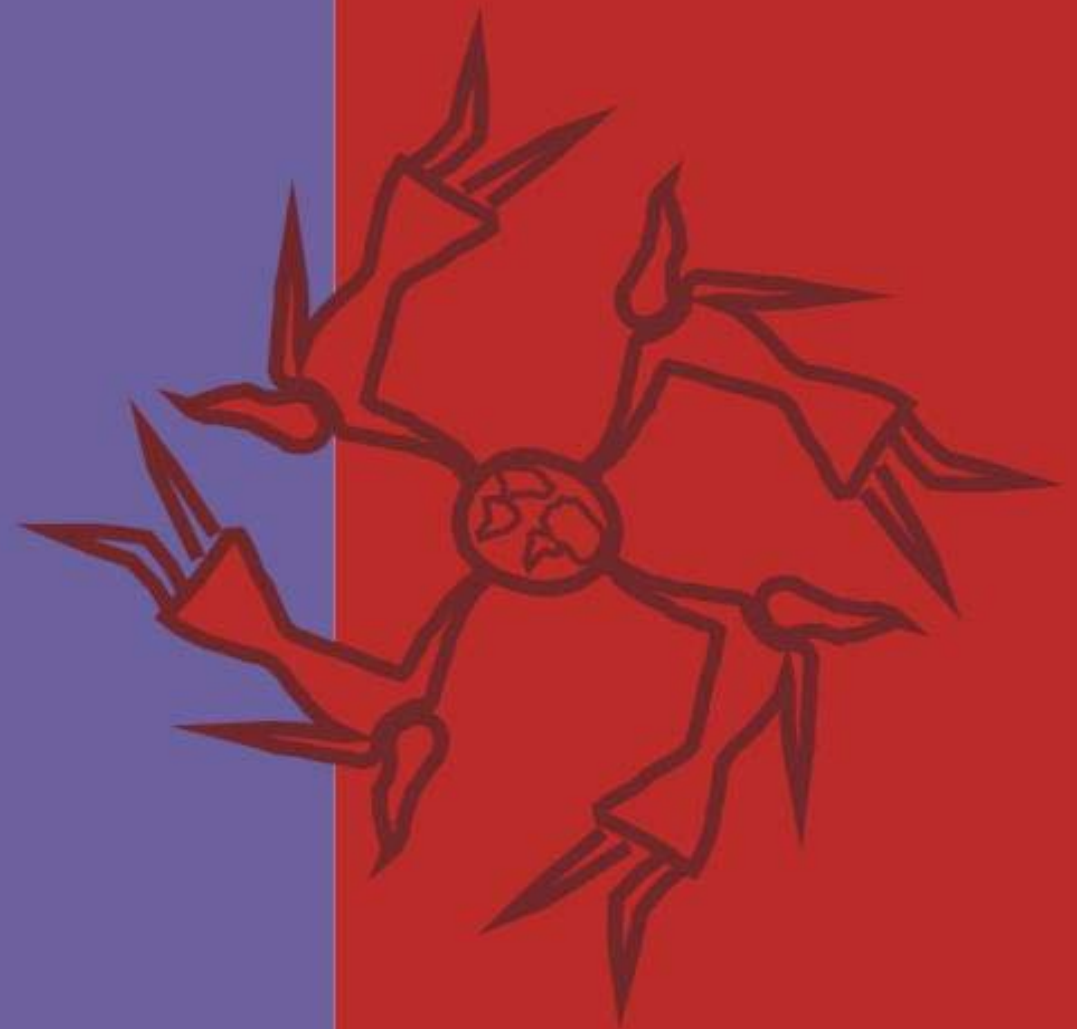
*

Sandra Maria Nascimento Sousa, doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, é professora adjunta do Departamento de Sociologia e Antropologia e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA. Líder do GENI-Grupo de Estudos do Gênero, Memória e Identidade, coordena e orienta pesquisas sobre as temáticas de gênero, sexualidade, família, prostituição feminina. É autora do livro *Mulher e Folía: memória da participação feminina nos bailes de máscaras do Carnaval em São Luís, nos anos 50 a 60*.

Sandra Nascimento

MULHERES EM MOVIMENTO

MEMÓRIA DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS MOVIMENTOS PELAS TRANSFORMAÇÕES DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NOS ANOS 1970 A 1980



ISBN 978-85-7862-064-6



EDUFMA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Sandra Maria Nascimento Sousa

MULHERES EM MOVIMENTO
Memória da participação das mulheres
nos movimentos pelas transformações
das relações de gênero, nos anos 1970 a 1980

São Luís
EDUFMA/PPGCS
2007

FICHA CATALOGRÁFICA

SOUSA, Sandra Maria Nascimento. *Mulheres em movimento: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de gênero nos anos 1970 a 1980*/Sandra Maria Nascimento Sousa. 2 ed. São Luís/MA: EDUFMA, 2009

ISBN 978-85-7862-064-6

1.Movimentos sociais- Mulheres-Depoimentos.

I Título.

CDU 301.175-055.2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor

Prof. Dr. Fernando Antônio Guimarães Ramos

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Profa. Dr. Elizabeth Maria Beserra Coelho

Diretor da Editora Universitária
Ezequiel Antonio Silva Filho

Capa

Benedito Lyra Pessoa Júnior

(APOIO/CAPES-PROF)

A versão impressa pode ser adquirida
através do e-mail sandramns@terra.com.br

Versão eletrônica desenvolvida através
do projeto e-ufma. Visite www.eufma.ufma.br
e saiba mais das nossas propostas de inclusão digital

Este livro foi autorizado para domínio público e está disponível
para download nos portais do MEC
[www.dominiopublico.gov.br] e do
Google Pesquisa de Livro

De acordo com a Lei n.10.994, de 14/12/2004,
foi feito depósito legal na Biblioteca Nacional

SUMÁRIO

CONVERSA COM OS LEITORES	5
INTRODUÇÃO	11
AS MULHERES NAS LUTAS PELA IGUALDADE SOCIAL	45
AS MULHERES NAS LUTAS POR SUAS PRÓPRIAS CAUSAS	73
FEMININO E MASCULINO: MOVIMENTOS DE CONSTRUÇÃO	105
FEMININO E MASCULINO: MOVIMENTOS DE DESCONSTRUÇÃO	131
MOVIMENTOS FINAIS	147
BIBLIOGRAFIA	165

CONVERSA COM OS LEITORES

Este texto foi construído ao longo do percurso de doutorado na PUC-São Paulo, no período de 1997 a 2000. Em seu núcleo, mantive o conteúdo original, por considerar que as avaliações do grupo de professoras que integraram a banca examinadora: Profa. Dra. Josildeth Gomes Consorte, Profa. Dra. Elizabeth Frolich Mercadante, Profa. Dra. Guita Debert e Profa. Dra. Mundicarmo Ferretti, foram muito positivas, além do que, a leitura feita agora para a preparação de sua publicação, me trouxe de volta a uma viagem prazerosa e imperdível, em meio ao tumulto de um cotidiano de muito trabalho nos cursos de graduação e de pós-graduação em Ciências Sociais.

A saída de São Luís, para morar em São Paulo, durante cinco anos, foi determinada por um desejo de consumir e aprender a produzir conhecimentos da melhor qualidade, no que me sinto plenamente recompensada pela convivência com professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC e pelas possibilidades ampliadas mediante a participação em outros Programas de pós-graduação, ou em eventos e cursos de outras universidades. Desejo de consumir, também, experiências novas no saber da vida.

Em todas essas instâncias, a presença da professora Teresinha Bernardo como orientadora, como parceira na ida aos cinemas, em longas conversas juntas a um bom prato de sopa quente nas noites de frio, ou em nossas viagens ao outro mundo, tornou a estadia em São Paulo mais recheada de bom humor, leveza e de confiança na asserção de que eu tinha feito uma boa escolha e, também, que entre paulistas, nordestinos

brasileiros, de um modo geral, as pessoas são diversas e têm perspectivas e modos diferentes de lidar com as condições existenciais étnicas, de classe, de gênero, de idade, de pertença regional, etc.

A presença dos amigos Luís Assunção e de Verônica Cavalcanti, ele do Rio Grande do Norte e, ela do Piauí, foi um outro elemento de conforto moldado pela proximidade e companheirismo dados na descoberta de que nos sentíamos carentes, e, provavelmente, muito desconfiados diante do que considerávamos como formalismo e tratamento distanciado de boa parte dos paulistanos, imbuídos que estávamos das nossas pressuposições de que o preconceito para com os nordestinos seria uma constante em nossas relações com pessoas do sul e sudeste do Brasil.

Faz muito sentido, então, que nas livrarias, no restaurante, nas mesas de bar, ao redor da PUC, sempre nos reuníamos com colegas das nossas regiões, como Carlão, Alexandre, Alcântara e às vezes, com uma ou outra pessoa da cidade, com as quais nos identificávamos. Aos poucos, eu ia constatando que parecia morar num grande acampamento, pois gente de todo lugar do mundo, vive em São Paulo. Minha primeira moradia foi num apartamento de uma senhora paulistana, filha de uma russa e de um polonês. Morávamos num quarto, eu e uma outra mestranda, vinda de Santa Catarina e no outro, uma moça de Minas Gerais. Para mim, esta situação já se configurava como um possível objeto de estudo. Além do que, aprender a conviver com pessoas tão diferentes, implicava na necessidade de mudar minha visão de mundo em muitos sentidos.

Quando cheguei à cidade em 1995, meu irmão mais novo, já completava, aproximadamente, uns quinze anos de vivência no bairro de Pinheiros, onde morava com um grupo de amigos músicos que haviam partido de São Luís, como Tião Carvalho e Mochel, com o desejo de encontrarem melhores condições de trabalho. Pelas dificuldades que atravessaram, constituem-se hoje, como vencedores por terem adquirido uma certa visibilidade e meios de continuarem atuando na área de produção e divulgação da música e de outros eventos artísticos, conquistando o respeito e admiração de muitos, incluindo os meus, especialmente ao querido irmão, Manoel Pacífico, companheiro de todas as situações ali vividas.

Os elos com São Luís, parentes amigos, companheiros de trabalho iam sendo reforçados com a adição da saudade, da falta que fizeram em corpo presente, principalmente, Erina, o querido trio José Antônio, Lenir e Bete e ainda, as minhas irmãs Ilma e Marina. Muitas vezes, o frio cortante das garoas de São Paulo não deteve meu percurso aos Correios, ou à cata de um telefone para manter contato e me sentir mais próxima destas pessoas, já que ainda estava distante de uma relação mais aproximada com micros e e-mails. Na volta, sempre me reconfortava com a tradicional média de café com leite e pão quente, no botequim do Sr. Antônio, o português que faz o melhor bolinho de bacalhau em Perdizes.

Com relação aos meus filhos, internalizei, pela minha condição de gênero, que deveria prover não só o seu desenvolvimento, mas, também, suas alegrias, seu bem estar e felicidade e, não foi fácil deixá-los em São Luís, para me afastar por tanto tempo, embora já estivessem, Bruno com 20 anos e Júnior, com 18. Ainda os considerava em idade de risco de envolvimento com muitas situações problemáticas, considerando que a minha presença e "onipotência materna" poderia sempre resolver tudo. É verdade que sentiram a falta das comodidades proporcionadas, mas aprenderam muito, cuidando de si mesmos, gerenciando a casa e me dando incentivo para continuar meu trabalho. Nesse sentido, me auxiliaram a aprender a gozar de mais autonomia e liberdade. São os filhos amigos e companheiros em todas as minhas viagens.

Com minha primeira filha tenho uma experiência materna comum e, ao mesmo tempo, muito singular. Ela, nasceu quando eu, ainda tinha 16 anos de idade e, morava com os meus pais. Casara aos quinze anos com um namorado que encarnava os ideais de uma adolescente que representava o casamento como uma instância de chegar à idade adulta e libertar-se das regras da família. Minha mãe, cumprindo fielmente as funções do seu papel social, exercia uma autoridade rigorosa, vigiando e controlando para que eu não me desviasse do lugar marcado para as moças, naquela conjuntura, o casamento e a maternidade numa estrutura conjugal familiar. Fui desobediente, muitas vezes, correndo atrás dos meus impulsos e desejos fora de regras estabelecidas. Assim, a Selma chegou antes do tempo "previsto", fora da "ordem naturalizada", namoro, noivado, casamento e filhos, em meio a conflitos, tendo em meu pai,

que não assumia a função autoritária de “chefe de família”, embora fosse o seu provedor, um amigo compreensivo que emprestou sua força para me fazer superar as dificuldades daquele momento.

Felizmente, hoje estas são histórias de uma experiência tumultuada e de muitas lições, que, ainda, possibilitaram, a mim e minha mãe, que nos tornássemos amigas, e pudéssemos sentir o prazer e a alegria de nos reunirmos com filhos, filhas, netos e netas, todos muito presentes no meu empenho em construir textos, interpretações, análises e novos modos de ver as relações de gênero. Em minhas lembranças da trajetória em São Paulo, minha mãe foi uma incentivadora constante, apoio fundamental, amiga e admiradora incontestada.

Sei que ao fazer estes recortes, como modo de apresentação, desviei do curso “normal” das apresentações, procurando, deliberadamente, alternar os tempos vividos e presentificados no esforço de agradecer experencialmente a todas estas pessoas a quem citei, pelas mais diversas formas de emprestarem suas forças, como apoio, incentivo, carinho e reconhecimento.

Estes agradecimentos são intensivos e extensivos, também, aos companheiros e companheiras de trabalho do Departamento de Sociologia e Antropologia, que, num momento bastante difícil em termos de um quadro carente de recursos humanos para que o Departamento pudesse dar conta de suas atribuições, foram compreensivos em aceitar que eu pudesse ficar mais tempo em São Paulo e cursar o Doutorado. Desde a minha volta a São Luís, tenho me empenhado para retribuir seu apoio e construir junto, as melhores possibilidades para os nossos alunos e para o ensino e a pesquisa em nossa universidade. É, também, necessário, um agradecimento especial aos colegas do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Maranhão, que, nesse tempo, em que eu ainda estava trabalhando lá, na condição de professora substituta, também prestaram seu apoio e incentivo para que eu continuasse estudando, com uma atenção especial do Prof. José Antônio Carvalho, na ocasião Chefe do Departamento.

Esforços como estes, que empreendi e que resultaram em consequências muito positivas, têm se tornado possíveis, para todos os estudantes de pós-graduação, mediante a contribuição valiosa das agências financiadoras de Bolsas e Auxílios para os Programas de todo o país. Assim, é justo que

seja registrado o meu agradecimento à CAPES, que cumpriu regularmente com os compromissos que envolviam os estudantes no período em que estive cursando a pós-graduação. Ainda que, atualmente, tenham havido algumas mudanças em suas políticas de recursos, continua operando de modo a possibilitar, aos que desejam, que possam produzir conhecimentos e transformá-los em obras que possam ser divulgadas e consumidas.

Estamos, atualmente, na metade do nosso quarto ano de funcionamento do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Tenho muito orgulho de ter participado junto ao grupo de criação do Mestrado, desde a elaboração de seu projeto e, agora como professora e, também, como vice-coordenadora. Com tantas atividades, tem sobrado muito pouco tempo para a família e outros amigos. Por vezes, as diversões e as festas são feitas em meio às atividades de trabalho, e com colegas de trabalho muito especialmente com os integrantes do grupo GENI, alunas e alunos da graduação e da pós-graduação por quem tenho carinho especial.

Por fim, desejo destacar, também, um agradecimento especial, recheado de admiração e respeito, para minha companheira mais próxima de trabalho, a professora Elisabeth Coelho, a tão conhecida Beta de todos nós. Estando agora, atuando como Coordenadora do nosso Programa, tem sido incansável no esforço de melhorar nossas condições de trabalho e ampliar as possibilidades de estudo, aperfeiçoamento, e de produção de conhecimento para os que estão à nossa volta. É nesse sentido que se empenhou, para neste ano, conseguir viabilizar a publicação de Teses de Doutorado dos professores do Programa, para o que se encaixa este meu texto, fechando mais uma etapa da viagem que iniciei em 1997. Muitas outras já estão pensadas e, certamente, virão a ser realizadas. O percurso sempre é construído com o nosso desejo e as condições materiais em que estamos inseridos, mas além disto, a parceria e a solidariedade exercem um papel fundamental para que esta combinação prossiga produzindo bons efeitos.

Tendo já alongado bastante esta conversa inicial, convido, agora, às leitoras e aos leitores para sentirem-se à vontade para, lendo o conteúdo desta Tese, contribuírem com seus registros e avaliações.

INTRODUÇÃO

O TEMA EM QUESTÃO

"Caminheiro, você sabe, não existe caminho, passo a passo, pouco a pouco, mil caminhos se fazem..."¹

Frases como essa, estão entre as muitas expressões, signos e símbolos que constituem o imaginário do final dos anos 60, e dos anos 70 e 80, mais propriamente. Os viajantes são muitos, e se propõem, desde os idos de maio de 1968, a trilharem outros caminhos, modificando aquela ordem vigente. Decidem-se a mudar de rumo, tendo como meta a única coisa que, então, lhes parecia certa: a construção de uma outra Ordem Social, na qual a convivência entre os homens viesse a ser igualitária e justa.

A explosão vinda do contexto europeu, logo se disseminou por todo o mundo, repartido, naquele momento, em Primeiro Mundo: do capitalismo ocidental; o Segundo Mundo: dos países comunistas e o Terceiro Mundo: da Ásia, África e América Latina, vendo-se nas imagens de uma mídia em expansão, estudantes queimando livros, professores abandonando suas cátedras, grupos armados defendendo questões territoriais, mulheres exigindo a libertação de seus filhos, ou queimando sutiãs em praça pública, tomando a iniciativa de romperem, radicalmente, com sua servidão, referida a séculos.

¹ Referência dos Cadernos de Canto do MEB.

Lembrar de todas essas imagens, veiculadas já em televisão, mas, principalmente nas Revistas da época, *Realidade, Manchete, Cruzeiro, ou Cláudia*, é também para mim, rever momentos do sonho e da expectativa de dias melhores, na direção de uma sociedade, com menos injustiças, ou com a *liberdade sem medo*, como soprava de um outro mundo, o Prof. Alexander Neil, incentivador, naquele momento, de uma Nova Pedagogia, para pais e mestres, orientada para uma formação libertária. É, então, que sinto como o diz Hobsbawm:

Nos recordamos daqueles anos, não apenas como manchetes de jornais, ou imagens da TV, mas como parte integral de nossas vidas.²

Para os historiadores que se detiveram na análise dessa conjuntura, naquele período, tudo o que aconteceu foi inesperado. As economias dos países ocidentais, de um modo geral, pareciam prósperas e, continuamente, geradoras do crescimento industrial. Por isso, ressaltam que a última coisa que previam seus políticos, ou mesmo os seus intelectuais reconhecidos, eram tumultos em cidades como Paris, ou a conversão repentina de uma massa de homens e mulheres, jovens e das classes médias à causa revolucionária. Não era esperado, por exemplo, o que aconteceu na Tchecoslováquia: um partido comunista no governo se convertendo a um pluralismo tolerante.

Também, na América Latina, situações inesperadas, como a morte de Che Guevara, interrompendo a expansão da Revolução Cubana, a exportação da guerra de guerrilha a todos os continentes, e a transformação da imagem de Che, num ícone político universal, foram fatos que revolucionaram o continente. Ainda, seguindo-se os argumentos de Hobsbawm, registra-se que o lugar de guerrilha, parecia estar sendo tomado por golpes militares progressistas, anti-imperialistas. Golpes conservadores, já eram fatos corriqueiros, tanto dentro, como fora da América Latina, (haja visto o Brasil e a Grécia).

A marcação de outros fatos, muito significativos, a nível mundial, se deu por conta da Grande revolução Cultural de Mao, na China, a continuação do conflito no Oriente Médio e, em terceiro lugar, a guerra civil da Nigéria, decorrente da tentativa de secessão de uma de suas regiões em 1967. Nessa conjuntura, os movimentos de estudantes universitários, de

homens e mulheres, brancos e negros, de sindicalistas, ou de político-partidaristas, pareciam visar à explosão de um mundo marcado, prioritariamente, em suas concepções ideológicas, pelas lutas de classes. Nesse mesmo tempo, entretanto, iam sendo adicionados a esses movimentos, novos sujeitos, em novas articulações, que redundariam na revolução da contracultura.

Reverendo as análises desse período, se destaca sobretudo, que, conteúdos novos emergem dessas articulações, apontando para um novo modo de fazer política. É Hobsbawm, ainda, que ressalta, quanto aos revolucionários daquela conjuntura:

Eles idealizaram a espontaneidade, e se opuseram à liderança, estruturação e estratégia. Sua ideologia natural deveria ter sido o Anarquismo, mais do que as imagens de Marx, Lênin, Mao e Che, preferida por eles.³

Para Edgar Morin, "Maio de 1968", foi o coroamento da autonomia jovem, começada nos anos 50. *Houve o encontro das aspirações de liberdade, de poesia e de comunidade, com a mensagem revolucionária de grupos anarquistas, trotskistas, maoístas.*⁴ (grifos meus)

Marilene Felinto, na Folha de São Paulo, lembra que numa fria manhã de maio de 1968, em São Paulo, os estudantes estão na rua,

São da geração de jovens que semeiam a dúvida numa sociedade que se julgava tranquila: protestam no Brasil e no mundo, contra as ditaduras políticas, a morte de Guevara, a guerra do Vietnã, as estruturas obsoletas da sociedade (o casamento, a família) e do ensino; contra o tradicionalismo, a discriminação racial, o imperialismo e o capitalismo.⁵

Numa outra vereda, em meio às censuras e proibições que marcavam as relações de poder entre o Estado, representado por Grupos Militares e, os demais cidadãos da sociedade brasileira, a expressão de novos sons misturavam alegria, contestação e a revelação do cotidiano turbulento das classes médias: eram os sons do Movimento Tropicalista, nas suas manifestações pela ruptura nos padrões estabelecidos de fazer arte, poesia e música.

A poetisa Ana Cristina César, lembra desse movimento como sendo a expressão de uma crise, uma opção estética que incluía um projeto de vida, na qual o comportamento passou a

³ Id. Ibid, p.p. 5-4 e 5-5.

⁴ MORIN, Edgar. Maio de 68. Jornal A FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno MAIS!, 10 de maio de 1998, p.5-12.

⁵ FELINTO, Marilene. 1968... Jornal A FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno MAIS!, 10 de maio de 1998, p.5-6.

² HOBBSAWM, Eric. Jornal A FOLHA DE SÃO PAULO, Caderno MAIS!, 10 de maio de 1998, p.5-4.

ser um elemento crítico, subvertendo a ordem do cotidiano e marcando os traços que iriam influenciar, decisivamente, as tendências literárias marginais. Em sua compreensão, entendia que o Tropicalismo era uma das vias que,

Revaloriza a necessidade de revolucionar o corpo e o comportamento e, é inclusive por esse aspecto que Caetano Veloso e Gilberto Gil são exilados pelo Regime Militar. Usando cabelos longos, extravagantes, atitudes inesperadas, a crítica política dos jovens baianos busca inovar, em relação ao modo de fazer política, da esquerda tradicional, em que a prática revolucionária deixa de lado os aspectos existenciais e de comportamento, fazendo-se grave, séria, sagrada, conceitual e deserotizada.⁶

Suas composições se delineavam em torno da desconstrução. Tornavam-se reveladoras de um mundo fragmentário de TV, marketing, notícias, manchetes, em uma sociedade perpassada por uma modernização acelerada, desigual, e constituída por relações repletas de incoerências. Para os tropicalistas, tanto os purismos *dos Nacionalistas*, como os discursos *dos militantes de Esquerda*, não traduziam a riqueza e a complexidade do momento. A realidade dos grandes centros urbanos era, para esses grupos, valorizada em seus aspectos subterrâneos, e com uma identificação com as figuras do marginal do Harlem, ou dos Rollings Stones. Tudo isto pode ser misturado e revelado, como na música de Caetano Veloso, "Tropicália":

TROPICÁLIA

Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhos
Aponta contra os chapadões
Meu nariz

Eu organizo o movimento
Eu oriento o carnaval
Eu inauguro o movimento
No planalto central
Do país

Viva a bossa-sa-sa
Viva a palhoça-ça-ça-ça

O movimento é de papel crepon
E prata
Os olhos verdes da mulata
A cabeleira esconde atrás

Da verde mata
O luar do sertão

O movimento não tem porta
A entrada é uma rua antiga
Estreita e torta
E no joelho uma criança
Sorridente feia e morta
Estende a mão

Viva a mata-ta-ta
Viva a mulata-ta-ta-ta-ta

No pátio interno há uma piscina
Com água azul de amarelinha
Coqueiro brisa e fala nordestina
E faróis

Na mão direita tem uma roseira
Autenticando eterna primavera
E nos jardins os urubus passeiam
A tarde inteira os girassóis

Viva maria-ia-ia
Viva a bahia-ia-ia-ia-ia

No pulso esquerdo um bang-bang
Em suas veias corre muito
Pouco sangue
Mas meu coração balança a um
Samba de tamborim

Emite acordes dissonantes
Pelos cinco mil auto-falantes
Senhoras e senhores ele põe os
Olhos grandes sobre mim

Viva iracema-ma-ma
Viva ipanema-ma-ma-ma-ma

Domingo é o fino da bossa
Segunda-feira está sob fossa
Terça-feira vai à roça
Porém

O monumento é bem moderno
Não disse nada do modelo
Do meu terno
Que tudo mais vá pro inferno
Meu bem
Que tudo mais vá pro inferno
Meu bem

⁶ CÉSAR, Ana Cristina. *ESCRITOS NO RIO*, (Org. de Armando Freitas Filho), Edits. UFRJ e Brasiliense.

Viva a banda-da-da
Carmem Miranda-da-da-da-da

A identificação desses revolucionários não mais fluía só em direção àquela dos Grupos Radicais de Esquerda, que centravam suas lutas em prol da erradicação das classes sociais, e da dominação capitalista. Segundo Ana Cristina César, sua identificação não era mais com o Povo, ou o Proletariado Revolucionário, mas:

... com as minorias: negros, homossexuais, hippies, marginal de morro, pivete, madame satã (símbolo dessa integração marginal/homossexual), cultos afro-brasileiros...⁷

Para muitos, alguns dos desdobramentos daqueles anos, tiveram consequências para o nosso mundo atual, para outros, não se deve resignificá-los tanto, pois teriam se esvaziado muitas das utopias propostas. Em todo caso, porém, foram anos marcantes em nossas vidas, representando, no geral, como cita a escritora búlgara Ana Kristeva, *um sobressalto do subjetivo, uma renovação da psicanálise e das ciências humanas, uma vontade de potência*.⁸

Foram anos em que, segundo essa mesma escritora, as mulheres viveram intensamente, em seus movimentos, dilemas e esperanças, com a consequência mais próxima da mudança do lugar ocupado pela diferença sexual, no mundo do trabalho e da reprodução.

Para o alcance dessa mudança, mulheres, de todos os níveis sociais e de diferentes etnias, uniram-se e organizaram-se para alterarem os códigos relacionais e as orientações de valores que permeavam as interações entre os homens e as mulheres, de modo geral, desde o início do século, até pelo menos, meados dos anos 60. De acordo com essas orientações, as destinações sociais para os homens, seriam diferentes daquelas das mulheres, no sentido de consagrarem a manutenção de uma hierarquia, na qual se privilegiava o espaço e as realizações do primeiro, enquanto, para as mulheres, estes eram restritos e alocados no campo da subordinação às definições e decisões masculinas.

Segundo Anette Goldberg:

... no bojo da sociedade brasileira, dos anos 60, à qual já haviam questões a respeito de sua identidade e sexualidade, da liberdade e do amor.⁹

Desse modo, mulheres que naquela conjuntura, tinham aproximadamente, entre 20 e 30 anos, frequentavam ambientes acadêmicos, grupos políticos organizados, associações estudantis, etc. passaram a opor-se, radicalmente, àqueles códigos e orientações sociais que, tinham forte consistência nas práticas relacionais da geração de suas mães, e que, também, lhes foram transmitidos nos processos de socialização, especialmente no âmbito de suas famílias.¹⁰

A tessitura de nossa sociedade, então, já perpassada de inúmeras contradições e crises políticas, que se assentavam, sobretudo nas relações desiguais e, fortemente repressivas, entre o Governo Militar e a Sociedade Civil, é atravessada, em todas as instâncias, pelas idéias e ações constituídas por grupos organizados em defesa das questões que lhes são específicas e, que lhes afetam diretamente o cotidiano. A partir de então, o eixo das lutas sociais é deslocado da questão da classe social, ou mais propriamente, de sua erradicação, para incorporar outras conexões, especialmente as de gênero e, de etnia.

Esse empreendimento, alcançou dimensões que, talvez, não tivessem sido imaginadas, ocasionando alterações profundas, que geraram um distanciamento enorme, como um fosso, entre a geração de mulheres, antes e depois dos anos 60. A passos largos, nos anos 70 e 80, portanto, fomos abrindo caminhos que pareciam totalmente fechados às nossas mães, fechamos outros, derrubamos mitos, conquistamos muitas vitórias, superando muitos desafios, mas, é certo que, também, tivemos fracassos, ou nos deparamos com limites muito poderosos, dentro e fora de nós.

⁹ GOLDBERG, Anette. *FEMINISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O PERCURSO INTELLECTUAL DE UM IDEÁRIO POLÍTICO*. In: ANPOCS – BIB, Rio de Janeiro, nº 28, p.p. 1-112, 2º semestre de 1989.

¹⁰ Utilizamos a expressão “práticas relacionais de geração”, para indicar conteúdos e processos referentes ao conceito de geração, tal como foi descrito na acepção de K. Mannheim: “a situação de geração está baseada na existência de um ritmo biológico na vida humana – um período limitado de vida, mas abrange grupos etários relacionados, incrustados em um processo histórico-social comum...” O fato de pertencer à mesma classe e o de pertencer à mesma geração, ou grupo etário, proporciona aos indivíduos participantes, uma situação comum no processo histórico e social e, portanto, os restringe a uma gama específica de experiência potencial, predispondo-os a um certo modo característico de pensamento e experiência e a um tipo característico de ação historicamente relevante. (MANNHEIM, Karl: Sociologia, São Paulo: Atica, 1982 p.p. 67-79).

⁷ Id. Ibid. p.127.

⁸ KRISTEVA, Ana. *Jornal A FOLHA DE SÃO PAULO*, Caderno MAIS!, 10 de maio de 1998, p.5-13.

A produção de uma história destes movimentos das mulheres, tem sido abundante nos meios acadêmicos, em Centros de Pesquisa, ou em Organizações Especiais de Apoio às Mulheres, registrando as conquistas obtidas, ou os desafios, ainda a serem superados. Entretanto, dão destaque, preferentemente, à ação coletiva e, na maioria das vezes, quando colhem depoimentos e avaliações, estes são restritos a algumas das mais conhecidas líderes na militância prática, ou na produção acadêmica, ou literária. Avaliações em que participem mulheres de diferentes níveis de atuação política, ou de outros segmentos sociais, destacando sua experiência subjetiva, que, também, é política e sócio-histórica, são pouco conhecidas.

Constitui um vazio neste terreno, também, trabalhos em que, das lembranças das mulheres que atuaram naquele contexto, sejam ressaltadas as vias contraditórias em que se embrenharam para desconstituírem padrões convenções e regras, sob as quais se assentavam as relações de gênero. De outro modo, em geral, estão ausentes as estratégias e vivências com as quais buscaram diluir as fronteiras entre “o público” e “o privado”, com as quais aproximaram teoria e prática, além do modo como experienciaram tudo isso.

O destaque à ação coletiva e seus fins, muitas vezes deixou soterradas as experiências subjetivas, o que nem sempre corresponde à acomodação ou negação destas, podendo ser expressas em desabafos, como o da feminista Rachel Moreno, em uma de suas avaliações, quando ainda atuante em grupo de mulheres, tal como o destaque:

Nós, feministas, assumidas e militantes, não encontramos nos nossos grupos, espaço para a reflexão sobre os conflitos e as contradições com os homens que amamos, ou com a mulher que amamos. Temos medo e pouco espaço para repensar a nossa vontade e nossos conflitos, nossos problemas de definição, a cada passo, de uma postura que pretendemos coerente com os nossos ideais.¹¹

Em certa passagem de seu trabalho, na obra “Além dos Fragmentos”, Sheila Rowbotham,¹² também destaca, que o enfoque da *condição feminina* direcionava, naquele contexto, o olhar para as *outras mulheres*, ou para *a mulher*, indiscriminadamente.

¹¹ MORENO, Rachel, *DE FEMINISMOS, DE FEMINISTAS, DE MULHERES*, In: CARVALHO, Nanci V, *A CONDIÇÃO FEMININA*, São Paulo: Vértice / Edit. Revista dos Tribunais, 1988, p.44.

¹² ROWBOTHAM, Sheila, SEGAL, Lynne e WAINWRIGHT, Hilary. *ALÉM DOS FRAGMENTOS: O Feminismo e a Construção do Socialismo*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981 p.p. 57-97.

Nesse mesmo trabalho, essa feminista inglesa, destaca ainda, que os grupos de mulheres sempre esperavam contrariar a visão do militante tradicional de esquerda, traduzida numa imagem solitária, sem vínculos, despojada de emoções domésticas; que é dura, ereta, reservada, sem tempo, ou capacidade para expressões sentimentais e, para quem, a amizade seria um desvio. Uma meta que, apesar dos esforços realizados, muitas vezes não foi alcançada, o que, em parte, se deve à força dos modelos de controle autoritário internalizados em muitos dos agentes políticos.

Ainda mais, toda a nossa tradição científica era voltada para deslocar-se das análises, o Sujeito. Este, enquanto pessoa que, para além da imagem e representação política, sente a sua experiência numa dinâmica interioridade x exterioridade, o que possibilita que sejam ressaltados outros ângulos dos acontecimentos de um processo histórico, e se constitui em via de alargamento da compreensão deste.

Fascinada por todas estas questões, busquei neste trabalho, destacar a atuação das mulheres que participaram dos movimentos políticos organizados em defesa da erradicação das desigualdades e discriminações entranhadas nas interrelações da sociedade brasileira, no contexto dos anos 70 e 80, e destacadamente, nos grupos feministas, nas organizações de mulheres, em grupos sindicais e outros, onde a temática das relações de gênero, tenha sido enfocada, como uma questão prioritária.

Por outro lado, já tendo trabalhado com a condição social das mulheres, nos anos 50 e 60, durante o Mestrado,¹³ decidi avançar nos estudos e pesquisas sobre as relações de gênero, buscando conhecer, a partir das mulheres sujeitos desses movimentos, dos anos 70 e 80, suas avaliações, hoje, de como vivenciaram essa experiência, além de, nessa mesma perspectiva, avaliar as transformações que teriam ocorrido, tanto a nível das interações sociais mais amplas, quanto a nível do sujeito: as alterações nos modos de subjetivação destas mulheres, decorrentes de suas lutas para a realização das utopias de igualdade social.

¹³ SOUSA, Sandra Ma. Nascimento. *MULHER E FOLIA. A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS BAILES DE MÁSCARAS DO CARNAVAL, EM SÃO LUÍS, NOS ANOS 1950 A 1960*, São Luís – SECMA / Litograph, 1998.

Em meio a estas reflexões, a atuação das mulheres negras se destacou como modelada por uma constituição especial: de um lado, as mulheres negras juntavam-se aos homens negros, lutando pela eliminação de barreiras e discriminações sociais, que permeavam suas relações com as mulheres e os homens brancos; de outro lado, lutavam pela resolução de suas questões específicas como *mulheres negras*, distintas daquelas das mulheres brancas, apontando a ausência destas, no conjunto das reflexões do movimento feminista. Senti então, que esta percepção deveria ser integrada às análises que dizem respeito ao movimento das mulheres, nesses anos 70 e 80, incluindo a fala da mulher negra, que acrescenta às várias expressões das desigualdades e discriminações, marcações distintas.

Com este empreendimento, e não pretendendo movimentar-me unicamente, nos registros das ações grupais, procuro situar minhas análises, sobretudo, no âmbito das avaliações feitas pelos sujeitos-mulheres, através de suas lembranças e interpretações, com a convicção de que, assim, contaremos com maior riqueza de detalhes dessa experiência o que contribui para acrescentar outras perspectivas de compreensão e, para apontar outras conexões que a dinâmica desse processo contém.

Sentindo então, a responsabilidade de atuar junto a essas mulheres, como uma intérprete de suas memórias e avaliações, para captar os seus movimentos de construção e desconstrução, especialmente nas relações de gênero, sirvo-me nesta caminhada de suportes teóricos, analíticos e de compreensão subjetiva, emocional e interativa, para, nos limites de uma Tese Acadêmica, constituir certas facetas de uma realidade histórico-social, que todos reconhecemos, hoje, ser plena de diversidade e complexidade.

A METODOLOGIA: O CONTATO COM AS NARRADORAS

Estando inserida nas mesmas condições sócio-históricas da geração de mulheres que se destacam neste trabalho, atravessei aquele momento dos anos 70 e 80, sentindo-me em meio a um turbilhão de forças, que ameaçava destruir todas as referências com que antes nos orientávamos, e que, ao mesmo tempo, ressaltavam perspectivas de um futuro diferente para homens e mulheres. Por essa razão, no percurso do trabalho, muitas vezes

senti-me em sintonia com as experiências das mulheres que busquei, para constituir este trabalho.

Para encontrá-las, decidi circular por um âmbito de maior abrangência, selecionando mulheres que residem, atualmente, em São Luís e em São Paulo. Em São Luís, por ser o local de minha residência, onde tive convivência próxima com algumas militantes feministas, nos anos 80. Em São Paulo, onde me fixei para cursar o doutorado em Ciências Sociais, por ser reconhecidamente, o lugar de onde se irradiou a produção desses movimentos organizados.

Não me detive, porém, a fazer estudos comparativos, que viessem ressaltar as diferenças regionais das condutas das militantes, ou dos estilos dos movimentos, embora o soubesse, que algumas diversidades, certamente, despontariam no percurso do trabalho. A idéia básica que norteou o desenvolvimento da tese, sempre foi, a de apreender, através das lembranças das mulheres, de diferentes localidades, grupos e organizações políticas, os movimentos que empreenderam em prol das mudanças nas relações de gênero, e a avaliação que, hoje, teriam dessa sua atuação.

Com essa intenção, pus-me a planejar a sua constituição, quando então, ia colocando numa tela branca, da minha imaginação, o cenário, as paisagens, os sujeitos e as ações que viriam compor as histórias que desejava narrar, selecionando, à semelhança das bordadeiras, linhas, cores, tons claros, suaves, ou fortes e escuros que expressariam a leveza ou a dureza dos movimentos empreendidos pelas mulheres, naqueles anos 70 e 80. Este processo de montagem é sempre uma fonte de animação para a realização de todo trabalho concreto.

Se, porém, no plano imaginário em que compunha este projeto, as tarefas pareciam fáceis e de realização imediata, no nível da sua operacionalização efetiva, elas apresentaram-se permeadas por facilidades, mas também por dificuldades, ou entraves, que me requisitaram o exercício da paciência e da persistência. Considero importante fazer o registro de todos esses cruzamentos que constituíram este trabalho.

Busquei meus primeiros contatos entre mulheres brancas e negras, que participaram de Grupos Organizados, em São Luís, como: "Mulheres da Ilha", "Espaço Mulher", "Mãe Andreza", "Centro de Cultura Negra" e, em outras organizações sindicais, culturais e partidárias, nas quais, o foco da luta pela mudança

social, foi redirecionado para integrar a abordagem da temática feminista, em final dos anos 70 e durante os anos 80. Com essa localização, pude ir lembrando de nomes de pessoas com as quais, em alguns momentos, eu estive participando, também, de alguns eventos. Essa convivência, facilitava em primeira instância, nosso reconhecimento, e a interlocução que se seguia ao marcarmos um encontro. Nesse espaço e, nessas condições, o trabalho foi se compondo dialógicamente, com onze mulheres, brancas e negras, de idade variável, entre 40 e 55 anos, com exceções para uma de 39 anos, e outra de mais de 60 anos.

Em condições diferentes, na Cidade de São Paulo, muitas aproximações tornaram-se difíceis, pela ausência do reconhecimento que as relações de amizade me propiciaram, naquele primeiro momento. Nesse espaço, vim seguindo as trilhas, das mulheres que estiveram atuando, também, em grupos feministas, e outras organizações especiais, sindicais, etc., com as questões das desigualdades nas relações de gênero, tais como o "SOS Corpo", "SOS Violência", "Viva Maria", "Geledés", "Fala Preta" e outros, através de nomes que me iam sendo indicados nos contatos com amigos de cursos, com professores da PUC, ou ainda, pelos nomes de que me lembrava, pelo seu ativismo, ou pela sua produção acadêmica.

Na circunscrição destas referências, foi possível realizar a interlocução com 12 mulheres, brancas e negras e, como no primeiro momento, a faixa etária foi variável, entre 40 e 55 anos, com duas exceções, uma, em torno de 39 anos e a outra, com mais de 70. Todas essas mulheres nasceram e residiram em diferentes localidades deste Brasil. São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Maranhão, Ceará, Recife. A limitação do número de mulheres e a sua representatividade, foi orientada pelo critério básico das técnicas qualitativas: *o ponto de saturação*, ou *a bola de neve*. No caso desta pesquisa, o critério do *ponto de saturação*, foi atingido, à medida em que os dados começaram a se repetir.

Em nossos primeiros encontros, algumas destas mulheres, colocavam-se logo à disposição para contribuir, e agendavam horário e local para nos encontrarmos. Outras, entretanto, estiveram reticentes, hesitantes e, por vezes, adiavam para um segundo momento, o encontro, quando então acertávamos tudo. Em alguns casos, tornava-se inviável esse acerto, sempre justificado pela falta de tempo disponível. Visando reduzir as dificuldades, sempre foi deixado a cargo daquelas que iam se

constituindo como as narradoras neste trabalho, a definição do local e do horário do encontro, a partir do que eu ia prosseguindo, com o meu gravador, lápis e bloco de anotações.

Assim, trabalhamos juntas, muitas vezes, em meio à execução das tarefas em que estavam imersas: em Postos de Saúde, Conselhos Estaduais, Instituições de Pesquisas, Universidades e, também em bares, ou em suas residências. Disso decorre que, nas gravações de suas narrativas, além de suas vozes, estão registrados ruídos de música, choro de crianças, chamadas telefônicas, recados em secretárias eletrônicas, algumas vezes interferindo na sequência dos relatos.

Em parte, compreendi essas adições, como expressão da fragmentação e da amplitude em que se estende a atividade das mulheres e, por outro lado, reconhecendo que, estas mulheres ainda atuam em fóruns públicos, de muita visibilidade. Nesta última condição, além da limitação de tempo para disporem-se a historiar os acontecimentos que perpassaram suas vidas, naqueles anos, pareceu-me ter-se ressaltado o receio de que viessem a ser reconhecidas em seus relatos, por companheiras de militância, parceiras no trabalho, amigas, ou ainda de perderem posições privilegiadas, já alcançadas nas histórias já contadas do movimento de mulheres.

Esse receio foi claramente expresso, em algumas solicitações que me foram feitas para que seus nomes fossem omitidos, e, também, suas referências de trabalho. É importante dizer que, ao falar deste trabalho, dei destaque à importância de ressaltarmos o foco da subjetividade, sendo necessário, então, colocarem as suas vivências pessoais na rememoração do percurso, as suas avaliações atuais sobre essas vivências, nas diversas tentativas que fizeram para adequarem teoria e prática, na experiência da mudança. Por vezes, parte de suas avaliações ficou abafada pelos ruídos, ou entrecortada. Outras vezes, sentia-se a dificuldade para a expressão de algumas rememorações.

Pollak, é o teórico da Memória que contribui muito para nos fazer entender que existem "*memórias subterrâneas*", *as que são difíceis de alcançarem expressão, fora dos círculos muito íntimos de nossas relações. Algumas lembranças individuais e de grupos podem ser consideradas indizíveis, vergonhosas, ou proibidas, sendo então, zelosamente*

*guardadas em estruturas informais de comunicação, durante muito tempo.*¹⁴ No momento da necessidade de uma lembrança as circunstâncias atuais que envolvem aquele que a pratica, são consideradas em termos de benefícios, contribuições ou prejuízos.

É então, com esta compreensão, que faço o registro de suas narrativas, sem ressaltar os seus nomes e, na medida do possível, dados que possam demarcar o seu reconhecimento.

Em nosso tempo de trabalho, a duração das narrativas foi variável, também, em função da disponibilidade de tempo das mulheres, de uma e meia a quatro horas, nas quais, estas discorreram longamente sobre suas trajetórias, suas vivências nos grupos em que atuaram, e nos que atuam, no momento, reproduzindo-se então, o que se manifesta quando trabalhamos com a memória, o tempo significado pelo narrador, fluindo num movimento em que se alternam, passado, presente e projeção do futuro, reconhecendo-se ainda, o que está ressaltado na perspectiva de Bergson: "*Na memória, o tempo verdadeiro é o tempo vivido, aquele que a consciência faz durar.*"¹⁵

Assim, foi nesse tempo vivido pelas narradoras, que muitas vezes, suas lembranças mobilizaram fortes emoções, e até mesmo lágrimas. Nesses momentos, criavam-se, entre nós, elos de aproximação, muitas vezes, pelo reconhecimento de situações experienciadas de forma semelhante, reforçando-se uma empatia inicial, ou então quebrando-se o gelo, que parecia irreduzível, em nosso primeiro contato.

Neste trabalho, portanto, os sujeitos e os acontecimentos vividos estão unidos, expressam-se em uma teia que é complexa, multifacetada, que se revela no dizer desses sujeitos, compondo suas histórias e a História, de seu tempo. É, como ressaltou Benjamim: *o cronista que narra os acontecimentos, entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que, nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a História...*¹⁶

AS TÉCNICAS PARA O TRABALHO COM AS NARRADORAS

Ao utilizar neste trabalho, a história de vida como história oral, tinha a clareza de estar reconstituindo, a partir de uma outra perspectiva, os movimentos em que estiveram inseridas estas mulheres, não descuidando do rigor metodológico, porém buscando mais desvelar conflitos, contradições, questionamentos dos sujeitos, assumindo dúvidas, por pensá-los como componentes da totalidade desses movimentos, e não me preocupando exclusivamente, em ressaltar as datas e os acontecimentos, ou verificar as relações constantes entre suas causas e efeitos.

Por vezes, os que adotam essa preocupação, com a lógica, a neutralidade, ou a objetividade absoluta, em relação ao seu trabalho, colocam em questão a utilização da história oral como técnica, por considerarem que os dados objetivos, mesclam-se aos subjetivos, e, por isso mesmo, são imprecisos, e carecem de evidências. Atualmente, porém, um grande número de pesquisadores já tem como prática de trabalho a utilização da história oral, e suas experiências tem dado conta, em escala cada vez mais ampla, das suas vantagens, colocando, também em questão, a veracidade das demais fontes, assim como põem em discussão, a questão da "falsidade" e da "verdade" dos dados obtidos.

Em sintonia com este registro, encontro o argumento citado pela historiadora Maria Odila Dias,¹⁷ de que na história, *em toda fonte escrita, os documentos, estão comprometidos com os valores de outros, de dominação e poder. Em alguns casos, se encontram muito dispersos e reticentes, especialmente com relação ao cotidiano dos pobres e dos analfabetos.*

Já, em Thompson, encontro apoio quando destaca: *A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral, é que, em muito maior amplitude que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original dos pontos de vista.*¹⁸ Quanto à evidência dos fatos e à sua credibilidade, Thompson considera que as fontes subjetivas podem ser acusadas de serem infalíveis, ou fantasiosas, entretanto, a subjetividade é um dado real, em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais. O que interessa

¹⁴ POLLAK, Michael. MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E SILÊNCIO. São Paulo, Editora Revista dos Tribunais / Publicações Estudos Históricos, 1989.

¹⁵ BERGSON, Henri. MATÉRIA e MEMÓRIA: ENSAIO SOBRE A RELAÇÃO DO CORPO COM O ESPÍRITO, São Paulo: Livraria Martins Fontes Edit, 1990.

¹⁶ BENJAMIN, Walter. MAGIA e TÉCNICA: ARTE E POLÍTICA. OBRAS ESCOLHIDAS. V.1. São Paulo: ed. Brasiliense, 1994, p.223.

¹⁷ DIAS, Ma. Odila Leite de Silva. QUOTIDIANO E PODER EM SÃO PAULO NO SÉCULO XIX, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995, p.17.

¹⁸ THOMPSON, Paul. A VOZ DO PASSADO, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992, p.18.

em história oral, é saber porque o entrevistado foi seletivo, ou omisso, pois essa seletividade, ou certeza tem o seu significado.

Em um outro momento, Thompson, ainda destaca que:

o historiador vem para a entrevista para aprender, sentar-se ao pé de outros, que por serem de classes sociais diferentes, ou menos instruídos, ou mais velhos, sabem mais a respeito de alguma coisa. A reconstrução da história, torna-se então, ela mesma um processo de colaboração muito mais amplo, em que não profissionais, desempenham um papel crucial.¹⁹

Embora possa assegurar que, os interlocutores do historiador, ou de qualquer outro analista social, possam ser de quaisquer outros segmentos sociais, que os apontados por Thompson, entendo que, *sentar-se ao pé de outros*, ou simplesmente, *sentar-se com os outros*, escutá-los, acompanhar os movimentos de suas lembranças, é, certamente, ampliar a história que juntos vamos construindo.

Assim, para transitar nos movimentos de mulheres, de modo a percebê-los como conjuntos vivos, complexos e dinâmicos; a percebê-los de dentro, é que selecionei a história de vida como história oral, como um recurso técnico, que pode interligar sujeitos, ações, expressões, interpretações e experiências sociais.

Senti-me plenamente respaldada para assumir esta posição, especialmente ao constatar que o paradigma científico dominante, segundo o qual sujeito e objeto são instâncias separadas, e cujo distanciamento deveria ser mantido para um melhor alcance da "objetividade científica", está sendo revisto e passando por reformulações que destacam sobremaneira, a eliminação dessa distinção tradicional entre o sujeito e o objeto no trabalho científico.

Segundo Boaventura S. dos Santos,²⁰ já em final dos anos sessenta, a Sociologia e a Antropologia, detinham-se a questionar o seu "status-quo" metodológico e as noções de distância social em que se assentava. Esse questionamento, pondo em realce a distinção entre o sujeito e o objeto, no período pós-estruturalista veio a explodir. Parafraseando Clausewitz, Boaventura ainda ressalta, que podemos afirmar que o Objeto é a continuação do Sujeito, por outros meios.

¹⁹ Id. Ibid.

²⁰ SANTOS, Boaventura de S. UM DISCURSO SOBRE AS CIÊNCIAS, Porto: Edições Afrontamento, 1996 p.p. 50-58.

Em suas análises, a perspectiva de um paradigma que está sob a ameaça de ser revisto, ou desconstruído, induz à compreensão de que a ciência moderna nos legou um conhecimento funcional do mundo que alargou extraordinariamente as nossas perspectivas de sobrevivência. Mas, reafirma, *"hoje não se trata mais de sobreviver, mas de saber viver. Para isso, é necessária uma outra forma de conhecimento. Um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e, antes, nos una pessoalmente ao que estudamos"*.²¹

É, apoiando-me nestes fundamentos, que atribuí às mulheres – sujeitos que contam, aqui, suas histórias, a designação de "Narradoras". Não as situo, unicamente, como informantes, ou depoentes, que seriam apenas transmissoras de determinadas informações, a um sujeito pesquisador, que possivelmente, preocupado com a objetividade científica, as receптasse friamente. O *contar as suas histórias* é que me designa, principalmente, as funções de *ouvinte* e de *intérprete*. Pacientemente, a minha escuta, intenciona captar os seus ditos, os não ditos, os movimentos, os gestos e os significados impingidos às suas próprias avaliações.

O que fazem estas mulheres ao desfiarem suas lembranças, na verdade, é irem tecendo narrativas, extraídas de material vivo destas, compondo o desenho de seu existir, desde seu nascimento, as condições da educação familiar, de seu trabalho profissional, de seu casamento, da maternidade, atuação em movimentos políticos. São etapas importantes da vida destas mulheres, que refletem conteúdos essenciais da história social, de parte das mulheres que vivem neste país.

A arte de narrar, segundo Benjamin²² é o que se está perdendo em nossa sociedade de informação midiática, cedendo o lugar ao relato breve, tendencioso e mal transmitido. Embora, o trabalho em que Benjamin faz este registro, se refira à atual situação de desvantagem em que se encontram os narradores clássicos de lendas e de contos, tomo em consideração as suas reflexões sobre a preciosidade do ato de narrar, que, ele, sabiamente, distingue do ato de informar.

A narrativa, segundo Benjamin é num certo sentido uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o puro em si da coisa narrada como uma informação, ou um relatório, aspirando estes últimos a serem plausíveis e

²¹ Id. Ibid. p.52.

²² BENJAMIN. Op. Cit. p.p. 198-221.

de verificação imediata, ao mesmo tempo que, intencionam serem breves e apresentam os fatos prontos e acompanhados de explicações. No ato de narrar, os sujeitos despreocupando-se de fornecerem as explicações, colocam as circunstâncias que envolvem sua vida, os acontecimentos, e mesmo que os avaliem, deixam mais soltas as rédeas da imaginação, o que implica numa amplitude maior da narrativa ante a informação.

Por outro ângulo de análise, M^a Isaura de Queiroz²³ ressalta que o relato oral,

constituirá sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale dizer, a maior fonte de dados para a ciência em geral... Em todas as épocas, a educação humana, ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos se baseará na narrativa, que encerra uma primeira exposição: a da experiência indizível que se procura traduzir em vocábulos.

Concordo com ela, ainda, quando ressalta, que a transmissão das experiências tanto pode referir-se ao passado distante, quanto ao passado mais recente, à experiência do dia a dia. Pode referir-se ao legado dos antepassados e, também à comunicação de ocorrência próxima no tempo, tanto pode veicular noções adquiridas diretamente pelo narrador, que pode inclusive ser o agente daquilo que está narrando, como transmite noções adquiridas por outros meios que não a experiência direta, e também as antigas tradições do grupo e da coletividade.

Uma outra questão muito importante, na utilização da história de vida como história oral, diz respeito às possibilidades dadas, na interação entre uma pesquisadora e suas narradoras: a, destas últimas, a levarem a ver outras dimensões e a pensar de maneira mais criativa a problemática que, através delas, se propôs a analisar. É Guita Debert quem complementa este argumento, ressaltando que:

o diálogo com os sujeitos informantes permite uma relativização dos conceitos e de seus pressupostos, que, muitas vezes, na forma através da qual são formulados, tendem a universalizar as experiências humanas.²⁴

É assim que, munida com o reforço de todos estes argumentos utilizo esta técnica neste trabalho.

A TEORIA: SUSTENTAÇÃO DO TRABALHO ANALÍTICO

Quando nos exercitamos como coletores das histórias de vida e, mais adiante, como seus intérpretes, é muito importante que portemos os instrumentos adequados. Sem dúvida, a correspondência entre as opções teóricas e os recursos técnicos, é fundamental para que se possa perceber, com mais clareza, a constituição e a complexidade do que estamos tratando.

Neste trabalho, as histórias de vida, que são tecidas pelas narrativas das mulheres, em seus movimentos, trazem interpretações, reflexões, elucidações e questionamentos que serão adubados e expostos à luz e ao calor de outras reflexões, interpretações e teorias que circundam o campo de trabalho da Memória. Muitos trabalhadores da ciência e da pesquisa, que atuam nessa área, já buscaram aperfeiçoar os seus instrumentos, as teorias, para melhor clarificá-las e compreendê-las.

Neste sentido, destaco especialmente as perspectivas de Bergson²⁵ e de Halbwachs,²⁶ como teorias mais abrangentes, que buscaram dar conta de seus elementos constitutivos, e da sua dinâmica, tornando muito de seus achados, conceitos e categorizações, referências clássicas, com as quais poderíamos identificar, distinguir, ou classificar os mecanismos da Memória e, para além disto, compreender o seu papel na construção dos sujeitos e na constituição de suas histórias.

Dos estudos de Bergson, sobre percepção e memória, o mais importante a reter, para os limites deste trabalho, é o princípio central da memória como conservação do passado, na medida em que este sobrevive, quando chamado pelo presente sob a forma de lembranças, ou em estado inconsciente. Para trabalhar este princípio, refere-se em primeira mão, à existência da memória-hábito: os esquemas de comportamentos guardados, pelo corpo, e todo o adestramento cultural, de que nos servimos para efetivar as ações presentes; os hábitos que nos são utilitários para a vida cotidiana e, também, a existência das imagens-lembranças- a memória sonho: lembranças independentes de quaisquer hábitos, lembranças singulares, que se referem a uma situação individualizada. Nesse

²³ QUEIROZ, Ma. Isaura P. de. *RELATOS ORAIS: DO "INDIZÍVEL" AO "DIZÍVEL"*, In: SIMSON, Olga de M. Vou, EXPERIMENTOS COM HISTÓRIAS DE VIDA (Itália-Brasil). Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, 1988 p.p. 14-40.

²⁴ DEBERT, Guita G. *PROBLEMAS RELATIVOS À UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA DE VIDA E ORAL*. In: A Aventura Antropológica – Teoria e Pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.142.

²⁵ BERGSON, Henri. Op. Cit.

²⁶ HALBWACHS, Maurice. *A MEMÓRIA COLETIVA*. São Paulo, Edições Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

entendimento o passado se conserva inteiro e independente no espírito.

Maurice Halbwachs, dialoga com Bergson, na construção de sua teoria, apegando-se à idéia contrária de que a memória individual seja um fenômeno da psique, que se constrói, isoladamente, e que seja a conservação do passado na sua inteireza. Nessa vertente, Halbwachs demarca o "social" como base da Memória e, transpõe a sua suposta fixação no passado, ao entender o movimento que nela se efetua, a partir dos significados que os sujeitos dão aos acontecimentos que os atravessaram, em função de sua situação no momento presente. Nesse movimento, linhas sinuosas, que sobem e descem, se articulam e são manifestadas nas lembranças, ressaltando fatos, interpretações, significações e vínculos dos sujeitos com os grupos de que são parte: familiares, escolares, religiosos, profissionais, ou de participação política.

Desse modo, se em Bergson podemos compreender os mecanismos psíquicos, com os quais o passado pode ser conservado, constituindo a memória individual, em Halbwachs, o enfoque se amplia na compreensão da memória, enquanto construção do sujeito, apoiada nas referências fundadas nas interações sociais. São essas referências que fincam os sujeitos aos diversos grupos de sua convivência social, remetendo-os à sensações de identificação e pertencimento. A memória, para Halbwachs é trabalho, de construção e reconstrução permanente dos sujeitos. Focaliza a partir desta perspectiva, a Memória Coletiva, que distingue da Memória Histórica, cuja narrativa dá conta dos eventos, dos acontecimentos, todavia, na maioria das vezes, com vazios, que seriam preenchidos pelos sujeitos que os realizam e com os significados que estes lhes atribuiriam.

Outra referência clássica, e de muito valor, é o trabalho de Michel Pollak,²⁷ que ao circunscrever a memória como objeto de trabalho, ocupa-se com a questão das Memórias Nacionais, construídas por intelectuais produtores das memórias históricas oficiais. Ressaltando os recursos redutores que enquadram os fatos e os acontecimentos sociais na perspectiva das ideologias dominantes, nos conduz ao entendimento de um outro tipo de memória, ou seja das "Memórias Subterrâneas", presentes nos grupos minoritários e discriminados; a memória de situações e

vivências que não podem se manifestar publicamente, para não mobilizarem censuras, ou punições. São confinadas ao silêncio, ou ao esquecimento, e, podem emergir em situações nas quais não se constituiriam mais perigosas para os sujeitos.

Freud, assim como Halbwachs, também localiza a memória, em seus estudos de psicopatologia, como trabalho de reconstrução. Nessa perspectiva, destaca que, quando sujeitadas as lembranças conservadas pelas pessoas, à investigação analítica, é fácil determinar que nada garante a exatidão delas, "*algumas das imagens mnêmicas, certamente são falsificadas, incompletas ou deslocadas, no tempo e no espaço.*"²⁸

Há evidências na investigação analítica, ainda segundo Freud, de que os erros e os lapsos nas lembranças, não são causados simplesmente por uma memória infiel. Em citação mais apropriada a esta reflexão, ele ressaltou: "*posso afirmar de antemão o resultado de toda série de observações: em todos os casos, o esquecimento mostrou-se baseado em um motivo de desprazer.*"²⁹

Entender os conceitos e processos apontados nessas teorias, é uma via necessária para este trabalho. Serão fundamentos sobre os quais estarei apoiando as interpretações das histórias narradas. Serão como mapas, com os quais intenciono seguir roteiros, encontrar caminhos, lugares e circunstâncias nas quais se cruzam as linhas da vida e das histórias dos sujeitos aqui constituídos, como narradoras.

Ao destacar histórias de mulheres, lembro da frase de Michelle Perrot,³⁰ "*no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues.*" Com essa provocação, ela vai avançando em demonstrar que os feitos das mulheres não tem sido considerados relevantes para a historiografia e, tem sido grande, ainda hoje, o enfrentamento para ampliar-se as tentativas de lhes dar visibilidade.

Com a falsa divisão entre o público e o privado, foram criadas as condições para alocar o trabalho e a criação das mulheres, no âmbito do menor, do sem valor, do superficial, em contraposição à atuação masculina, significada como mais importante, mais valiosa, e da ordem do prioritário. Especialmente,

²⁸ FREUD, Sigmund. A PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA, V.VI. OBRAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD - 1901. Rio de Janeiro: Imago Editora, p.71.

²⁹ Id. Ibid. p.171.

³⁰ PERROT, Michelle, *PRÁTICAS DA MEMÓRIA FEMININA*, In: Revista Brasileira de História, São Paulo: V.9, nº18, ago 89 / set 89 p.9.

²⁷ POLLAK, Michael. São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais / Publicações Estudos Históricos, 1989.

quando as mulheres tentam romper o cerco dessa tradição, e das atribuições convencionais, que lhes são impostas socialmente, atraem para si pesado ônus, desprezo e rejeição social. Essas vivências são gravadas na memória, envoltas pelos sentimentos e reações que são suscitados.

Michelle Perrot acentua, ainda, que a memória é sexuada,

Por serem designadas como atrizes privilegiadas, na esfera privada, as mulheres guardam as lembranças especiais da casa, de seus detalhes, dos objetos que a compõem, dos relacionamentos com os filhos, com os parceiros, dos dias de alegrias, de tristezas que ocorrem em suas existências.³¹

Acrescento, contudo, que em experiências de trabalho anteriores já ficou, para mim, demonstrado que a memória feminina é guardiã, não só dos acontecimentos da esfera do privado, mas de todos aqueles que mesmo referidos ao espaço público e ao mercado de trabalho, atravessam a soleira das portas de suas casas.

Entendendo-se que a substância da memória é constituída de pontos de vista socialmente situados sobre o passado, partindo-se dela, então, pode-se localizar a condição social em que está inserido o seu Sujeito. De acordo com Joan Scott,³² o lugar que a mulher ocupa na sociedade está determinado principalmente pelo sentido que adquirem as atividades por elas exercidas, o que, de um outro modo, quer dizer que as experiências concretas das mulheres, assim como o sentido que tais práticas assumem no discurso dominante, estão imbricadas em relações de poder historicamente determinadas. É, então, no sentido de uma produção sócio-histórica e cultural, que se pode perceber conteúdos diferenciados na rememoração de homens e mulheres.

Para Anne Marie Devreux:

A reaparição dos eventos vividos, puxados pelos fios da significação das lembranças varia[...] os enquadramentos tingem diferentemente tanto a significação conferida, quanto a própria reconstituição do passado feitas pelas rememorações de homens e mulheres, uma vez que as sociedades se empenham em providenciarem, para ambos, lugares e identidades estruturalmente distintos e desiguais. E esta divisão e hierarquização sexual é vivida e vista como algo evidente porque é apresentada e fundada na natureza.³³

Com estes recortes, procuro destacar o que, de certo modo já é comum à percepção dos que trabalham com os conteúdos das rememorações; a memória está enraizada nas múltiplas camadas da experiência de sujeitos sociais concretos que, ao desfiarem suas lembranças, deixam transparecer as relações de poder, as tensões, as contradições que perpassaram suas existências, assim como aquelas onde está inserido, em seu momento presente.

Voltando a Anne Devreux, concordo com seu argumento de que, a divisão e a hierarquização sexual, são vividas como algo *evidente*, porque são apreendidas como sendo fundadas na *natureza*, de acordo com a idéia corrente, de que nossas diferenças anatômicas é que nos impõem, exclusivamente, as designações do *ser homem*, ou *ser mulher*, na sociedade.

Nesta acepção, sintonizo com a perspectiva feminista, que ressalta que, é no contexto social, em suas malhas tecidas pela linguagem, pelos sistemas de representação, pelos significados atribuídos, que essas designações são constituídas, enganchando nas diferenças anatômicas, tornando-as atributos diferenciados e marcados pelo desequilíbrio em termos de acesso aos recursos e oportunidades sociais.

É, nessa linha de pensamento, que Saffioti destaca:

...tanto o gênero quanto o sexo são inteiramente culturais, já que o gênero é uma maneira de existir do corpo e o corpo é uma situação, ou seja um campo de possibilidades culturais, recebidas e reinterpretadas[...] os fatos biológicos, nus da sexualidade, não falam por si próprios; eles devem ser expressos socialmente. Sente-se o sexo como individual ou, pelo menos, privado, mas estes sentimentos, sempre incorporam papéis, definições, símbolos e significados dos mundos nos quais eles são construídos.³⁴

Acrescenta ainda:

nesta linha de raciocínio, o corpo de uma mulher, por exemplo é essencial para definir sua situação no mundo. Contudo é insuficiente para defini-la como uma mulher na sociedade.³⁵

Entende-se, então, que muitas das diversidades culturais, são "naturalizadas", reforçando vieses ideológicos, segundo os quais, especificidades como as de gênero – *o ser mulher*, *as de etnia* – *o ser negro*, ou *as de classe social* – *o ser pobre*, determinam menores chances de oportunidades e de recursos

³¹ Id. Ibid. p.15.

³² SCOTT, Joan. *GÊNERO: Uma Categoria Útil de Análise Histórica*, In: Revista Educação e Realidade, Porto Alegre, vol XVI, nº 2, julho – dezembro, 1990.

³³ DEVREUX, Anne M., *L'A MEMOIRE N'A PAS DE SEXE*, In: PENELOPE: POUR L'HISTOIRE DES FEMMES, nº 12, 1985.

³⁴ SAFFIOTI, Heleieth I.B. *REARTICULANDO GÊNERO E CLASSE SOCIAL*, In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina (orgs.), *UMA QUESTÃO DE GÊNERO*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p.190.

³⁵ Id. Ibid. P.192.

a serem conquistados, ou obtidos nas redes das interrelações sociais.

Isto também é registrado por Verena Stolcke, quando ressalta que:

As diferenças de sexo, não menos que as de raça, foram e continuam a ser ideologicamente identificadas como fatos biológicos socialmente significativos nas sociedades de classes e são construídas e legitimadas por se basearem nos supostos fatos biológicos das diferenças de raça e de sexo[...] A característica decisiva da sociedade de classes, a esse respeito, é uma tendência geral a naturalizar a desigualdade social.³⁶

Prosseguindo, Stolcke, reafirma que, a “naturalização” é uma formulação ideológica, que intenta superar as contradições inerentes à sociedade capitalista, tentando conciliar as disparidades entre o **ethos** da igualdade de oportunidades para todos e a real existência de uma situação de desigualdade e dominação sócio-econômica, em âmbito nacional e internacional. Nessa perspectiva, não é surpreendente que, constantemente, as teorias científicas sobre “raça”, sejam reativadas para demonstrar a inferioridade mental inata, dos negros especialmente, quando estes se mobilizam fortemente, para exigirem a igualdade de direitos, a exemplo do que é destacado em um artigo publicado por Jensen, em 1969.³⁷ Vendo-se por esse ângulo, o *racismo* é uma doutrina político-ideológica fundamental para conciliar “a igualdade de oportunidades” com a desigualdade de oportunidades na vida social.

Por outro lado, Stolcke, ainda acentua:

Quando se quer que a condição social seja atribuída a deficiências naturais, as mulheres caminham para o palco central como mães, como responsáveis por darem à luz e reproduzirem, seja uma classe ou uma “nação”. Se a classe, ou a nação, é conceptualizada em termos essenciais, a capacidade procriativa das mulheres precisa ser controlada para perpetuarem os privilégios de classe e os nacionais com os raciais.³⁸

É essa complexa constelação de elementos econômicos e político ideológicos que, na visão de Stolcke, embasa as relações de gênero nas diferenças de sexo e a etnicidade na raça e, as diferentes experiências que as mulheres tem da opressão, dependendo de sua classe e/ou raça, são manifestações disso.

³⁶ STOLCKE, Verena. *SEXO ESTÁ PARA GÊNERO, ASSIM COMO RAÇA PARA ETNICIDADE?* In: Cadernos Cândido Mendes: ESTUDOS Afro-Asiáticos, 20, Junho-1991, p.110.

³⁷ JENSEN apud STOLCKE, In: Op. Cit. p.113.

³⁸ Id. Ibid. p.115.

Todos estes argumentos, me reforçam a compreensão de que, o trabalho com a Memória, que se constitui, junto aos sujeitos-agentes da dinâmica social, através da técnica da história de vida como história oral, é muito importante, no sentido de captar, melhor, as nuances e as manifestações de poder que embasam as relações em que esses sujeitos estão inseridos.

Ao refletir sobre isto, é bem lembrado destacar aqui a afirmação de Edgar Morin de que as nossas representações rememoradas flutuam num universo fantasmaticamente desdobrado, suscitado pelo espírito, que se sobreimprime ao universo das experiências perceptivas sem as apagar. Um poder de distinção reprojeta a recordação num tempo anterior e, ao mesmo tempo, reconhece-a como imagem no seio de um mundo interior:

o mundo da recordação está ligado a dois umbigos opostos, um no mais exterior, de um mundo exterior separado para sempre de si pelo tempo, e o outro no mais interior do mundo interior. Este mundo interior, registra todos os fatos, os acontecimentos, tornando-os imagens reais, que pelas representações circulam e solidificam as interrelações sociais.³⁹

Outro argumento acrescentado por Morin, é o de que, baseados numa concepção simplista, podemos acreditar que o passado e o presente são conhecidos, sobretudo quando se projeta, ou idealiza, um tempo futuro. Na realidade, diz Morin, há sempre um jogo retroativo entre o presente e o passado, em que não só o passado contribui para o conhecimento do presente, mas também as experiências do presente contribuem para o conhecimento do passado e transformam-no. Disto resulta uma racionalização contínua e inconsciente.

Desse modo, tal como Halbwachs, Morin entende que o trabalho da memória, é um trabalho efetuado pelo Sujeito, que constrói um passado e projeta, a partir de então, um prospectivo futuro, o que, ao seu modo de ver, é feito, encobrendo-se os acasos com as necessidades, transformando-se o imprevisto em provável e aniquilando-se o possível não realizado, na inevitabilidade do acontecimento.

Para Morin, estas projeções de futuro histórico, foram muitas vezes idealizadas pelos militantes, no percurso do final dos anos 60 e nos anos 70, em algumas organizações que assumiam “modelos jesuítico / burocrático / militar”, de organização política, nos quais, toda a complexidade da

³⁹ MORIN, Edgar. O MÉTODO III. O CONHECIMENTO DO CONHECIMENTO / 1. Publicações Europa. América Ltda. 1996 p.105.

realidade sócio-histórico e cultural em que viviam, era subsumida em concepções e estratégias simplistas.

O militante, diz Morin, "é o sal da terra"... desprende-se do egoísmo que o cerca para dedicar-se aos fins coletivos [...] ele difunde as virtudes de entusiasmo, solidariedade e fraternidade⁴⁰. Contudo, sob o efeito da linguagem "dura", de partidos e de algumas organizações, pode alienar-se a si próprio, perdendo a consciência da multidimensionalidade da realidade humana, social e cultural.

Mais uma vez, então, aumenta a minha convicção de que trazer à cena histórica, através de suas memórias, o menor feito, ou a mais arrojada das atuações das mulheres, quer sejam brancas ou negras, torna-se então, uma contribuição ao aumento de sua visibilidade, à compreensão de seus posicionamentos e de seus questionamentos, enfim, à sua transformação em sujeitos vivos, agentes que constróem, dinamizam e modificam relações de poder, em seu meio social.

Em obras brasileiras, como os trabalhos de Ecléa Bosi, Marina Maluf, M^a Odila Dias e Teresinha Bernardo, para citar só algumas, a memória feminina é tessitura rugosa, na qual linhas diversas se cruzam apontando essas intersecções existenciais de classe sócio-econômica, gênero e etnia, marcadas por diferenciações vincadas por desigualdades profundas. São linhas de existência, com as quais vão sendo traçados desenhos, figuras que representam os sujeitos. Podem modificar-se com o tempo, podem até mesmo cristalizar alguns desenhos, mas o esperançoso é que podem renovar a História dos homens e das mulheres.

A cristalização de algumas figuras, com as quais os sujeitos se representam nas relações sociais, manifesta-se com a apresentação de sua identidade; eu sou Maria... eu sou filha de...eu sou mãe de... eu sou militante... Estas são referências empregadas para nos conhecermos "entre outros", o que por um lado, desvenda, faz conhecer, e por outro, oculta, torna irreconhecíveis, outros "tantos eus". Por isso, penso que o conceito de identidade, deve ser compreendido na complexidade que comporta, para que possa utilizá-lo apropriadamente, no contexto deste trabalho, visto que estarei interessada, em apreender nestas histórias que o trabalho da memória constrói,

quem são os seus sujeitos e, como dão dinamicidade às suas escolhas, como manifestam seu desejo, e como na intersecção sujeito-relações sociais, fazem e modificam a História de seu tempo.

Para Pierre Bourdieu,

o mundo social, tende a identificar a normalidade com a identidade entendida como constância em si mesmo, de um ser responsável, isto é previsível, ou no mínimo, inteligível, à maneira de uma história bem construída, dispondo de todo tipo de instituições de totalização e de unificação do eu. A mais evidente é o nome próprio, designador rígido que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis, onde ele intervém como agente.⁴¹

Nessa perspectiva, a identidade pode ser pensada como uma âncora, referência que fixa um **eu**, para o qual é exigido permanência, mesmo ante as variações de circunstâncias, de lugares, de tempos e de espaços. O sujeito pode representar-se nos mais diferentes espaços com aquela identidade. Socialmente, é permitido falar-se de evolução, ou maturidade do sujeito, mas não de mudança, ou flutuação de identidade. Concluímos então, que é um atributo social, de reconhecimento e pertencimento a certos grupos ou segmentos de atividade.

Este pertencimento, entretanto, é construído a custo. de uma formidável abstração, tal como ressalta Bourdieu. Citando Proust, ele destaca o uso inabitual que este faz, ao falar das pessoas, designando-as com o seu nome próprio, precedido do artigo definido, como por exemplo: *a Albertina de então, ou a Albertina encapotada dos dias de chuva*. Para Bourdieu, este recurso indica a súbita revelação de um sujeito fracionado, múltiplo, e a permanência, para além da pluralidade dos mundos da identidade, socialmente determinada pelo nome próprio.

Já é comum, de certa forma, estar se questionando o conceito de identidade, que se vinculava ao sujeito, da Revolução Burguesa – o indivíduo centrado, unificado, que portava um núcleo interior, que desde o seu nascimento, até o fim de sua vida, se desenvolvia, permanecendo, porém, o mesmo. Esse "eu", como eixo central do sujeito, foi designado como sendo o núcleo da identidade. É este conceito que, hoje, passa por revisões, incluindo-se a perspectiva de que esse "eu" estável e coerente é mais uma construção abstrata.

⁴⁰ MORIN, Edgar. PARA SAIR DO SÉCULO XX, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p.299.

⁴¹ BOURDIEU, Pierre. A ILUSÃO BIOGRÁFICA, In: FERREIRA, Marieta de Novaes e AMADO, Janaína. USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL, Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.p. 186 e 187.

De acordo com Stuart Hall,

Dentro de nós, há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu".⁴²

Na ótica dos trabalhos de Suely Rolnik e de Guattari, a identidade, como conceito que enquadra um determinado modo de subjetivação, serve a uma referência ilusória. Nesta acepção "identidade e singularidade são duas coisas completamente diferentes".

A singularidade é um conceito existencial; já a identidade é um conceito de referência, de circunscrição da realidade a quadros de referências, quadros esses que podem ser imaginários.⁴³

Por essa via, o conceito de subjetividade amplia-se para conter os processos de singularização que, segundo Guattari, têm a ver com a maneira como a gente sente, como respira, como tem ou não tem vontade de falar, de estar aqui, de ir ou não embora e, não com coisas do tipo: "eu sou fulano"...⁴⁴

A referência identitária, neste sentido, organiza-se em torno de uma representação de si, dada *a priori*, que pode se cristalizar como imagem "de si". Na medida em que, essa imagem vá se constituindo em torno das orientações sócio culturais, pode abafar, ou excluir muitas das manifestações do desejo do Sujeito, que pode vir a sentir como ameaça, quaisquer expressões desse mesmo desejo que não sejam as convencionadas.

Suely Rolnik, usa uma expressão, no mínimo interessante, para ressaltar o que é a identidade: "sentir-se em casa". Qual o princípio que produz essa consistência? É a questão que ela se coloca ante o trabalho de desvendar a identidade e, entender o que querem dizer os diferentes modos de singularidade dos sujeitos.

Pensando assim, ressalta que os modos de "ser", são sempre circunstanciais a campos, e que, no nosso modo de ser está presente o coletivo, toda a nossa história, a multiplicidade

de circunstâncias realizadas pelos agenciamentos que o desejo vai operando. O desejo é nômade, não se prende à falta, promove as diferenças e a diversidade. Para Rolnik, o desejo da "casinha", como "imagem de si", é difícil, porque, em nossos percursos, ela está sempre sujeita a ruir. A imagem de si, como identidade social, foi gerada pela modernidade numa perspectiva fixa e evolucionista.

Guattari e Deleuze, são ótimas fontes para se discutir esse regime identitário e, para pensarmos questões das diferenças e das singularidades, e para assumir-se, preferencialmente o conceito de subjetividade, para tratamento dos indivíduos. Por esse ponto de vista, Guattari ressalta mais claramente, que a subjetividade é essencialmente social e assumida por indivíduos em suas existências particulares e, pode se expressar numa relação de alienação e de opressão, na qual o indivíduo se submete, ou numa relação de criação e de forte expressão, aqui, se apropriando dos múltiplos componentes da subjetividade.

É possível, por esse processo, pensarmos um indivíduo como um terminal. Esse terminal individual se encontra na posição de consumidor de subjetividade. Ele consome sistemas de representação, de sensibilidade. Em síntese, a subjetividade resulta dos entrecruzamentos, de determinações coletivas de várias espécies, sociais, econômicas, tecnológicas, de mídia, etc. Essas produções podem reproduzir os modelos dominantes de subjetividade, não deixando saídas para os processos de singularização.

Para Guattari, os movimentos das minorias, em nossa sociedade, nos anos 70 e 80, era um campo aberto a processos de singularização e de produção de novas subjetividades. Em seu modo de dizer: *singularidades femininas, poéticas, homossexuais, negras, etc., podem entrar em ruptura com as estratificações dominantes.*

A militância, nos anos 70 e 80, constituiu certamente, espaço de referência, para afirmações identitárias, referência de presença na ação, para as pessoas que pensaram com muita força, na modificação da Ordem Social, no Brasil e, no mundo todo. No dicionário de Aurélio Buarque de Holanda,⁴⁵ o verbo militar, entre outros significados, como "seguir a carreira das armas", "ser membro de um partido", pode ser ter força, combater, opor-se. A identidade do militante, certamente

⁴² HALL, Stuart. Identidades Culturais na Pós-Modernidade, Rio de Janeiro: OP&A. Editora, 1999, p.13.

⁴³ Material extraído das aulas do Curso de Subjetividade / Interciplinaridade, por ocasião do Doutorado, no 1º semestre de 1998.

⁴⁴ GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. MICROPOLÍTICA: CARTOGRAFIAS DO DESEJO: Rio de Janeiro, Petrópolis: Ed. Vozes, 1986, p.p. 40-46.

⁴⁵ HOLANDA, Aurélio Buarque. NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA.

concede ao sujeito que a porta, essas possibilidades, de opor-se, combater, ter força. Poderá, entretanto, desviar-se de um ponto fixo, rígido, para possibilitar outras demandas do sujeito? Ou então, que flexibilidades permite, de modo que o sujeito reconheça a diversidade que o constitui, e da mesma maneira, com a qual o Outro é constituído? Quais os critérios pelas quais as singularidades são percebidas e avaliadas?

É nesse sentido, que trabalho com as narrativas, de modo a tomá-las como fontes de esclarecimento, como momentos de re-significação dos sujeitos, como atuação original e avançada de experiências cheias de historicidade. Desse modo, me constituo como transmissora das "histórias narradas", e como já o disse anteriormente, estas estarão sendo apoiadas em outras interpretações e análises, que se circunscrevam às questões da Memória e das Relações de Gênero.

Neste sentido, considero importantes, os trabalhos de Anette Goldberg, Heleieth Saffioti, Cláudia de Lima Costa, Michelle Perrot, dentre outros do mesmo teor, além de, selecionar também, outros trabalhos, que discutem a questão étnica, no Brasil, como os de Carlos Hasenbalg, Hamilton Cardoso, Neusa Santos, Suely Carneiro, etc.

Na verdade, com nenhum desses autores, cerco territórios de estudo, demarcando limites e fronteiras fechadas. Penso que a melhor forma de apreender as muitas conexões que estão interrelacionadas, no âmbito desta tese, é a de servir-me do mais amplo espectro de estudos, referenciais teóricos, ensaios e, até mesmo de trabalhos literários, que contribuam para iluminar a compreensão destas redes de relações sociais.

Com este posicionamento, passo então a apresentar a forma em que está organizada esta tese. Além desta *Introdução*, e das conclusões que circunscrevem os *Movimentos Finais* das narradoras, foram constituídos quatro capítulos, tal como os discrimino, a seguir:

O primeiro capítulo, *As Mulheres nas Lutas pela Igualdade Social*, reúne narrativas e análises, que situam a conjuntura histórico-política dos anos 70 e 80, tendo nesse cenário, a participação ativa das mulheres nas lutas sociais, em Partidos Políticos, Organizações Sindicais, Associações Estudantis, reivindicando reformas democráticas, a serem validadas pelos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. A *mudança social*, se implantaria com o Socialismo, de acordo com o enfoque em vigor, naquele contexto.

No segundo capítulo, *As Mulheres nas Lutas por Suas Próprias Causas*, as narrativas e análises mantêm o foco da *mudança social*, adicionando, porém, outros percursos de lutas e reivindicações mais direcionados às transformações das relações de gênero. É, esse redirecionamento que possibilita às narradoras, verem que a malha do tecido social é mais ampla e mais complexa do que aquilo que está referido nas etapas iniciais de suas lutas. O designador *mulheres*, por exemplo, não situa e compreende a diversidade de que se compõe a dinâmica social e política, dos conjuntos de mulheres brancas e de mulheres negras. São linhas existenciais diversas, que se cruzam e se interpenetram. Podem se aproximar, ou se distanciar, terem lógicas e efeitos comuns e, contraditórios, especialmente no caso do gênero, da etnia, e da classe social, podendo ainda, se articularem aos fenômenos da psique dos sujeitos, às formas de sua constituição, à determinantes institucionais, etc. Desse modo, as narrativas, transpostas neste ítem, contribuem para a percepção e o entendimento de alguns desses intercruzamentos, clareando o espaço social de atuação das mulheres brancas e negras, nos anos 70 e 80. Possibilitam, ainda, percebermos os efeitos e as contradições, que deles emanam, nas vivências dos Grupos de Mulheres.

Vou prosseguindo, junto às narradoras, rumo ao terceiro capítulo, *Feminino e Masculino: Movimentos de Construção*, por onde enveredo mais internamente, nos caminhos re-feitos pelas mulheres, em suas narrativas, registrando seus modos de ser e de fazer nas relações dos grupos e, mais diretamente, em suas relações mais íntimas, nas suas famílias de origem, e em suas parcerias, como esposas, companheiras, amantes, ou ainda em seus papéis de mães, com seus filhos. Minha atenção dirige-se às diversas vias e modos de traça-las, que o seu "ser", envolvido na roupagem caracterizada como *feminina*, e na que se apresenta como *feminista*, consegue palmilhar.

O quarto capítulo, *Feminino e Masculino: Movimentos de Desconstrução*, reúne fragmentos das narrativas, que focalizam os movimentos das mulheres na desconstrução das imagens e dos significados atribuídos ao modelo de feminilidade, em vigor, assim como ao modelo de família, dominante em nossa sociedade. Esses movimentos instituem processos complexos em que se alternam mudanças e permanências nas relações de gênero.

Considero importante, a partir de então, acrescentar algumas considerações. Uma delas diz respeito a que, em todo texto, aqui produzido, as mulheres aparecerão, perpassando todos os capítulos, nos grupos organizados, nas suas casas, com suas famílias, em seus locais de trabalho, num efeito demonstrativo de que é muito tênue a linha que separa essas instâncias. Suas lutas para combater as desigualdades e injustiças sociais, especialmente no âmbito das relações de gênero, das relações raciais, ou das relações de classe, são feitas nos meandros dessas instâncias, e, em todo momento que lhes é possível.

Uma outra atenção se deve à condição especial de que, aqui, não estarei interessada unicamente, em destacar, ou pontuar registros datados da História do Feminismo, para o que já dispõe de um grande número de trabalhos. Nesta perspectiva, amplio a designação de *feminista* a todas as mulheres que, intencionalmente, integraram contingentes de lutas por mudanças nas relações de gênero, quer em partidos políticos, quer em sindicatos, em associações de bairros, ou nos grupos organizados de mulheres. São as lembranças destas mulheres, que constituem, para este trabalho, material de grande valor, e de substancialidade para a compreensão da unicidade e multidimensionalidade de alguns dos mais significativos movimentos relacionais, da conjuntura sócio-política dos anos 70 e 80.



AS MULHERES NAS LUTAS PELA IGUALDADE SOCIAL

Aquela que conta, que fala, vai se aplicar aos pormenores, aos fatos, às lembranças, em buscar os elementos para aquela que lhe serve de intermediária. A escritora, por sua vez, vai se aplicar em transformar o que lhe é informado, compondo a história que lhe é contada. No entanto, ambas, estão preocupadas com uma só verdade, porque deve haver entre elas um parentesco fundado numa comunidade de lembranças, numa empatia recíproca.

FLORES, Maria B. R. ENTRE A CASA E A RUA: Memória Feminina das Festas Açorianas no Sul do Brasil, In: Cadernos PAGU (4), 1995, p.p.117-142.

*"As mulheres são um pouco doidas, os homens um pouco menos"*¹

Essa frase, extraída do livro *Escritos no Rio*, da Poetisa Ana Cristina César, é ali colocada em meio à uma de suas indagações sobre o que distingue a escrita feminina. Haveriam características específicas que a diferenciariam da escrita masculina?

Em meio a essa reflexão, paro na frase, lembrando de um tempo em que as mulheres eram queimadas em praça pública, por não se conduzirem bem, por serem consideradas loucas, sempre que o seu comportamento fosse tido como desviante. Essa é a marca de um tempo em que os homens se propõem serem os senhores da vida e da História, excluindo do cenário público, a atuação das mulheres.

¹ FELINTO, Marilene. AS MULHERES DO TIJUCOPAPO. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. Apud CÉSAR, Ana Cristina. Textos organizados por Armando Freitas Filho. Editoras UFRJ/Brasiliense, 1993, p. 175.

Isto pode parecer distante no tempo e pensamos poder respirar aliviadas. Entretanto, resíduos de preconceitos e discriminações, ainda nos podem fazer estarrecer, como por exemplo, quando destaco de um outro trecho de leitura, que a escritora Virgínia Woolf trava através de ensaios, uma verdadeira batalha com o romancista inglês Arnold Bennett, em 1920, que defendia publicamente a opinião de que as mulheres são inferiores intelectualmente aos homens. Em certo percurso de sua fala, ele cita que:

nenhuma mulher produziu pinturas, esculturas ou músicas que não fossem de segunda classe. Embora, seja verdade que uma pequena porcentagem das mulheres seja tão inteligente quanto os homens inteligentes, o intelecto é uma especialidade masculina.²

Felizmente hoje, em meio à interlocução com mulheres que, se embrenharam em terrenos proibidos, suas narrativas vão desmantelando discursos e opiniões dominantes que tentaram demarcar a atuação feminina como de segunda classe, ou fora dos circuitos de produção da História de sua sociedade.

Junto à essas mulheres, escuto suas narrativas irem se articulando em movimentos que sobem e descem nos degraus de suas experiências, tecendo com gestos e sentimentos as tramas de suas histórias. Assim, elas iniciam narrando:

As lutas dos 8 de março, foram feitas pelas forças de vanguarda, comunistas, socialistas... fome, miséria, criança, creche, a campanha do voto... é nessa área que parece circular algo de mais feminista na época... até a gente conseguir eleger nessa época uma mulher na Constituinte... para isso há toda uma história anterior, na qual as mulheres sempre estiveram envolvidas. (Narradora "A").

É verdade, continua a Narradora "B": Participei da luta contra a ditadura, vivia clandestina, tinha que fugir muito... corri o mundo inteiro por conta da política. Então, eu venho de uma militância, originalmente só com homens, porque quem trabalha em sindicatos, ou partidos políticos, trabalha mais com homens. Tinha mais mulheres mandadas por homens...

Narradora "C":

No meu caso, fui militante de uma pequena Organização, a POLOC. Houve um racha, aí eu saí e fui pro MR8, mas saí em 1982 por não concordar com o estilo de trabalho, de política. As divergências eram muito grandes em função de questões ideológicas de fundo; a questão do modelo da União Soviética, toda a discussão que estava se dando em função do Eurocomunismo, dos processos de transição que se vivia. Os militantes de esquerda já viviam em crise, que estourou no final dos anos 80, com o desmantelamento da União Soviética...

Narradora "D":

É interessante, o meu envolvimento com a Política está relacionado a uma coisa básica, à educação e à minha família, que era progressista politicamente. Uns eram socialistas, outros comunistas. Daí, fui educada para o compromisso e com a preocupação social. Já aos treze anos, estava ligada ao Movimento da JEC (Juventude Estudantil Católica). Em 1967, saí da minha cidade e vim para São Paulo. Logo participei de passeatas contra a Ditadura Militar e das atividades dos Partidos Políticos de Esquerda. Por conta dessas atividades, em 1968 fui presa...foi um período difícil no País, havia um clima de repressão e de medo...

Voltando a fala à nossa Narradora "A", ela registra que em 1947, foi eleita deputada, defendendo como princípios a justiça social, as lutas democráticas e a oposição aos golpistas:

Sempre houve os entreguistas, os golpistas, as forças conservadoras deste País...tentaram o Golpe com Café Filho, com Getúlio. É uma história longa, que tinha trazido no seu bojo uma coisa, um grande desenvolvimento industrial, impondo um retrocesso ao sistema agrário do País. Então, vão sendo criadas contradições que se aprofundam tanto no campo, quanto na cidade, e com tudo isso, esse momento põe em movimento grandes forças populares e, entre elas, também as mulheres, e isso vai até 1964, quando, pela primeira vez, os golpistas conseguem realizar os seus intentos neste País. Foram vitoriosos na última tentativa que fizeram, aproveitando que, naquela hora, a Contradição era de tal ordem que se exigiam reformas democráticas entre o País que avançava e o País que precisava continuar atrasado. As mulheres cresceram muito com todas essas lutas democráticas: campanha eleitoral de JK, as Forças Nacionalistas do Exército, as Forças Golpistas...

1950, 1960, 1970, 1980...todo um percurso de ação, vai sendo traçado e recortado, aqui, por estas narradoras. Como o diz Alfredo Bosi,³ as datas da História são pontas de iceberg. É preciso ver o que está embaixo da superfície das águas. A história dos confrontos entre os grupos que compõem as relações de força no País, sempre foi contada ao modo dos vencedores, sem que fossem explicitadas as estratégias, as parcerias, ou os meios com os quais obtinham tais vitórias. E, no jogo da arena político-partidária, sindical ou, das organizações de esquerda, a população masculina sempre foi dominante e, sempre cuidou de bem registrar os seus feitos. As falas destas narradoras trazem à cena a atuação das mulheres.

Os registros de nossa História, ressaltam que, em plenos anos 50, as mulheres deste País, eram representadas sob a designação de Sexo Frágil, ou o Segundo Sexo, cujo principal papel era o de espôsa-mãe. Seu lugar de realização, o Lar. Sua conduta moral se polarizava entre a Santa e a Pecadora. Como reafirma Carla Bassanezi.

² WOOLF, Virgínia. O STATUS INTELECTUAL DA MULHER. Coleção Leitura, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1996, p.22.

³ BOSI, Alfredo. O TEMPO E OS TEMPOS, In: TEMPO E HISTÓRIA, São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.19.

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao Lar, faziam parte da essência feminina, sem história, sem possibilidades de contestação⁴

Essas referências, são um contraponto importante para o que vem se desvelando nas narrativas destas mulheres. O contraponto, na verdade, é dado em relação ao modelo de Mulher, abstrato e idealizado, presente na constituição da família burguesa. Como um modelo genérico, essa Mulher inseria-se na estrutura de um grupo familiar, comumente designado como patriarcal.

Uma concepção tradicionalmente aceita como representativa, estática e praticamente única, para exemplificar toda a sociedade brasileira, esquecidas as variações que ocorrem na estrutura das famílias, em função do tempo, do espaço, dos grupos sociais.⁵

Essa idéia apóia, por outro lado, a divisão funcional dos integrantes do grupo Família, e reforça os mitos da mulher submissa e do marido dominador. Entretanto, vê-se que, logo no início do curso destas narrativas, vão surgindo mulheres, que se distanciam, em muito daquelas representações e mitos. Narrando suas histórias, essas mulheres vão recortando da memória, cenários, atuações, vivências de alegria, de dor, de partilha com outros integrantes dos grupos, partidos políticos, organizações coletivas, num movimento que vai se constituindo e desdobrando, apoiado no testemunho de pessoas das suas relações, passadas e presentes, cujos nomes, posições no grupo e na hierarquia da estrutura social, conservam-se nas suas lembranças, tecendo assim uma Memória Coletiva.

O termo aqui colocado, designa bem o que Halbwachs situa quando ressalta que a Memória Coletiva não é simplesmente o acervo de datas ou listas de fatos históricos. Acentua que:

Reintegramos nossas lembranças em um espaço e, em um tempo (sobre cujas divisões nos entendemos com os outros), que nós os situamos também entre as datas, que não têm sentido senão em relação aos grupos de que fazemos parte.⁶

A conjuntura exposta por essas lembranças, parece um tecido espesso, duro, por onde as pessoas sentem dificuldades de se locomoverem e de agirem. É o Brasil, de meados dos anos

60, na Ditadura Militar; período de silêncios, de censuras à liberdade política, de torturas.

Período em que as contradições de nossa sociedade, após fase precedente em que as expectativas eram de crescimento econômico e ampliação de democracia política, passam a refletir forte compressão salarial, alterando negativamente o padrão de vida da maioria da população, o que, por sua vez, era articulado a um crescente processo de acumulação cada vez mais integrado ao sistema internacional. Em meados dos anos 70, essas contradições se acirram e culminam em dificuldades econômicas que envolvem o aparelho de Estado, ressaltam os seus conflitos internos e fortes reações populares.

Nesse momento, um grande contingente de operários, estudantes e intelectuais concentram oposição ao conjunto dessas situações problemáticas, viabilizadas no contexto de um regime de governo, excessivamente autoritário e repressor, constituindo focos organizados de lutas, apoiados nos ideais marxistas, em prol de uma sociedade mais justa para todos via implantação do socialismo.

O Socialismo foi considerado o porta-estandarte do progressivismo, a idéia de que existe uma direção para a história e que tipos apropriados de intervenção política podem nos ajudar a demarcá-la e acelerar a jornada. Dessa forma, ressalta-se, segundo Giddens⁷, no ideário socialista, frases como: "*o caminho a ser seguido*", "*a marcha para frente*" e a defesa de valores como: a liberdade, a igualdade, a justiça social, a prosperidade, a abundância, a felicidade. A oposição socialista se centraria na rejeição à opressão, à exploração, à desigualdade, ao conflito, à guerra, à injustiça, à miséria e a desumanidade.

O Partido Comunista Brasileiro, os grupos organizados de sindicatos e de entidades estudantis e alguns segmentos da Igreja Católica, encarnando esses ideais, tornavam-se, naquele momento, canais expressivos para o engajamento daqueles que não aceitavam conformadamente, as desigualdades e as injustiças preservadas pelos poderes vigentes, e, no interior dessas organizações, foi muito importante a presença das mulheres. Complementando, a Narradora "A" vai registrando:

⁴ BASSANEZI, Carla. MULHERES DOS ANOS DOURADOS, In: DEL PRIORI, Mary (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. De textos). HISTÓRIA DAS MULHERES NO BRASIL, São Paulo: Ed. Contexto, 1997, p.109.

⁵ SAMARA, Eni de Mesquita. HISTÓRIA DA FAMÍLIA BRASILEIRA, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983, p.13.

⁶ HALBWACHS, Maurice. A MEMÓRIA COLETIVA. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1970, p.57.

⁷ GIDDENS, Anthony. PARA ALÉM DA ESQUERDA E DA DIREITA. O FUTURO DA POLÍTICA RADICAL, São Paulo: Ed. Da UNESP, 1996, p.p.63 e 64.

Como eu dizia, é toda uma história que envolve nossa atividade... a verdade é que de 50 a mais ou menos 64 as lutas femininas no país vão se desenvolvendo de maneira bastante avançada... é quando surge a Federação Brasileira de Mulheres, depois o próprio JK fecha. Eram as lutas de bairros, lutas por distribuição de gêneros, controle de gêneros nas empresas... tudo foi resultado das contradições que falei antes. Quando chega 64, as mulheres, como todo movimento democrático, no país, começam a ser golpeadas. Por que? Porque nós tínhamos um governo como o de Juscelino, o de Jango depois, que estavam interessados em fazer as reformas... nessa época eu estava no Movimento Estudantil e se falava com ele e dizia: vamos fazer um Congresso Internacional, reunindo os três mundos e ele, Juscelino, me dava autorização, dinheiro e eu fazia. O movimento porém era débil, aquele ascenso democrático era artificial, era fruto das contradições que tínhamos na época e pelo empenho do Governo Jango, em fazer as reformas democráticas. Em 1964, porém as mulheres foram golpeadas, tiveram de recuar, foi muita bordoadada... e dessa bordoadada, só lentamente as mulheres vão se reerguendo...

Narradora "D":

É, foi muito difícil... quando fui presa em 1969, eu estava grávida. Estava casada. Tinha casado em 1968. Meu marido militava no Partidão. Isso me aproximou mais das atividades do Partido. Eu e meu marido... passamos um tempo no DOPS e, ali a gente até conseguiu uma forma de se comunicar, trocar bilhetinhos. Foi uma experiência que deixou marcas. O temor permanece dentro da gente, como uma coisa que não precisava ter expressão ou, reação de uma manifestação concreta. A gente se assustava, mesmo com aquilo que não precisava existir fisicamente. Durante anos fiquei assim... era uma coisa difícil de se comparar com o mundo de hoje. O começo dos anos 70, ali houve grande repressão com o movimento armado. Aí, foi quando comecei a fazer o Mestrado na USP. Eu recomecei a vida...

Narradora "B":

Também fui presa, dos anos 72 a 84. Foi no presídio, junto a outras mulheres que floresceu a reflexão sobre a questão da mulher, pensando como a inserção da mulher na política, era diferenciada da do homem naquela época. A Repressão, também, tratava de forma diferenciada os homens e as mulheres. O meu marido também, era militante. Eu havia casado aos 17 anos. Naquela época, a gente achava que não ia viver até 30 anos, tínhamos as mesmas idades... O meu pai era sindicalista... tive uma irmã que participou da luta armada... nós não tínhamos outra opção, já nascemos para fazer uma luta social... fizemos sempre uma luta para defender o socialismo, daí... sempre encontramos uma oposição radical a nós...

Narradora "A":

Todas fomos golpeadas em 64...só lentamente as mulheres vão se reerguendo...em 1968, houve aqui em São Paulo, a passeata das marchadeiras, um movimento débil que a Igreja conseguiu reunir com mulheres que representavam as forças mais reacionárias, em defesa da família, dos valores tradicionais, eram carolas de Igreja, donas de casa, mulheres pobres rurais, algumas forças letradas, mas menos cultas. As mulheres das classes médias, algumas mais conscientes, começaram a militar nos Partidos de Esquerda, aquilo da luta armada foi um equívoco...Eu saí do país em 1969, fui quando a coisa estava feia. Já tinha o AI-5...

As lembranças são portadoras dos fatos ocorridos naqueles anos, marcados pelo autoritarismo-burocrático do Governo Militar. Apoiados nas ideologias da Segurança Nacional e do Progresso com Ordem, os segmentos dirigentes imprimiam força repressiva, através de Atos Institucionais, por exemplo, correspondente ao temor que sentiam da força dos ideários correntes entre os grupos revolucionários de oposição.

No processo de detenção em prisões e, de submissão a torturas, algumas narradoras lembram do autocontrole a que se impunham para evitarem serem denunciadas de companheiros de militância. Escondiam nomes, lugares. Temiam pela segurança de seus familiares. A partir daquele momento, silêncio, confusão e esquecimento passaram a integrar a tecido de suas lembranças.

Estes elementos, são o que Pollak⁸ considera como fermento das "memórias subterrâneas": zonas de sombra, silêncios, não ditos, que se instalam no seio dos grupos dominados, diante da angústia ante as ameaças de serem punidos, ou mal-entendidos. Por muito tempo, registrou uma das narradoras, a angústia permanecia com os que vivenciaram essas experiências, mesmo ante a ausência da manifestação concreta dos tormentos físicos.

Ainda na perspectiva de Pollak:

a fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa a memória coletiva subterrânea, de segmentos da sociedade, da memória coletiva organizada, que resume a imagem que uma sociedade majoritária, ou o Estado deixam passar e impor.⁹

O que as narrativas dessas mulheres apontam é que, nas leituras oficiais, o Estado sempre ressaltou, naquele momento, a necessidade da Segurança para a Ordem, propulsora do desenvolvimento, com o fim de justificar os seus excessos. Porém, as interpretações da memória daqueles que constituíam oposição cerrada ao Regime Militar de Governo, divergem em vários outros sentidos, sendo um deles, entenderem que o desenvolvimento teria outras perspectivas menos alienantes e excludentes, que aquelas que vinham sendo impostas.

Constato ainda, a vivacidade com que estas lembranças são expressas. Flutuam em deslocamentos constantes a clareza, o silêncio, o esquecimento e outros mecanismos do inconsciente, na passagem do passado ao presente. Por isso, não reconheço

⁸ POLLAK, Michael. MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E SILÊNCIO. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais. Publicações Estudos Históricos, 1989. P.3.

⁹ Id. Ibid., p.6.

no conjunto destas narrativas um destaque apontado por Pollak, ao problema que se coloca a longo prazo para as “memórias clandestinas”. Apesar de ressaltar que as lembranças individuais e de grupos, constituintes das memórias subterrâneas podem ser guardadas por dezenas de anos e até séculos, Pollak, também considera que esse longo prazo, pode “prejudicar a transmissão intacta daquelas, até o dia em que elas possam invadir o espaço público e passar do *não dito*, à contestação e à reivindicação”.¹⁰

Segundo uma das narradoras, só a morte pode apagar de sua existência tais vivências, e, por outro lado a questão da inteireza dos fatos, não deve ser o que nos incomode, no trabalho com a memória. Importa-nos mais que na intermediação entre narrador e ouvinte, possamos estar atentos àquilo que “não se revela”, e que nos pode dizer muito do vigor, com que permanecem ativas as censuras e proibições, no contexto presente.

Felizmente, hoje, esse passado negro de nossa história tem sido exposto em denúncias, nas mais variadas formas de expressão, literária, cinematográfica, ou em trabalhos acadêmicos. Por todos esses meios, os fatos horrendos dessa história, são contados, até como modo de nos manter alertas para evitarmos a repetição de tais processos e relações.

A reminiscência, como resalta Benjamim “é a musa épica que transmite os acontecimentos de geração em geração”¹¹. Utilizada como recurso metodológico nos possibilita, termos na História os sujeitos vivos; a sua ação integrada aos sentimentos experimentados nas vivências que vão sendo recortadas pelas suas lembranças. Como bem registra Teresinha Bernardo, em seu trabalho:

Os sentimentos experimentados, também, são zelosamente guardados e, no ato de lembrar, vêm à tona, com intensidade, filtrados, avaliados, assumidos e preenchidos com novos significados, a partir da vivência do presente¹².

Nessa sintonia, presencio que os fatos relatados são, em grande parte do tempo, acompanhados de muita emoção, expressa em gestos, sorrisos, sobranceiras erguidas, entristecimentos, e, por vezes, lágrimas. Em algumas situações específicas, os fatos rememorados me fizeram silenciar respeitosamente, para dar

passagem àquela tristeza, como aconteceu com esta Narradora a quem chamo Narradora “E”:

Eu comecei uma certa militância, nos anos 70, num Partido Político, nos anos da Repressão, dentro do Segundo Grau. Eu comecei no PC do B, que era um Partido Clandestino, e que tinha uma atuação bem grande no Movimento Secundarista. Então, comecei dentro do Colégio, nesse movimento, aqui em Campinas. Fizemos base na Escola, um trabalho de base, de conscientização. Eu tinha 17 anos e já freqüentava um Grupo que discutia, também, a questão racial. Já por essa época, eu andava um pouco paranóica, eu me sentia muito ameaçada, amigos meus sumiam...foi uma época, assim... de muitas perdas. Teve uma amiga minha que se suicidou, porque ela estava sendo perseguida e,...ela se jogou de uma ponte. Eram alguns fatos que estavam me chocando muito naquela época e nunca mais tinha lembrado disso..... não pensei que estava tão vivo na minha memória... (juntas, esperamos as lágrimas irem amenizando a tristeza advinda com estas lembranças).

É como no dizer de Benjamin, a narrativa não transmite apenas o “puro em si” da coisa narrada, como uma informação ou um relatório.

Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Os seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata¹³

As mulheres, destacam suas ações afirmativas, revelando-se conhecedoras dos problemas, contradições e conflitos que compõem a conjuntura do País. Conhecendo-os, determinam-se a participar de todo movimento que possa vir a solucioná-los. Sem dúvida, são mulheres que tiveram a possibilidade de freqüentarem, regularmente escolas, organizações estudantis, grupos da Igreja, associações de bairros, ou partidos políticos. Tiveram portanto, acesso à instrução mais qualificada, a leituras, a círculos de debates e questionamentos críticos.

Estas mulheres, desviam-se da rota traçada pelo modelo feminino em vigor. Não priorizam o casamento e a maternidade como as metas exclusivas de suas vidas. Imbricam-se nos territórios considerados masculinos e, é neles que assentam sua marca diferenciada. Põem-se no jogo das relações de poder, lá onde o jogo é mais acirrado e difícil. Lá, onde se pensa o Poder, no singular, como designando basicamente, a figura central do Estado, comumente associada à figura masculina. Deslocam-se de um para outro lugar, nos diversos movimentos, dos anos 60, 70, 80, colocando o seu jeito de ser, expressando-se de maneira diferenciada do jeito padrão, já bem estabelecido nas organizações.

¹⁰ Id. Ibid., p.9.

¹¹ BENJAMÍN, Walter. MAGIA E TÉCNICA: Arte e Política-Obras Escolhidas, V.I., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

¹² BERNADO, Teresinha. MEMÓRIA EM BRANCO E NEGRO. OLHARES SOBRE SÃO PAULO, EDUC/Fundação Edit,. Da UNESP, 1998, p.177.

¹³ BENJAMIN, Walter. Op. Cit. p. 205.

É dessa forma, que a Narradora “B”, vai ressaltando:

Eu era uma ativista do Partido Comunista, lá eu fazia de tudo. Eu não tinha cargo importante na hierarquia do Partido, mas eu era importante, tanto que me entregaram o serviço da Imprensa e, a Imprensa é o cérebro do Partido, não é mesmo? Eu não tinha carteirinha do Partido, mas era muito importante minha atuação... Hoje sou uma colaboradora em Partido Político, mas não quero filiação...

Intervindo, a Narradora “D” comenta:

Como militante do Partido eu não tinha carteirinha. Fazia política, sem isso da filiação ao Partido...me chocava ter que, eventualmente entrar numa decisão partidária que eu não concordava. Eu não conseguia perder essa autonomia...eu não conseguia fazer uma coisa que eu considerasse desonestidade intelectual, ou seja eu não conseguia não concordar com uma coisa e ter de fazer aquilo porque o Partido tinha decidido, e as decisões partidárias ainda hoje são assim, mas naquela época ainda mais, eram muito dogmáticas, um pouco assim: quem não é de Esquerda, é de Direita...quem não é do Partido, é Anticomunista, era uma coisa muito ortodoxa, ou isso... ou aquilo...

É importante a colocação feita pela Narradora “B”, pois o cérebro era, então, o órgão humano associado à figura masculina. Dizia-se que o Homem é cérebro, a Mulher é coração; o Homem é razão, a Mulher, des-razão, irracionalidade pura. Mais uma vez, estas mulheres fazem o contraponto ao modelo-padrão de Homem-Mulher, como afirma a ideologia sexista.

Segundo Perrot, a partir do Séc. XIX, organiza-se uma distinção específica entre o Público e o Privado, como esferas teóricamente separadas, promovendo-se correlatamente, um discurso naturalista que insiste na existência de duas espécies com qualidades e aptidões particulares.

Aos homens, o cérebro (muito mais importante que o falo), a inteligência, a razão lúcida, a capacidade de decisão. As mulheres, o coração, a sensibilidade, os sentimentos.¹⁴

Esses são os pressupostos que permeiam os processos de socialização de homens e mulheres e que, contraditoriamente, persistem em algumas expressões das relações sociais, ainda hoje, como elementos que seriam exclusivos de um e de outro sexo.

A afirmação dessas mulheres, no Partido, se dá pela competência que demonstram em suas atividades, compromisso e responsabilidade, além da autonomia que pretendem impor a si mesmas. A maior parte do grupo deste trabalho, manifestou

esse desejo de liberdade, de fazer aproximar seus princípios das práticas efetivadas, buscando atuar de forma diferenciada dos homens, nas organizações, para quem, no jogo político deve-se estabelecer como meta “ganhar sempre”, não importando os meios pelos quais se consiga isso.

Assim para afirmar sua autonomia, estas mulheres preferiam posicionar-se como colaboradoras do partido político e, não como “militante de carteirinha”. Essa posição que muitas vezes foi apontada como imposição dos homens, em alguns trabalhos, nestas narrativas, aparece como um esforço das próprias mulheres para resguardarem princípios que lhes eram caros.

Na realidade, naquele cenário parece estarem desenhadas figurações da “*subjetividade moderna*”, aquela que é nascida dos ideais iluministas, gerados nos séculos anteriores. Nela se configura a representação de um sujeito que buscará sempre sua autonomia e liberdade de pensamento e, por determinação individual, traçará seu próprio destino. Esses seriam eixos da construção da “identidade do sujeito genérico”.

Em um de seus trabalhos, Edgar Morin¹⁵ teoriza sobre a noção de Sujeito, apontando, inicialmente, ter sido esta tratada, sempre, nos limites entre filosofias e metafísicas, onde o Sujeito se confundia com a alma, com a parte divina, ou com aquilo que em nós é superior, já que nele se fixam o juízo, a liberdade, a vontade moral. Por outro lado, pelo foco da Ciência clássica, o Sujeito se dissolve em determinismos físicos, biológicos, sociológicos ou culturais. Estes determinismos substituem decisões, personalidades, vontades, por estruturas, comportamentos, estímulos e respostas, grupos, etc.

Buscando uma outra inserção do Sujeito na sua existencialidade, Morin entende que uma outra perspectiva científica pode apreendê-lo, evitando, sobretudo, a disjunção Sujeito X Objeto. Alia-se, neste sentido, à proposição de Félix Guattari de que a reivindicação do Sujeito é a reivindicação de se pensar em termos sistêmicos, incorporando tanto o sujeito como o contexto.

A questão da autonomia, antes vinculada a uma liberdade desligada das restrições e contingências físicas, poderá então ser

¹⁴ PERROT, Michelle. Os EXCLUÍDOS DA HISTÓRIA. Operários, Mulheres e Prisioneiros, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p. 177.

¹⁵ MORIN, Edgar. A NOÇÃO DE SUJEITO, In: SCHNITMAN, Dora F.(org.), NOVOS PARADIGMAS, CULTURA e SUBJETIVIDADE, Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1996, p.p.45 - 47.

compreendida como, estreitamente vinculada à noção de dependência, a qual nos induz à refletir que não se pode desligar um, ou outro, "sujeito e contexto". Esta constatação é mais ampla do que aparentam os termos assim colocados, por entender-se que todos os processos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e históricos, entrecruzam-se, articulam-se em sistema complexos constituintes dos sujeitos e do contexto. O Sujeito, nesta perspectiva, é, pois uma realidade que compreende um entrelaçamento de múltiplos componentes que vão desde a organização biológica, a dimensão cognitiva, do cômputo, dos princípios de inclusão e exclusão, do princípio de identidade até a tragédia de sua existência, que está ligada ao princípio da incerteza.

Embora com esta perspectiva de Morin, possa ficar me interrogando como na prática de nossos trabalhos é possível viabilizar tal complexidade de análise, tenho a clareza de que a noção de Sujeito tem de ser inserida e entendida pela ciência com novas focalizações, diferentes ou ampliadoras, daquela noção instituída pelo ideário corrente na modernidade iluminista.

Indo por essa via, a psicanalista Ma. Rita Kehl, destaca que, modernidade, urbanização, industrialização, organização da vida pelos parâmetros da eficácia industrial e da moralidade burguesa, nascimento da família nuclear, separação nítida entre os espaços público e privado - a este conjunto de mudanças, que em menos de cem anos modificou a sociedade européia, e se irradiou para todas as sociedades ocidentais, corresponde um novo tipo de sujeito: *Naquele contexto histórico de constituição da valorização da personalidade a vida de cada um passa a ser um campo de significações, que é mais um passo na responsabilização dos sujeitos modernos.*¹⁶

O indivíduo da sociedade moderna, não nascendo pronto, porque não conta mais com um patrimônio de caráter herdado, por denominação familiar, como na organização social anterior, terá de aventurar-se pessoalmente na busca de ascensão social e autonomia, como sustenta a *Ordem Burguesa*. Em verdade, esta é uma Ordem assentada em modelos ideais, que constroem uma unidade, sobre a diversidade dos modos de "ser" e de "fazer", existentes na prática social.

¹⁶ KEHL, Maria Rita. DESLOCAMENTOS DO FEMININO – A MULHER FREUDIANA NA PASSAGEM PARA A MODERNIDADE, Rio de Janeiro: IMAGO, 1988, p.38.

Nestas narrativas, aparece o sujeito, perpassado por esses princípios, e representado na figura da "militante". As palavras justiça social, compromisso, autonomia e luta social ligam-se a conteúdos fortes, como à uma missão atribuída e sobre a qual, as narradoras referenciam sua identidade. *identidade* e *missão*, aqui, apontam para figuras fixas. A identidade, como um núcleo da personalidade, um lugar onde as narradoras dizem: "eu sou militante"... "eu fui militante".

Segundo Morin, um dos princípios que rege a incerteza vinculada à nossa existência como sujeito, é que este oscila entre o tudo e o nada:

Para si mesmo, ele é tudo. Em virtude do princípio egocêntrico, está no mundo, é o centro do mundo. Mas objetivamente, não é nada no universo, é minúsculo, efêmero. Por um lado, há uma antinomia entre esse privilégio inaudito que o "eu", concede a si mesmo e a consciência que podemos ter de que a coisa mais sagrada e a mais fundamental, nosso tesouro mais precioso, não é nada de nada. Estamos divididos entre o egoísmo e o altruísmo. Num dado momento somos capazes de sacrificar esse tesouro por algo que contenha uma subjetividade mais rica, ou ainda algo que transcenda a subjetividade e a que poderíamos chamar de verdade, a crença na verdade. Pela fé! Por Deus! Pelo Socialismo!¹⁷

Por outro lado, na mesma perspectiva de Guattari, Suely Rolnik, ressalta ser a *identidade* um conceito de referência; é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir, por um só e mesmo quadro de referência identificável.¹⁸

Para ser identificado a uma missão, o sujeito tem de ater-se aos quadros dessas referências, o que no caso destas narradoras vai sendo fixado como um sujeito que orienta sua conduta para fazer acontecer a mudança social, aquela que, no contexto de seus discursos, realizará os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Em suas pautas, é fundamental ser "militante de esquerda", para fazer construir uma outra Ordem Social.

Essa *pauta*, um roteiro comum a todo militante, amarra itens, programas, condutas, pensamentos e sentimentos. É por isso, que nossa Narradora "D" comenta:

Era um pouco assim, quem não é de esquerda, é de direita... quem não está no Partido é Anticomunista. No mundo da Repressão, essas coisas acabam sendo acirradas, o sectarismo, o radicalismo... o fato de se acabar vivendo no gueto, não auto-isolado, mas isolado pela própria sociedade, uma vez que numa democracia como aquela, não se pode fazer política abertamente.

¹⁷ MORIN, Edgar. Op. Cit p.55.

¹⁸ RONILK, Suely. Assunto extraído de aulas do Curso ministrado pela professora, no Curso "Subjetividade e Interdisciplinaridade", no Programa de Doutorado em Psicologia e Psicanálise, na PUC – São Paulo, 1º sem. / 1998.

Uma outra narradora intervém, ressaltando situações conflituosas que destacam intercruzamentos de fatores ligados às relações de gênero, à questão da identidade do militante e, das implicações ou "amarras", que vinculam os atores às organizações, onde se reproduzem os autoritarismos e centralismos que tanto esperam combater.

Narradora "F":

Na clandestinidade, eu fiz o meu segundo aborto. Esse aborto, eu gostaria de pontuar tem um contexto diferente: eu era clandestina, fazia parte do POC (Partido Operário Comunista) e a gente discutiu muito essa gravidez na organização, e a organização achou por bem... nós decidimos que eu deveria abortar, porque um filho já me impedia muito de militar... complicava porque eu tive a minha filha em 1969, o embaixador havia sido seqüestrado... a situação estava difícil e, outro filho àquela hora, era difícil... A lógica que levou a Organização a decidir que eu abortasse, era a lógica de que iria prejudicar a minha militância e a minha lógica era a de que eu não ia dar conta, mas... de uma maneira, ou de outra eu também participei dessa decisão, pela Organização. Olhando o passado, eu vejo que aquela decisão estava certa, mas olhando d'agora, eu vejo, também, que foi uma decisão onde o meu individual não foi levado em conta a minha subjetividade... também não sei qual era a minha subjetividade naquele momento, de verdade, as coisas eram tão misturadas... mas, eu acho que isso foi uma coisa muito pesada na minha vida...

Uma importante questão é colocada por esta narradora: "o meu individual não foi levado em conta..." A vontade do Partido e sua lógica racional, ligada a essa vontade se impõe ao sujeito, que naquelas circunstâncias se encontra fragmentado. Parte dos movimentos de seu desejo está anulada, ou desconhecida, em função da lógica da militância e, na forma como o disse: "também não sei qual era a minha subjetividade naquele momento... as coisas eram muito misturadas", podemos dizer que direcionadas para a funcionalidade de um Programa. Outras ramificações de seu Desejo, parecem estar desconectadas da intensidade de um corpo vibrátil e, dos seus andamentos, ou do nomadismo que permitiria a sua maior fluidez e o seu reconhecimento.

Sem dúvida, as ações desse sujeito que fazem a História, produzem rupturas, alteram padrões concretamente, estabelecidos no terreno macropolítico, nos Programas Sociais. Porém, por outro lado, no terreno pessoal, a identidade constitui um núcleo duro que se fixa, mesmo que temporariamente, ao sistema de crenças e valores dominantes.

De acordo com Figueiredo¹⁹, os discursos de autolegitimação da militância revolucionária, transitam sobre três eixos, bem visíveis:

¹⁹ FIGUEIREDO, Luís Cláudio. MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NO BRASIL e Outros Escritos, São Paulo: Ed. Escrita, 1995, p.119.

1. *O eixo da ação desalienada*, reivindica para o militante a condição de verdadeiro sujeito, por ter se libertado dos constrangimentos sociais para se assumir como senhor de sua própria vontade e artífice da própria vida [...] Reconhece-se aqui os vestígios de uma subjetividade concebida à moda liberal, como coincidência consigo mesma e soberania;

2. *O eixo do movimento da história*, reivindica para o militante a condição de verdadeiro sujeito, por ter se transformado em veículo de impulsos sociais que seguem seu próprio rumo e no seu próprio ritmo, carregando consigo, como a força de uma vontade necessária e impositiva, os que se dispõem a ouvi-los e a fazê-los seus [...] Aqui é possível reconhecer-se os elementos das concepções românticas da subjetividade;

3. *O eixo do serviço prestado*, reivindica para o militante a condição de verdadeiro sujeito, por ser o intérprete e campeão abnegado de uma causa a cuja vontade se assujeita integralmente incorporando-a e renunciando a qualquer direito individual [...] Os elementos aqui se reportam à obediência ao partido e à disciplina.

Continuando a tecer suas histórias, com os fios da memória, as mulheres retomam as narrativas e, a Narradora "A", lembra:

...em 1970, começam os refluxos com movimentos de paralisação do Golpe... as lutas continuam e chega um momento em que as forças militares já não aguentam mais, vão ficando esgotadas. No momento em que saio do Brasil, inícios de 1970, é que as mulheres começam a fortalecer seus movimentos organizados. A primeira coisa forte nesse sentido, é o movimento das Mães, querendo salvar seus filhos, libertar aqueles que haviam sido presos, por ocasião do Congresso em Ibiúna... é um primeiro movimento positivo na direção da Anistia, cresceu pela Anistia Geral Irrestrita, e as mulheres já estavam bastante inseridas, ocupando lugar destacado. A campanha da Anistia, veio somada a outras lutas, que eram também pelas consequências do Golpe, a carestia de vida. As mulheres tinham que trabalhar porque a miséria estava muito grande. Tinha havido, já, entrega total das coisas nacionais... nós já sentíamos isso na pele. Naquele momento, a gente ainda não podia bater de frente com o Poder, mas... essa já foi uma luta em campanha organizada e, somando a essa, veio a luta por creches, porque as mulheres precisavam deixar seus filhos em algum lugar e... vai indo assim até meados de 1970, quando começam a se realizar os Encontros de Mulheres, no Rio de Janeiro, em São Paulo...

Narradora "F":

Hoje, olhando para trás, eu não vejo que tinha outro jeito, depois de Jango, em 1962, a própria história do Brasil, depois de 64, levava a essas lutas... como mulher, eu vi as mulheres em todos os lugares, nas lutas políticas, nas lutas organizadas, na cadeia, nos movimentos de base da Igreja, mas nós éramos muito anônimas. Na década de 70, eu trabalhava como professora primária em Belo Horizonte, eu fazia oposição no Sindicato dos Professores. O Partido Comunista já havia rachado e eu fui para a dissidência na POLOP. Em 1968, eu não fui ao Congresso, em Ibiúna, porque já estava desligada do Movimento Operário e, já tinha três preventivas decretadas. Em 1967, o Congresso da UNE, em Belo Horizonte foi proibido. Em 1966, havia acontecido e foi uma pancadaria violenta... foi o primeiro embate fora de rumo, a nível nacional... era o acirramento da Repressão... daí, vim para São Paulo, já estava casada e com uma filha. Fui presa em 1971, aqui no DOICODI, foi um longo período, de muitas dificuldades... de 1971 a 1974... foi um momento de muita violência, mas também, de muita grandeza, pois lá conheci outras mulheres, de quem fui amiga, por quem tenho muito, muito respeito, aprendi a conviver com uma outra realidade, de mulheres que mataram o marido, o filho ou um

amante... conhecer um pouco esse cotidiano delas, foi aprender a conviver com o "OUTRO", o "DIFERENTE", e ter vivenciado isso, de ter a dimensão de sua dor, pela dor do outro, isso é...eu tenho muito orgulho, eu não seria hoje, quem sou, sem essa experiência... Olhando para trás, não tinha outro jeito... Nós que, fomos presas, exiladas criamos o Movimento Feminista, essa base... era muito, muito forte. Acho que se consegui ali, trazer à luz, as lutas das mulheres, o lugar das mulheres na Sociedade, na História do Movimento Político... eu acho isso muito forte !

Narradora "G":

É muito forte... em 1970, eu estava voltando da França, e a situação aqui estava muito feia. Fui em 1968, quando cheguei, fui presa uns dois meses, saí rapidamente... logo a seguir saí do Brasil, de novo, com uma Bolsa de Estudos... isto em 1971, fui para Paris, lá convivia no meio da Esquerda. Eu havia estudado na USP, Ciências Sociais... me formei em 1964... participava do Movimento Estudantil e, eu tinha alguma preocupação com a situação da Mulher, mas neste contexto, no Brasil essa preocupação não parecia importante aos olhos de quem fazia política...naquele momento, nem aos meus...

As narrativas, prosseguem ora registrando os acontecimentos de forma mais pontual, datada e explicativa, ora, acrescentando a elas, sensações dores aprendizagens. Por essa via, as narradoras situam as ações de que são sujeitos, rememorando-as no presente como se fossem vividas, hoje. Assim, no meio da frase, citam: *em 1970, começam...e as Forças Militares não agüentam...*, ou seja, o verbo usado no tempo presente, acentua a passagem feita pelo movimento da memória, reconstruindo as situações, atualizando-as com significações afetivas. O pensamento de Alfredo Bosi, corresponde bem a essa perspectiva, quando registra:

a reiteração dos movimentos, feita dentro do sujeito, faz com que este perceba que o que foi pode voltar; com a percepção e com o sentimento da simultaneidade que a memória produz (recordo, agora, a imagem que vi outrora) nasce a idéia do tempo reversível... que supõe o tempo como consequência, mas o suprime, enquanto o sujeito vive a simultaneidade.²⁰

A história pessoal está engajada na história coletiva, não se pode distingui-las, ou fazer um traçado com linhas que se desviam. Suas lembranças não permitem fazer tais distinções, como se 1964, 1968, 1970, fossem simplesmente uma sucessão cronológica de acontecimentos. É nessa sintonia, que destacamos Halbwachs:

Por história é preciso entender, então, não uma sucessão cronológica de acontecimentos e de datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, e cujos livros e narrativas não nos apresentam em geral, senão um quadro bem esquemático e incompleto.²¹

²⁰ BOSI, Alfredo. Op. Cit. P.27.

²¹ HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. P.81.

Marina Maluf²², ressaltando o quanto o ato pessoal de contar uma vida, está enganchado na trama coletiva da existência social, registra, também, que a memória pessoal transforma-se em fonte histórica, justamente porque o indivíduo está impregnado de elementos que ultrapassam os limites de seu próprio corpo e que dizem respeito aos conteúdos comuns dos grupos aos quais pertence ou pertenceu, tal como o vão revelando estas narrativas.

São narrativas de mulheres, que trazem ao cenário da História, seu modo de atuação nas relações de gênero. Estão junto à maridos, companheiros, engravidam, têm filhos e os carregam junto, em seus esconderijos, na prisão ou onde for necessário. Em suas falas, reportam-se a conflitos íntimos, nessas vivências, à sua busca de afirmação como sujeitos, dignificando sua presença na história.

Demarcando essa sua atuação, as mulheres continuaram relatando:

Narradora "F":

Hoje, olhando para trás eu faço um recorte de gênero... nós estávamos em todas as ações, em todas as manifestações, em todas as práticas, mas nós precisávamos abrir mão de nossa identidade, que eu não sei se a gente sabia qual era... uma identidade feminina para podermos concorrer, competir com os homens, a nível interno, nas organizações... Hoje, eu olho como uma feminista, antes não, a gente fazia as ações, mas eram poucas as mulheres que chegavam a cargo de direção, mas eram muitas... na maioria das reuniões as mulheres estavam lá, faziam a segurança, a gente se "vestia" de homem, no dia a dia como homem pra fazer as coisas... tinha uma coisa muito importante, porém, que era a Revolução.

Narradora "B":

Quando estive presa, de 72 a 74, no próprio presídio, junto a outras mulheres, eu tive condições de refletir sobre a condição da mulher, sobre a minha situação. A própria Repressão me fez ver que tinha uma inserção política diferenciada, a do homem e a da mulher e tratavam diferente os homens, das mulheres e, isso era motivo de discussão no presídio. Então eu saí e, logo começou a se falar do Ano Internacional da Mulher, foi em 1975. Eu me engajei assim de maneira coletiva no Feminismo que eu tinha latente... latente, porque eu me lembro que nos anos 70 pra 80, eu brigo muito dentro do partido para que haja um tratamento à questão da mulher, sem nem saber sobre o feminismo, ainda... mas, então eu já recebia influência, talvez por eu já ser uma pessoa engajada, já tendo a influência da Betty Friedan, eu acompanho tudo aquilo, todo aquele Movimento Feminista, na Europa... acompanho de maneira indireta porque as organizações de esquerda tinham contatos com vários países do mundo, então mesmo clandestina vai-se tendo informações dos que estão no exterior. Isso tudo, faz se ter olhos para a vida, uma visão crítica... passei

²² MALUF, Marina. RUIDOS DA MEMÓRIA – A PRESENÇA DA MULHER FAZENDEIRA NA EXPANSÃO DA CAFEICULTURA PAULISTA, Tese de Doutorado, apresentada à USP. Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994.

então, a ter uma visão crítica, em relação aos companheiros do Partido, eu só lidava com homens... o que me faltava era ter uma reflexão sobre a mulher, junto com outras mulheres e, apesar de todos os malefícios da prisão... torturas e, outras coisas... teve o lado positivo de eu conviver com outras mulheres, que de uma certa forma, tinham a mesma idade, as mesmas experiências e, isso facilitou uma reflexão...

Narradora "C":

Essa discussão sobre a mulher não se fazia dentro da esquerda... não se discutia essa questão. Eu militava como qualquer pessoa dentro da Organização... isso não era uma prioridade para mim, entender o que as mulheres viviam, as diferenças... achava que o problema maior era o problema da classe... só no final dos anos 70, eu estava no Rio de Janeiro e fui perseguida, quase fui presa, aí, eu vim para São Paulo, por questão de segurança. Era uma época muito violenta, a época do Geisel... prendiam todo mundo e eu vim, correndo para São Paulo, onde continuei atuando no Sindicato... foi em 78, quando teve o 1º Congresso da Mulher Paulista que tomei contato mais próximo com a questão da mulher... no meu caso foi uma descoberta... naquele momento havia uma luta política muito grande, dentro da própria esquerda. Foi quando o MDB, começou a ser uma força maior de oposição, toda a esquerda vai pro MDB e, as mulheres começam também a vir pro MDB e, lá discutem a importância da Organização de Mulheres. A imprensa dá um maior espaço para esse debate e isso exerce uma grande influência sobre mim. O ano de 1975, foi designado como a década da mulher. Passei a entender internamente como era importante, como mulher, estar ali, ser militante, me assumir como mulher militante... entender que haviam problemas para a mulher, que eram diferentes dos homens, que as mulheres tinham de ter uma pauta específica... é um processo de descoberta! Descobri o que é ser mulher, a origem da discriminação. Esse período, do final dos anos 70, foi importantíssimo para mim...

Narradora "A":

É, no final dos anos 70, quando se proclama a volta do irmão de Henfil, quando se começa a lutar mesmo pela Anistia e essa começa a se definir, com a chegada das mulheres do exílio, o movimento das mulheres vai crescendo... aqui, ainda, em final dos anos 70, ainda se ouvia falar de mulheres desesperadas, que caíram na luta armada. Na verdade essas mulheres iam pelos namorados, pelos maridos... não eram elas mesmas, poucas entravam nessas lutas porque sentiam que eram elas que faziam a Resistência, que lutavam pelos valores democráticos, eram os anseios dos maridos delas... a causa era justa mas o modo de fazer essa luta era errado. Discutimos muito isso e, foi muita briga entre nós, um horror! Passei dez anos fora do Brasil e, lá, nesse período, década de 70, começavam a se fortalecer os movimentos das mulheres brasileiras, na Bélgica, na Inglaterra, na França, foi-se organizando a Associação de Mulheres Brasileiras no Exterior. E, então depois de 1975, que as coisas se fortalecem no Movimento de Mulheres. É a época dos jornais Brasil-Mulher, Mulherio, Nós Mulheres... é quando se começa a ganhar forças.

As narrativas vão seguindo seu curso, no andamento de um tempo que não se fixa na data, a não ser para em seguida preenchê-lo com os personagens, os motivos, os movimentos da cena. É o tempo da movimentação das narradoras, pleno das emoções que estão presentes nos acontecimentos. Essa substância do tempo, é correspondente à noção de "tempo real", ressaltada por Halbwachs, o tempo que tem um conteúdo, isto é, oferece

um conteúdo de acontecimentos ao pensamento é ainda, o "tempo vivido", que lhes permite resignificar aquelas atuações e descobertas feitas nas organizações. Podemos dizer, também como Alfredo Bosi: *é um tempo que a presença humana* (eu diria aqui, das mulheres) *qualifica*..

Nesse sentido, para a Narradora "C", hoje, sua visão de mundo está atravessada pelo reconhecimento das nuances e contradições das relações de gênero. Antes, quando não percebia essas nuances, uma sua marcação bem pessoal e, também referida à atuação na organização de mulheres, a igualdade dos sexos parecia secundária, ante a missão de redenção da humanidade via a luta pela transformação nas relações de classe.

Já a Narradora "F", se pergunta sobre a identidade que portavam as mulheres, qual era, naquele contexto? Em sua narrativa percebemos a mulher sujeito, que se revela e se oculta, ao mesmo tempo. Hoje, na sua expressão, ela se reconhece diferente. Diferente, daqueles com quem partilhava as utopias, os homens, nas organizações, mas também, diferente das outras mulheres, reconhecidas identitariamente, no social, como frágeis, submissas, dependentes. Portanto, responder ao, quem sou?, naquele momento, seria muito inquietante, ou abriria um espaço vazio, pois suas condutas, não se enquadravam "apropriadamente", nos modelos femininos vigentes. A saída, para o próprio reconhecimento, era encontrada no traçado do perfil da militante, a identidade aceita nas organizações.

Essa referência identitária, lhes permitia atuar junto aos homens, estar entre eles com certas prerrogativas da igualdade, do ser revolucionário, ou um missionário da mudança social... Em sua atual perspectiva, a Narradora "F", se vê vestida de homem, para estar no Partido. São muitos os depoimentos que registram essa sensação pela qual as mulheres se percebem diferentes, tendo que, naquelas circunstâncias, imitarem, repetirem, ou se amoldarem ao modelo masculino de atuar, sentindo-o como mais valorizado, ou o único referente no processo "naturalizado" de relações de gênero, no qual estão imersas.

Pode-se sentir isto nestas outras narrativas:

Narradora "C":

Foi só quando comecei a ir aos Encontros de Mulheres, a participar dos Grupos, que comecei a entender a "diferença". Começo a perceber como o Movimento Sindical era extremamente machista, exclusivista. Para você ter uma idéia, basta dizer que aqui, no Sindicato, no começo, as Assembléias que tivessem uns quinhentos trabalhadores, tinham, no máximo, umas dez mulheres... eu sempre fui muito ativa, mas ali, eu

nunca falava como mulher eu me via como eles...falava dos problemas sociais, do trabalho, em geral. Levava a reivindicação dos trabalhadores... o meu discurso era igual ao dos outros, não havia diferença, talvez eu dissesse de forma diferente, mas o conteúdo era igual.

Narradora "H":

Minha experiência mais marcante nesse sentido, foi quando comecei a participar de Encontros do Movimento Negro, fora de São Luís, aqueles Encontros do Norte e Nordeste. Quando fui, foi em Maceió. Houve uma confusão muito grande...as mulheres forçaram uma pauta específica, que não estava prevista... perguntavam que divisão era aquela, mas não houve jeito, era muita gente reunião de vários Estados e as mulheres começaram por colocarem suas experiências dentro do Movimento Negro... Apontaram que o Movimento Negro era machista, que as mulheres eram tarefeiras, que a gente fazia a feijoada e... eles o discurso, que a gente preparava o palco e...eles subiam, a gente arrumava o microfone e... eles falavam. Começávamos a ver que a gente tinha que ter um "outro olhar", que a gente tinha de se politizar mais, ter poder de decisão, e uma das propostas saídas dessa Reunião era a de que todas as entidades, formassem Grupos de Mulheres, não só para se discutir Mulher e Poder, mas para discutir a nós, enquanto mulheres negras, quem somos, como viemos, qual a nossa história... foi assim que surgiu o Movimento das Mulheres Negras, em quase todos os Estados... foi mais ou menos em 1985/1986...

Aos poucos, as narrativas vão esgarçando o tecido social, e revelando a sua complexidade. Ao registrar como os homens e as mulheres dos sindicatos, são genericamente designados como trabalhadores, a Narradora "C", aponta para o enquadramento social, numa perspectiva homogeneizadora, ou ainda, como ressalta Edgar Morin, unidimensional. A categoria trabalhador, é redutora, no sentido de só referenciar as pessoas do ponto de vista do seu lugar no mundo da produção, o que vai orientar e influenciar um determinado modo de fazer política, centrado na satisfação/superação das necessidades econômicas, ou a subordinação dos indivíduos às necessidades do Estado, do Mercado, ou aos efeitos da lógica da Produção.

Por uma ótica com maior complexidade, essa categoria se desalinha, revelando-se composta de outras muitas especificidades, como as de gênero e de etnia, tendo cada uma destas, por sua vez, condutas, valores, regras de viver e subjetividades diferenciadas. Se essa diversidade for redutível ao segmento da atividade produtiva, parcializa-se o modo de existência dessas pessoas, apoiando um princípio de igualdade social, inexistente/desejável, arbitrário e irreal.

É Edgar Morin, em sua crítica ao Conhecimento e aos Métodos, quem ressalta com muita propriedade a ineficácia desse pensamento unidimensional:

É a estrutura de pensamento disjuntiva/redutora que traz em si a mutilação política... É preciso fazer emergir um pensamento complexo, capaz de associar o que está separado e conceber a multidimensionalidade de toda realidade antropossocial.²³

Em seus argumentos, vai sempre ressaltando as deficiências dessa visão unitária, que também chama, de racionalizante e cega para tudo aquilo que concorre para a unidade de uma sociedade. Ele percebe aí, a negação dos antagonismos das classes, ou de etnias, que são subsumidos sob a perspectiva da Nação, orientando uma política mutiladora.

Nesse esgarçamento do tecido social, que vai sendo feito pelas narradoras, a categoria Mulher, usada de forma universalizante, vai sendo deslindada, ou redesenhada com outra composição; já não existe uma mulher, mas uma diversidade que, nas narrativas de agora, aparecem em sua cor diferenciada, questionando a sua condição social na história, que tem de ser reorganizada, em outros tons. Emergem assim, as mulheres negras e suas própria inquietações. É o que vai se desfiando nas lembranças de uma outra narradora:

Narradora "I":

Nos anos 70, eu estava na Universidade. Fiz um curso extremamente masculino...Agronomia. Nas primeiras turmas, tinham no máximo três mulheres...tudo que falávamos era motivo de riso...no trote, eles exageravam com a gente, passavam graxa, tínhamos que desfilar pra eles... era horrível, e aí... já fizemos um movimento para acabar com o trote na UEMA. Eu era do Diretório Acadêmico, mas a gente não podia fazer nada...era o período da Ditadura Militar, e a gente não tinha a chance de escrever uma carta, de uma Universidade para outra...tudo que se falava ou escrevia passava por um crivo.. Passei a frequentar o PUNGA, um grupo de universitários que discutia a cultura maranhense, estudando e dançando, foi criado dentro do DAC, da Universidade Federal... era uma forma de estarmos colocados no movimento popular, ou seja dentro das manifestações da periferia e... nós íamos para a Madre Deus, era em 60, ou 70...ainda era um negócio maluco... ver ensaio de boi, tambor de crioula, todos os tambores, passar a noite ali, era... Eu sou de uma comunidade negra, Entroncamento. Meus irmãos nasceram em Outeiro dos Pretos. Minha família tem uma história complicada... minha bisavó era negra uma "negrinha livre", da Lei do Ventre Livre... foi prostituída pelo filho do fazendeiro, onde morava, e teve seis filhos com ele. A minha mãe, conseguiu estudar fora desse lugar e, voltou pra lá, como professora leiga, vivemos lá em Outeiro dos Pretos, nos primeiros anos de vida... aí junta porque eu fiz Agronomia, como é que eu fiz essas colagens...é, assim você vai tendo uma série de dificuldades... meu pai morreu, eu era pequena, e então, você tem de assumir um monte de coisas, que, em outra família que não tem essas dificuldades, você não precisa assumir, coisas que, comumente, são os homens que assumem... você acaba transformando tudo isso, carregando para dentro de um movimento maior...é essa a história, começa tudo aí...

²³ MORIN, Edgar. PARA SAIR DO SÉCULO XX, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986, p.p.12 – 22.

Rememorando sua trajetória, a narradora reconstituiu significativamente aspectos de sua história de vida. Como o disse, faz montagens, colagens que a situam na conjuntura social. Liga os acontecimentos, entende os motivos de suas escolhas. É a sua história, mesclada à história social. Nesta está presente o Sujeito, determinado pela sua sociedade e cultura, mas também determinando, imprimindo seu ritmo às mudanças.

Tecendo os fios da classe social de origem, das questões da terra às quais estavam ligados os de sua família e, a etnia à qual pertence, ressalta que a mãe, mulher, pobre e negra, teve certos privilégios diante da condição da mãe dela que foi escrava. Pôde sair do povoado e, estudar noutra cidade, o que lhe permitiu ser professora leiga, condições estas que, ainda, são bastante dificultadas, para grande parcela das mulheres pobres e negras. Dizendo: “ao se ter dificuldades... tem-se que assumir coisas que em outras famílias não seria preciso assumir,” ela ressalta claramente, as diferenciações que atravessam as relações de classe, gênero e etnia, no conjunto da sociedade brasileira.

Concordo com Morin, quando ressalta que, as lógicas contraditórias que atravessam essas relações, não são percebidos se, por um pensamento reducionista, tratarmos a sociedade brasileira como uma homogeneidade, ou do ponto de vista de uma identidade nacional, forjada em alguns discursos oficiais, ou designando-a por uma suposta unidade cultural brasileira.

Segundo Darcy Ribeiro, essa unidade resultou de um processo continuado e violento de unificação política: logrado mediante supressão de toda identidade étnica discrepante, e de repressão e opressão de toda tendência virtualmente separatista.²⁴

Mais adiante, ressalta também que:

O povo-nação, não surge no Brasil da evolução de formas anteriores de sociabilidade, em que os grupos humanos se estruturam em classes opostas, mas se conjugam para atender às suas necessidades de sobrevivência e progresso. Surge isso sim, da concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósito mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão, que constituíram de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável.²⁵

A agitação e o barulho, provocados por negros rebeldes, nos movimentos sociais dos anos 70/80, produziram muitas

fissuras na famosa ideologia da democracia racial brasileira. Esta em seu conteúdo, aponta a “inexistência” de barreiras de cor associada à ideologia do branqueamento, o que resultava num crescente desestímulo à solidariedade do negro, que percebia seu grupo de origem como referência negativa, lugar de onde teria que escapar para realizar individualmente, as expectativas de mobilidade vertical ascendente. As frustrações oriundas das inúmeras barreiras à conquista da ascensão social contribuíam para ampliar o fosso que o separava de sua identidade, enquanto indivíduo e, enquanto grupo.

Como registra Hamilton Cardoso, nos anos 80, tem-se “o tempo do negro desobediente, fora do lugar, porque não reconhece o lugar que lhe foi definido pela sociedade.”²⁶ É dessa agitação que se reconhece que existe conflito, que há antagonismo racial na sociedade, e que a presença do negro é qualificada nas relações sociais de forma diferente, com o signo da inferioridade, o que vem a ser acentuado, se adicionamos essa condição à atribuição de gênero. Como registrou a Narradora “I”, sendo de família pobre, mulher e negra, torna-se ainda bem mais difícil...!

Considero importante ressaltar aqui, que todos esses movimentos sociais, dos anos 70 e 80, constituíam a expressão mais nítida dos conflitos existentes nas relações da sociedade brasileira. Mais do que busca de soluções e de superação, eles foram enfrentamentos fortes contra as desigualdades e injustiças, expondo estas à visibilidade de toda a sociedade. Nesse sentido, mulheres brancas e negras, homens, despossuídos de todo tipo, forçando brechas no campo de forças das relações políticas, imprimiram alterações significativas sobretudo no modo de fazer política. A luta pela mudança já não era mais uma propriedade singular e exclusiva do revolucionário comunista, mas de diversos segmentos da sociedade, especialmente das mulheres, brancas e negras, dos homossexuais, dos ecologistas.

A memória destas mulheres, guarda então, o momento em que a “diferença” é reconhecida entre os que batalham juntos pela erradicação das discriminações e a sublinha como uma marca distinta na composição do social, a ser levada em conta no ideário dos grupos de ação política.

²⁴ RIBEIRO, Darcy. O POVO BRASILEIRO – A FORMAÇÃO E O SENTIDO DO BRASIL, São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995, p.p.23 – 24.

²⁵ Id. Ibid.

²⁶ CARDOZO, Hamilton. LIMITES DO CONFRONTO RACIAL E ASPECTOS DA EXPERIÊNCIA NEGRA DO BRASIL, In: SADER, Emir(org.), MOVIMENTO SOCIAIS NA TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA, São Paulo: Ed. Cortez, 1987, p.p.82 e 83.

Pierucci, destaca essa evidência em uma de suas análises sobre o conteúdo mobilizador desses grupos, registrando:

Recentemente, a “nova esquerda” dos novos movimentos sociais, dos movimentos das minorias, sobretudo, passou a investir no léxico da diferença e a tematizar o direito à diferença [...] passou-se a propor como novos imperativos categóricos para a esquerda o respeito às diferenças, o convívio com as diferenças, “a defesa das identidades coletivas” [...] são divisas novas para a esquerda, uma esquerda diferenciada e seu mote é: “a defesa do direito à diferença”.²⁷

O reconhecimento às diferenças entre mulheres e homens negros e brancos, hetero e homossexuais, pautava-se, ainda na acepção de uma unidade, ou melhor dizendo, da defesa da “igualdade”. É assim que, em certos discursos feministas, destacava-se que:

A evolução das mulheres, suas novas aspirações, a exigência de uma justa igualdade, o desejo de liberar-se dos constrangimentos que a oprimem, constituem um acontecimento de nossa época.²⁸

É preciso, antes da chegada do Socialismo com o qual sonhamos, que se lute pela condição concreta da mulher. E, por outro lado, também verifiquei que, mesmo nos países socialistas, essa igualdade não foi conseguida. É preciso, portanto, que as mulheres tomem seu destino nas mãos.²⁹

Há nestas afirmações, que correspondem a Ana Montenegro, e a Simone de Beauvoir um designador coletivo, opondo de forma binária “homens” e “mulheres”, para a qual, até mesmo o indicador da “classe social” é subsumido, ou restrito a outras formas de lutas. Ainda, estariam excluídos os vieses da etnia.

Assim, neste percursos de sua viagem ao passado, as narradoras continuam registrando os acontecimentos, a sua participação neles, e a maneira pela qual sua atenção vai sendo deslocada da centralidade na causa socialista, para a questão social das mulheres. É, por essa trilha, que a Narradora “A” ressalta:

De 1980 para cá, a Ditadura foi caindo de prestígio e o espaço se abriu para as lutas sociais, foi se abrindo mais espaços para nós e, pudemos entrar nas grandes campanhas, Campanha Eleitoral, Diretas Já. Em 1979, eu já realizava no Copacabana Palace, um grande Encontro de Mulheres, sobre o tema do direito de ter, ou de não ter filhos...é aí que as idéias

feministas começam a penetrarem, a serem motivo de reflexão...aí é que o movimento feminista no Brasil cresce muito, é muito rico de experiência e vai se enriquecer mais ainda.

Desse modo, as narradoras acentuam, os movimentos sociais organizados em partidos políticos, sindicatos, associações estudantis, empreendidos por sujeitos, que faziam oposição à situação estabelecida. A liderança e a coordenação desses movimentos, ainda eram realizadas pelos homens, a quem “tradicionalmente”, caberiam tais funções. Na forma como venho recortando as narrativas, entretanto, vai se percebendo que as mulheres que deles participam, gradativamente mobilizam-se, participando de forma ativa e significativa para História. A partir dessa sua inserção, vão se constituindo ações organizadas, em defesa de que as mulheres possam ser visibilizadas como atrizes sociais, e de que seus interesses específicos sejam contemplados nas lutas por um mundo mais justo e solidário.

²⁷ PIERUCCI, Antonio Flávio. CILADAS DA DIFERENÇA, São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo/Ed. 34, 1999, p.31.

²⁸ MONTENEGRO, Ana. SER OU NÃO SER FEMINISTA, Cadernos Guararapes 3 Recife: Ed. Guararapes, 1981, p.11.

²⁹ SCHWARZER, Alice. SIMONE DE BEAUVOIR Hoje – Rio de Janeiro: Rocco 1985, p.p. 30 e 31.

**SOIS
JEUNE**

**ET
TAIS
TOI**



“Seja jovem e cale a boca”

As Mulheres nas Lutas por suas Próprias Causas

Entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de contorná-las ou de subvertê-las. As frentes de luta das mulheres, suas tentativas de atravessar os limiares, muitas vezes provocam a violenta reação dos homens. Mas existem também outros tipos de relações - de aliança, de cumplicidade, de amizade e de amor. Trata-se menos de guerras do que escaramuças, menos de frentes do que de linhas quebradas ou deslocadas. Assim, as fronteiras que limitam as vidas das mulheres, atribuindo-lhes mais um destino do que uma sina, movem-se ao longo do tempo.

PERROT, Michelle. MULHERES PÚBLICAS, São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

Abrindo caminho para a defesa de seus interesses específicos nas lutas sociais, as mulheres que as vivenciaram, na conjuntura daqueles anos 70 e 80, revelam sua atuação como sujeitos da História, os mecanismos de poder, as contradições, os efeitos das desigualdades que perpassam as relações segmentadas entre os homens e as mulheres. São estes os movimentos que, agora, as narradoras irão desfiando de suas lembranças.

Narradora "A":

Quando os movimentos eclodiram nos anos 80, houve muita confusão, não teve uma unanimidade. O 1º Congresso foi muito legal, o 2º, mais ou menos, no 3º...o movimento estourou. Os partidos políticos tentaram manipular o movimento de mulheres.... o MR8 era do PMDB, que chamavam de oportunista, porque atacava qualquer governo, brigamos muito com eles. Num terceiro momento, houveram dois Congressos, um foi na PUC, o outro, não lembro... Esses dois Congressos se degladiaram muito, porque já eram dois grupos distintos, um das feministas, com temas específicos da Mulher, e o das que queriam defender as lutas ideológicas... ainda tem isso hoje...

Narradora "B":

É verdade, organizamos o 1º Congresso da Mulher Paulista, em 1979, e a gente rebenta com instituições e preconceitos. A própria Esquerda, era contra nós., a Direita... nem se fala! Na Esquerda se dizia que esse era um movimento de mulheres da classe média, que não tinha nada a ver com as questões do povo.... a violência?...se as mulheres apanhavam do marido, isso, na visão deles era da exploração do capitalismo, que explorava os homens e, incidia nisso... A questão do aborto?... isso não era importante... tinha coisas mais importantes que se falar do marido, de amor, do corpo... isto, então! Nossa!... esta era uma questão que pegava muito, isso era coisa de burguês...

Narradora "J":

Eu tive contatos com grupos de mulheres, nos anos 70, e isso... fazia eu me movimentar... ter uma outra leitura de vida, embora já no Grêmio da Escola, me chamava atenção que os rapazes eram sempre os líderes, já comentávamos isso entre as amigas. Já estava acontecendo um processo na Europa, as mulheres se rebelando, colocando as questões do Segundo Sexo... começamos a querer discutir isso e, os rapazes diziam que não, que a nossa luta era "maior", era contra a Ditadura. Eu já entendia que era contra toda forma de poder, inclusive de um sexo sobre outro. No nosso grupo, tinha um líder, por quem fui apaixonada, e tínhamos muita discussão sobre isso... ele saiu da liderança da organização, e eu seria a substituta natural, mas não fui aceita por ser mulher... fiquei muito brava e, rompemos o namoro...

Narradora "K":

Quando começamos a atuar em 82, com o Grupo de Mulheres da Ilha, em São Luís, na verdade começamos como um grupo de reflexão e, muita gente vinha para o grupo, pensando numa ação prática, aí não ficavam... porque nós ainda queríamos discutir questões sobre o amor, namoro, a sexualidade, o prazer, e não sentir prazer, essas coisas... em leituras e discussões de textos....uns falavam que o grupo era fechado, outros... como Kazue, queriam que o grupo discutisse as questões ideológicas mais gerais... ela era comunista partidária, queria coisas mais práticas...e nós, queríamos continuar com a reflexão. Ela saiu do grupo e foi para o grupo das Prestitas, que tinha uma animosidade forte com o nosso grupo, porque tinha aquela questão de se dividir os grupos de mulheres: as que eram feministas, e as que eram femininas. Em 82 e 83, discutíamos o tempo todo isso e, com Maria Aragão,¹ que bradava que não existia a questão específica da Mulher, mas sim a Luta Geral, quando o Socialismo chegasse, a questão da Mulher, também estaria resolvida, eu já via isso como uma questão estéril....depois, ela resgatou essa questão e, antes de morrer, trabalhou conosco...

Narradora "L":

Aquilo da Esquerda, foi um horror! Eu já vinha trabalhando com organizações de pequenas comunidades, aqui no Maranhão, nos anos 70, e, ali, eu já colocava alguma coisa para se discutir a Mulher, mas tinha restrições...essa história do específico e do geral...Para a esquerda, o específico, só depois do geral...Ah! o maior logro da minha vida foi essa história da esquerda... primeiro, a luta de classes, depois a luta específica...eu fiz tudo ao contrário (ri muito) primeiro, a luta específica, depois luta de classe, nada...

Narradora "G":

Eu já comecei com grupos de mulheres, ainda quando estava em Paris. Eu me identifiquei com o Grupo de Danda Prado, esse era um grupo de reflexão, totalmente independente, depois houve a iniciativa de um coletivo de organizações que chamou algumas mulheres, eu fui chamada também e... esse grupo se caracterizou por mulheres que tinham uma fidelidade muito maior às suas organizações partidárias, assim se distanciavam um pouco, das mulheres que tinham uma maior influência do feminismo, e uma fraca ligação partidária...embora, algumas tivessem ligações partidárias, como se estivessem divididas numa dupla militância.... este grupo tem um embrião com organização de mulheres vinculadas a Partidos que sempre existiram no Brasil. Algumas participantes, ligadas a grupos de Extrema-Esquerda, dos chamados partidos revolucionários, fizeram um Manifesto, dizendo que este partido não tinha características de um grupo feminista... que reproduziam coisas de mulher...Se retiraram e fundaram uma organização muito importante, um coletivo de mulheres em Paris...foi fundado por mulheres que tinham algum tipo de ligação com a esquerda revolucionária brasileira.

As narrativas se desenvolvem atravessando fronteiras regionais e se espraiam, revelando os acontecimentos em diferentes localidades: São Luís, São Paulo, Brasil, Paris. Em todos os cantos do mundo, vão situando atores, atrizes e, circunscrevendo o lugar das mulheres, seus movimentos e reflexões, sua presença nas lutas sociais. Mais do que isso, circunscrevem nestes fragmentos de lembranças, o momento de distinguirem escolhas e posicionamentos, a favor da luta geral, pelo socialismo, ou da luta específica, orientada para as questões das mulheres, no âmbito das relações de gênero.

Parece, como citou a Narradora "K", que essa é uma distinção estéril. Entretanto, embora ela a tenha entendido desta forma, o enfoque dessa distinção é importante, pois atravessa o tecido social, retira a camada de uniformidade que o recobre e, naquele momento, expõe o tema da Mulher, ou dizendo-se de um outro modo, as questões femininas. A Mulher, emerge nas relações sociais, procurando por si mesma ou, questionando o modo como é tratada, no interior das organizações masculinas, descortinando as diferenciações constantes nas relações de gênero.

As narrativas, como o disse Benjamin,² tecem a rede que todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra. Desse modo, o ruído provocado pela mulheres, naqueles anos, falando alto sobre tudo aquilo que não desejam mais silenciar, vem à tona nestas narrativas, com fortes expressões dos sentimentos e, avaliações que vão sendo registradas. É, mais

¹ MARIA JOSÉ ARAGÃO, Médica e ativista política do PC do B, com trabalho social reconhecido em todos os meios intelectuais, de São Luís.

² BENJAMIN, Walter. MAGIA E TÉCNICA: Arte e Política-Obras Escolhidas, V.1-São Paulo. Ed. Brasiliense, 1994, p.211.

uma vez, a feliz citação de Benjamin que nos parece apropriada a este momento:

Comum a todos os grandes narradores é a facilidade com que se movem para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada. Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens- é a imagem de uma experiência coletiva, para a qual mesmo o mais profundo choque da experiência individual a morte, não representa nem um escândalo nem um impedimento.³

É então, nesse movimento de subida e descida nos degraus de suas lembranças, que as narradoras, vão destacando que ser burguês, passava a ser um termo carregado de negatividade, quando o que era discutido pela pessoa, versava sobre maridos, amor corpo. O “revolucionário” impunha-se deixar de lado essas questões, considerando-as secundárias, ou supérfluas diante do tema da justiça social, que, naquela conjuntura, só poderia ocorrer com a implantação do Socialismo. A esfera pessoal, deveria estar subordinada à esfera coletiva, ao bem estar social.

Este é um recorte das lembranças, que sintoniza, proximamente, com o que se ressalta em análises, anteriormente realizadas, principalmente, por algumas feministas socialistas, tal como o destaque feito por Hilary Wainwright, de que:

Nenhuma dessas organizações socialistas revolucionárias tinha qualquer compreensão real da subjetividade da opressão, das conexões entre as relações pessoais e a organização política pública, ou dos componentes emocionais da consciência, até que o movimento de mulheres trouxesse esses temas à tona e fizesse deles parte do pensamento e da ação política.⁴

Integrando esta compreensão, percebo ainda, que as mulheres, em seus movimentos, naqueles anos expõem, claramente, que o tecido social precisava ser percebido em sua tessitura complexa, sendo a subordinação de classe, apenas uma das tramas, por onde se consolidavam as injustiças sociais. Trabalhando com a perspectiva de Guattari,⁵ pode-se parafraseá-lo, dizendo que a mola-mestra da problemática das minorias, é uma problemática da multiplicidade e da pluralidade, e não de simples mudança de posição, ou de retorno ao idêntico, à identidade cultural.

³ Id. Ibid. p.215.

⁴ WAINWRIGHT, Hilary. SEGAL, Lynne e ROWBOTHAM, Sheila. ALÉM DOS FRAGMENTOS: O Feminismo e a Construção do Socialismo, São Paulo: Brasiliense, 1981, p.p.18 e 19.

⁵ GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. MICROPOLÍTICA-CARTOGRAFIAS DO DESEJO, Rio de Janeiro. Petropolis: Ed. Vozes, 1993, p.74.

Um outro fragmento importante das lembranças, é o destacado pela Narradora “J”, quando percebe que seu poder de liderança não poderia ser levado em conta, pelo fato de “ser mulher”, e que, na relação amorosa, o parceiro partilha desse modo de encarar a vida. Sua atitude parece incomum, naquele contexto, por tomar-se como alguém que poderia exercer o cargo de liderança da organização, não aceitando o que estava tradicionalmente prescrito: a chefia de cargos políticos era destinada aos homens, como também, por posicionar-se contra esse modo de distinção tradicionalista nas relações de gênero, com o parceiro amoroso, evitando repetir os mecanismos automatizados da Mulher, que subordinaria sua vontade à desse parceiro, mantendo o namoro em andamento.

Infringindo esses códigos, as mulheres rebeldes, dos anos 70 e 80, passam rapidamente, a congregar um segmento de mulheres ruidosas, mal-amadas e radicais no imaginário dos homens. Betty Friedan, a americana radical, que teria incitado as mulheres à rebelião, naqueles anos, chamando a atenção em todo o mundo, logo foi proclamada a feia radical, o que parecia favorável à associação da feminista à uma imagem de mulher feia, rancorosa, invejosa e, certamente, muito mal-amada. Feminina e Feminista, passaram então, a serem distinções aplicáveis àquelas que se encaixavam, ou nos modelos tradicionais de Mulher, ou àquelas que se propunham a romperem com esse modelo e reformularem os parâmetros pelos quais se orientavam as relações de gênero.

O que as mulheres destas narrativas também enunciam, são as cisões e diferentes percepções entre elas, feministas, corroborando o que já se constatou em diversos trabalhos, nesta área; os feminismos foram distintos, embora tenham tido como elemento comum, a denúncia, ou a luta contra as desigualdades sociais, entre as categorias de sexo.

Heleieth Saffioti,⁶ ressalta que no Brasil, naquele contexto, foram expressivas duas vertentes feministas: a liberal-burguesa e a socialista-comunista. O feminismo-liberal, partindo das teorias seiscentistas e setecentistas, do Contrato Social, colocava a opressão das mulheres como estando vinculada às desigualdades entre os homens e as mulheres, nos domínios dos direitos civis e

⁶ SAFFIOTI, Heleieth. *O FEMINISMO E SEUS FRUTOS NO BRASIL*, In: MOVIMENTOS SOCIAIS NA TRANSIÇÃO DEMOCRÁTICA, 1987, P.P.118-120.

das oportunidades educacionais. A característica fundamental do feminismo-socialista, consistia em realizar tentativas de lidar, simultaneamente, com a problemática das relações de gênero e com a questão das relações entre as classes sociais.

Segundo Saffioti, todas as tendências feministas daquele período, eram carentes de uma sólida teoria da opressão. Contudo, enquanto movimentos sociais, prescindem dessa teoria, bastando-lhes a identificação da discriminação contra a mulher, da misoginia, da hegemonia masculina na sociedade brasileira.⁷

Refletindo um pouco, sobre a ótica de Guattari e Rolnik,⁸ tem-se a aceção de que todos os fenômenos importantes, envolvem dimensões do desejo e da subjetividade e que, movimentos como o das mulheres, podem ser considerados como processos de constituição da subjetividade coletiva que não são resultado do somatório de subjetividades individuais, mas sim do confronto com as maneiras como são fabricadas as subjetividades.

No campo das relações de gênero, homens e mulheres são assim definidos a partir de suas características anatômico-sexuais, como se esses vetores é que fossem os determinantes exclusivos de suas condutas, de suas interações sociais e de suas subjetividades. Muito já se tem dito e veiculado sobre a perspectiva de que as definições e orientações sobre o ser-homem e o ser-mulher, são construções sociais articuladas ao vetor biológico, designando-lhe atribuições e funções diferenciadas e desiguais.

Para Guattari, a subjetividade pode ser percebida enquanto produção de instituições especializadas que visam reproduzir subjetividades que sejam convenientes aos interesses dos grupos dominantes. Tentar constituir um outro modo de ser e de existir nas relações sociais, pode romper com os modelos de subjetividade dominantes, e instituir processos de singularização que possibilitam a expansão e a fluidez dos movimentos do desejo.

Não se pode, entretanto, ler este conteúdo, entendendo-o na sua forma unívoca, como se as linhas que o compõem fossem retas, iniciando-se num comportamento persecutório das classes dominantes, até a recepção passiva e à vitimização dos grupos dominados, para não perdermos de vista a dinâmica da inserção dos sujeitos nas relações sociais, ou os diversos recursos de que se utilizam para se apropriarem daquilo que valoram socialmente, e que vêem como possibilidades de adquirirem para si próprios.

Todo um entrecruzamento de análises, que vão desde o conhecimento, dito comum, ao que se circunscreve ao âmbito de disciplinas como a sociologia, a psicologia, ou a antropologia, pode ser espessado para nos darem conta dos movimentos de interação e articulação das relações sujeito e contexto. Nestas, pode-se, ainda, apreender que o movimento do desejo dos sujeitos, não é anulado, mas, certamente, direcionado, ou induzido a ser canalizado para aqueles ideais, significados e valores que são padronizados como os "normais", ou "corretos".

Esta apreensão entretanto, está dispersa nos argumentos de Guattari, embora se ressalte ao seu olhar, os movimentos subversivos de grupos de militantes, com breve incitação para ver-se outros registros e realizações que instaurem outros modos de existir, fora dos vieses de uma padronização do "capitalismo maquínico" dominante, como ele se refere em seus trabalhos.

A partir deste ponto, voltamos a escutar a Narradora "I", que lembra rindo muito, de suas vivências no grupo PUNGA, ainda um grupo de universitários, que busca aproximação com movimentos organizados na periferia de São Luís, ressaltando como, posicionando-se de modo diverso dos padrões estabelecidos, ela vai atuando de forma diferente, na relações de gênero, no interior do próprio grupo:

Narradora "I":

No grupo, começávamos a assumir as nossas tradições, as roupas, começava a pensar, além de aprender a dançar o tambor de crioula, de aprender a dançar boi...também vestir roupas que a gente achava que eram mais bonitas que as outras, saias largas.... porque a gente achava que era gostoso, era divertido.... ainda porque a gente estava assumindo politicamente aquilo... a gente fazia uma terapia, sem fazer aquela análise política... era porque a gente estava gostando daquela historinha...estava se indisciplinando contra aquelas histórias que estavam fluentes. No grupo, éramos todos amigos, dormíamos juntos, tirávamos a roupa perto uns dos outros.... em Alcântara, não tinha água e, os meninos iam buscar água para tomarmos banho. Então, passávamos a ter uma relação de confiança...aí se passava a questionar as outras relações estabelecidas, a história do núcleo familiar... a história do corpo, a dança do tambor de crioula, a suspender as saias, questionava-se as relações estabelecidas sem nem ter pensado porque isso era importante pra gente...

Em verdade, desfiando suas lembranças, as mulheres narradoras vão situando, aqui, sua localização nas relações de gênero, a atribuição sócio sexual, que lhes é conferida, a fragmentação de sua subjetividade, os questionamentos que então, lhes pareciam urgentes sobre todos esses aspectos, ao mesmo tempo que, juntas, em grupos, sentindo-se assim mais fortes, experimentam, inovam e tentam romper com um velho

⁷ Id. Ibid. p.p.108-113.

⁸ GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Op. Cit.

modo de fazer política, alargando espaços para processos de singularização subjetiva. Nesse sentido, duas outras narradoras ressaltam:

Narradora "M":

Entrei na Universidade em 1971... me formei na UFMA, e fiz o Mestrado na PUC, do Rio de Janeiro. No final dos anos 70, eu voltei ao Maranhão, em plena efervescência de muitas iniciativas, inclusive do movimento de mulheres, do qual fui me aproximando, tanto pela leituras, como pelos contatos de amizade. Já haviam grandes reuniões, onde mais de trinta mulheres sentavam, discutiam, faziam debates, seminários....e, cada vez mais, eu vou me animando a fazer parte do grupo. Depois daquele grande baile... um baile que foi no Círculo Operário, você lembra?... Esse baile foi uma atividade feita pelas mulheres que organizavam o grupo e,... foi uma atividade muito interessante, de DANÇA, de HARMONIA, de muita FESTA... porque eu acho que o movimento de mulheres tem assim.... tem uma pluralidade de dimensões... tem essa capacidade de recuperar o lúdico, o prazer, a capacidade de auto-extensão das mulheres, aquelas coisas que a gente chamava de privadas...e, o ato de dançar, ainda é muito libertário... mexe com todas as repressões da gente. Então, essa festa foi ótima...dançando frevo, de salto alto, eu tive uma entorse que me valeu muitos dias de perna engessada, mas valeu a pena...

Narradora "H":

Quando o nosso grupo se definiu, dentro do Centro de Cultura Negra, começou a perturbar os homens, porque se dizia... hoje tem reunião no CCN, para discutir texto... e, a gente estava interessada em outras coisas, discutir a afetividade, por exemplo... fazer oficinas. Eles abriam as portas e, lá estavam as mulheres dançando, pulando, se movimentando nas oficinas, e eles, a quererem discutir outras coisas, foi um horror! Teve muita polêmica com eles e, ficou tão sério, que eles já não deixavam as namoradas chegarem perto de nós e, começaram a dizer que éramos um grupo de mulheres mal-amadas, que queríamos formar um grupo de luluzinhas, que queríamos dividir o movimento negro...e, nós a essa altura, discutíamos a sexualidade, a afetividade, a violência, não a isto, não a aquilo e, com isso, acontecia o processo de transformação da pessoa...

Estas lembranças, foram sendo selecionadas, no sentido de dar conta da especificidade dos grupos de mulheres, que traziam para o foco da discussão política, a presença dos afetos, da sexualidade, dos conflitos nas relações familiares e da alegria, como tônica do grupo, fazendo com que as "coisas chamadas privadas", como lembrou a Narradora "M", se tornassem visíveis no espaço público, alargando a noção do político.

Em momento anterior chamei a atenção para a análise de Hilary Wainwright,⁹ em que ela resalta ter o movimento de mulheres, o mérito de interligar conexões entre as relações pessoais e a organização política pública, e de destacar os componentes emocionais da consciência e outras manifestações da subjetividade, trazendo-as para o campo da ação política. Do

ponto de vista da Memória Coletiva, o grupo vê-se de dentro, como resalta Halbwachs.¹⁰ Aqui, as mulheres compõem um quadro de si mesmas, de tal maneira que se reconhecem sempre dentro dessas imagens sucessivas.

Reconhecem publicamente que seu corpo, a tonalidade de suas emoções, o exercício de sua sexualidade eram convencionalmente modelados, sendo alvo de distorções e de muitas restrições sociais. Envolver essas instâncias da vida em reflexões e possíveis desconstruções viria abalar gravemente as padronizações convenientes à sedimentação das relações de gênero, até então vigentes.

É possível, a exemplo do que estou argumentando, destacar um dos excertos de Mary Douglas sobre a questão do corpo: se o corpo é um símbolo da sociedade, toda ameaça sobre sua forma afeta simbolicamente o vínculo social¹¹ Breton, complementa ressaltando que:

Os limites do corpo desenham na sua escala a ordem moral e significativa do mundo. Pensar o corpo, é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social; uma perturbação na configuração do corpo é uma perturbação introduzida na coerência do mundo.¹²

Caminhando nessa perspectiva, entendo que os homens do Centro de Cultura Negra ficassem zangados, por ocasião de suas reuniões, como foi lembrado pela Narradora "H", quando "elas" priorizavam as discussões sobre afetos, sexualidade, corpo, ante a sua preocupação com a luta dos negros. A questão do gênero está aí colocada, ou pelo menos "onde deveria estar", no plano secundário.

Giddens, em suas análises sobre a sexualidade, o amor e o erotismo nas sociedades modernas¹³ destaca que o amor era então considerado uma especificidade das mulheres. No primeiro plano, há apenas o mundo do trabalho assumido como um empreendimento masculino.

É, por essa via, que nas lembranças destas narradoras toma a forma crescente "a diferença" entre os homens e as

¹⁰ HALBWACHS, Maurice, Op. Cit, p.88.

¹¹ DOUGLAS, Mary. DE LA SOVILLURE, Paris: Maspero, 1971 apud BRETON, David Le. LA CHAIR A VIF. USAGES MEDICAUX ET MONDAINS DO CORPS HUMAINS, Paris Métailié, 1993, p.p.298-316.

¹² BRETON, David Le. A SÍNDROME DE FRANKSTEIN, In: SANT'ANNA, Denise B. de, POLÍTICAS DO CORPO, São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p.65.

¹³ GIDDENS, Anthony. A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993, p.187.

⁹ WAINWRIGHT, Hilary. Op. Cit.

mulheres, que se manifesta nas expressões afetivas. As emoções e os sentimentos estariam circunscritos às mulheres. Por essa linha de raciocínio, os homens teriam excluídas expressões fundamentais de suas existências.

“Clube da Luluzinha”, “mal-amadas”, e outros, são designativos atribuídos pelos que se sentem incomodados com o barulho das reivindicações das mulheres, tal como foi destacado nas lembranças das narradoras. De um lado, os segmentos masculinos, inquietam-se que certas questões que eram consideradas restritas ao âmbito da esfera privada, merecessem tanta atenção e se espraiassem para o âmbito do público. Por outro lado, com o viés ideológico de que a mudança nas relações de gênero, adviria espontaneamente, com a implantação do Socialismo, homens e mulheres militantes declararam-se hostis às bandeiras feministas, apontando serem secundárias as reivindicações que portavam.

Sobre algumas dessas distinções, a Narradora “A”, continua registrando:

Eu tinha voltado em 1979 e, ainda tinha muito medo de ser presa por causa da minha história na Europa. Logo que cheguei, eu fiz uma palestra no Rio de Janeiro, onde eu exaltava o papel da democracia na resistência de um movimento democrático...fui muito contestada, porque muitas mulheres diziam,,, você é feminista? Eu dizia: não, sou uma marxista que defende os direitos das mulheres... não sou feminista. Eu dizia assim, porque as concepções que eu tinha de ser feminista, eram muito feias. A PAGU, pra mim, era uma prostituta, a Heloneida, também... era o que eu tinha aprendido... então, eu fui me tornar uma... (ri bastante)

No livro de Moema Toscano e Mírian Goldenberg, “A Revolução das Mulheres”,¹⁴ feministas, hoje internacionalmente conhecidas, destacam lembranças de que, em sua iniciação no movimento de mulheres, temiam serem chamadas “feministas”, tal a carga de associações negativas que ainda se sobrepunham a essa designação. Assim, Heleith Saffioti registra:

No meu primeiro livro eu digo que ele não é um livro feminista, que é um livro que serve tanto para homens como para mulheres. Era um momento da minha vida que eu tinha um medo terrível, porque a sociedade brasileira era tão fechada para isso que eu tinha muito medo de ser identificada como feminista, isso em 1966 / 67.¹⁵

Quase no mesmo tom, Rose Marie Muraro ressalta:

Em 1971, resolvi chamar a Betty Friedan para vir ao Brasil, e os machões do “PASQUIM” encheram o saco... parecia que o país inteiro caiu na minha cabeça... eu estava com muito medo do feminismo nos anos 70.¹⁶

Ainda, nessa linha de pensamento, outras narradoras, intervêm, ressaltando:

Narradora “K”:

Até hoje, quando eu chego em qualquer lugar, dizem...lá vem ela falar de mulher, já estigmatizando... todo mundo do grupo, ficou estigmatizada, como feminista, como defensora de mulher. No movimento sindical, sempre senti muitos problemas. Todas as vezes que a gente queria colocar a questão da mulher, era sempre muita confusão. A gente tinha de brigar para colocar essa questão. Também, em movimentos político-partidários, em Congressos de Trabalhadores, eu lembro que eu brigava muito por isso, pra eles essa questão não era relevante.

Narradora “E”:

Fizemos o 1º Congresso de mulheres metalúrgicas, em 31 de agosto de 1979, dia em que foi decretada a Anistia... nunca mais esqueço desta data, na minha vida...no dia seguinte era um domingo... vieram muitas pessoas que tinham saído da prisão, aí... nós comemoramos com eles esse ato importante. A luta que fazíamos como mulheres, estava muito colada à luta política daquele momento, contra a Ditadura, pela Anistia... e, tinha necessidade da organização das mulheres... Ao final de 79, propusemos realizar um Congresso de Mulheres Metalúrgicas e, fizemos o Congresso, que deu mais de 270 mulheres. Para aquela época, foi um “BOOM”, teve colega que foi presa, pixando... agitamos muito, fizemos jornais sobre a questão das mulheres e, começamos a brigar para colocarem mais mulheres nos sindicatos, na diretoria...que era uma seção altamente masculina... haviam muitas mulheres, no setor elétrico, no setor eletrônico. Quando colocamos isso, naquele momento, muitos ficaram olhando assim... desconfiados... o que é que essas mulheres querem com isso?

É possível, como uma das respostas a essa pergunta, feita muitas vezes pelos homens, destacar a citação do escritor Stendhal, registrada no livro de Maria Rita Kehl.¹⁷ extraída de um de seus ensaios, De L’Amour:

Concede-se que uma menina de dez anos, seja vinte vezes mais esperta que um moleque da mesma idade. E, porque ela se transforma, aos vinte, numa grande idiota, desajeitada, tímida, com medo de aranhas, enquanto o moleque se torna um homem espirituoso e inteligente?

Kehl, ressalta que o próprio Stendhal responde à sua pergunta, concluindo que as mulheres só sabem aquilo que os homens desejam que elas aprendam. E, aos pais, maridos e

¹⁴ GOLDENBERG, Mírian e TOSCANO, Moema. A REVOLUÇÃO DAS MULHERES: Um Balanço do Feminismo no Brasil, Rio de Janeiro: Éd. Revan, 1992.

¹⁵ SAFFIOTI, em depoimento a Moema Toscano e Mírian Goldenberg, no livro citado anteriormente na nota 43-p.49.

¹⁶ MURARO, Rose citada em depoimento no livro de Moema Toscano e Mírian Goldenberg- nota 43-p.52.

¹⁷ STENDHAL. De L’Amour. Apud KEHL, Maria Rita. DESLOCAMENTOS DO FEMININO-A MULHER FREUDIANA NA PASSAGEM PARA A MODERNIDADE, Rio de Janeiro: IMAGO, 1988, P.P.86 e 87.

educadores, ainda segundo Ma. Rita Kehl, é conveniente que as mulheres, desde a consolidação do pensamento oitocentista, mantenham-se inocentes sexualmente, e maleáveis socialmente. Um temor generalizado, de que qualquer deslocamento na vida das mulheres ameace a família, a sociedade, a nação inteira, tem persistido nas relações de gênero.

Já ressaltai, anteriormente, e de um outro modo, que a ideologia recorrente, no interior das relações de gênero, traduzia-se numa interação em que, homens e mulheres, movimentavam-se, em polos de extrema oposição. O lugar da mulher, na casa, na família, no trabalho, nas organizações, era diferenciado por estar calcado na subordinação às determinações masculinas. Como afirma Carla Bassanezi, em seu trabalho sobre "As Revistas Femininas e as Relações Homem-Mulher, no período de 1945 a 1964:

As relações Homem-Mulher, se definiam como uma modalidade de relações de Poder, em que se observa uma hierarquia entre o masculino e o feminino. O Poder relacionado ao masculino, era privilegiado, enquanto o que fazia referência, ou era considerado feminino, ocupava uma posição subordinada.¹⁸

Investir-se de poderes para contestar essa subordinação e, definir outras condutas e atitudes, incorre certamente, em mobilizar reações e acirrar os conflitos latentes, ou seja, mudar o seu próprio lugar, os seus posicionamentos, implicaria em alterar os relacionamentos, modificar, também, a posição dos parceiros; obrigá-los a revisões e reformulações. Seria alterar, significativamente, códigos e instituições vigentes. A quem isto poderia interessar?

Tornando público esses seus interesses, as mulheres retomam suas narrativas:

Narradora "N":

Eu sempre me interessei por esses movimentos, mas só vim mesmo participar de movimento organizado, na década de 80. Primeiro, no Coletivo de Mulheres Negras, do qual fui uma das fundadoras, depois fundamos um outro Grupo, hoje uma ONG... o Coletivo de Mulheres Negras, nasceu de uma reação das mulheres negras à criação do Conselho Estadual da Condição Feminina, sem a participação das mulheres negras. Surgiu, em meio à incitação da jornalista Marta Arruda, que ao saber que as mulheres negras não participavam do Conselho, abriu uma campanha acirrada de

denúncias e, começou a congrega mulheres negras ativistas, perto de si, o que resultou nesse Coletivo, e, em conseguirmos dar posse às mulheres negras no Conselho, e, por uns quatro a cinco anos, passamos a trabalhar de forma articulada, dando sustentação ao trabalho do Conselho...depois criamos um outro grupo que tivesse autonomia em relação ao Estado. É assim, no começo, há um movimento coletivo de mulheres...as mulheres brancas e as mulheres negras estão lá, mas há uma insatisfação das mulheres negras, em relação à forma como a questão da mulher negra é subestimada na visão feminista. É isso que acaba gerando propostas de uma organização distinta... eu sou uma das pessoas que encabeça essas propostas e, coloca a temática da mulher negra... queríamos uma organização política de valorização e defesa da temática das mulheres negras, um instrumento político para as mulheres negras, na promoção da igualdade...

Narradora "H":

Éramos grupos de mulheres negras... nós existimos, dizíamos... temos uma história... queriam saber o porque do nosso grupo, e dizíamos sempre: tem uma questão que é nossa. E, não tinha isso assim... de mulher branca não entrar. Você podia ser branca, na cor da pele, mas ter uma história de negra, não tinha esse barrismo, mas as pessoas sabiam que tinha uma questão da mulher negra, e era uma coisa tão nova que as pessoas se chocavam. O movimento feminista mesmo, achava um horror!... e tem a ver que quando aconteciam os Encontros grandes, a nível nacional, as mulheres queriam discutir suas questões específicas, e, essa história da cor da pele, no fundo tem histórias diferentes e aí... começam as grandes confusões nos Encontros... O movimento das mulheres negras, nasce também, dentro desses Encontros, da necessidade de discutir nossas questões de identidade, de auto-estima, que eram diferentes da história da mulher branca. Esta já veio da sociedade, de outra forma, já veio mais ou menos estruturada em todos os sentidos, de família, de afetividade, de vida profissional e, a mulher negra não... a história é outra... de cozinha, de falta de formação, de educação, sem nem saber o que é isso de afetividade, de sexualidade, imagina!... tinha de trabalhar, tinha de manter a casa, ser mãe e pai da família...é muito parecida com as histórias de lá atrás... no tempo...

O registro de Caldeira,¹⁹ sintoniza com estes relatos, no sentido de apontar que a memória de um grupo social, é produzida socialmente, mas não se tratando apenas de uma produção coletiva; ela associa, tanto ao passado, quanto ao presente, experiências do grupo que interpreta e reinterpreta o passado, e usa suas interpretações para dar sentido à sua experiência presente e para legitimar diferentes interesses.É assim que, muitos outros fragmentos das lembranças vão ressaltando o reconhecimento das diferenças que estão embutidas na categoria Mulher e, apontando, distorções que não poderiam mais serem corrigidas, unicamente com a cobertura da reflexão e das práticas políticas, no âmbito das "relações de gênero".

¹⁸ BASSANEZI, Carla. VIRANDO AS PÁGINAS- Revendo as Mulheres: Revistas Femininas e Relações Homem-Mulher, 1945 a 1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p.p.86 e 87.

¹⁹ CALDEIRA, Tereza Pires do Rio, Apud. BERNARDO, Terezinha. MEMÓRIA EM BRANCO É NEGRO: OLHARES SOBRE SÃO PAULO, São Paulo: EDUC: Fundação Editora da UNESP, 1988, p.32.

Dizendo que, em sua atuação, no CCN,²⁰ percebe o movimento de resgate das histórias de muitas mulheres negras, que se assemelham e, que são muito parecidas com as histórias lá atrás... no tempo, a Narradora "H", retoma o tema da escravidão dos negros e das negras, ou de suas vivências, em condições de desigualdade, marcadas por discriminações de pobreza e de inferioridade racial.

Para Sueli Carneiro e Thereza Santos, as mulheres negras advém de uma experiência histórica diferenciada, alinhada com a perda do poder de dominação do homem negro, por sua situação de escravo, pela sujeição ao homem branco opressor e pelo exercício de diferentes estratégias de resistência e sobrevivência. Enquanto a relação convencional de dominação e subordinação da Mulher tem como complementariedade, a eleição do homem provedor, temos o homem negro castrado de tal poder, enquanto escravo e, posteriormente, enquanto aliado do processo de industrialização nascente. Complementando, elas ainda ressaltam:

[...] por outro lado, as condições de anomia em que vivia a população negra, durante a escravidão, não permitiam ao homem negro exercer sobre a mulher negra, a opressão paternalisticamente protetora, a que estavam submetidas as mulheres brancas [...] igualmente, as relações estabelecidas entre homens brancos e mulheres negras, evidentemente, estavam longe de reproduzir as formas de expressão características das relações de gênero entre os brancos.²¹

Volto, então, a Darcy Ribeiro, que nos lembra que debaixo da nossa uniformidade étnico-cultural, e da unidade nacional, acumulamos tensões dissociativas de caráter traumático. Segundo Darcy, ainda, essa condição de unidade racial e cultural, foi construída de maneira perversa, sendo sua oposição, e pode-se dizer, ao mesmo tempo, complemento da dilaceração desse mesmo povo por uma estratificação classista, de nítido colorido racial e do tipo mais cruamente desigualitário que se possa perceber.²²

Também Lilia Schwarcz, entende que, em nossa sociedade, estabeleceu-se historicamente um tipo particular de racismo, silencioso e sem cara, que se esconde por trás de uma suposta garantia de universalidade da igualdade das leis, e que lança para o privado o jogo da discriminação. Acentua ainda, que:

[...] em uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade, pelo paternalismo das relações e pelo clientelismo, o racismo só se afirma na intimidade. E da ordem do privado, pois não se regula pela Lei Não se afirma publicamente.²³

Já Verena Stolcke,²⁴ entende que nas sociedades de classes, em geral as diferenças de sexo, não menos que as de raça, são identificadas como fatos biologicamente significativos, para interpretar-se as desigualdades e justificar-se exclusões e discriminações. Nesse sentido, um procedimento ideológico fundamental é o de "naturalizar-se" essas desigualdades.

Desse modo, pelo viés da construção de uma unidade racial e cultural brasileira, os grupos organizados de mulheres, nos anos 70, inicialmente não atentavam mais diretamente para as diversidades que compunham o conjunto de mulheres em movimentos, enfatizando seu enfrentamento, de um modo mais genérico, na composição homens-mulheres, nas relações de gênero, para o que, com certeza, tinham de colocar muita energia, sobretudo para afirmarem a questão da especificidade do gênero, ante a questão da luta de classes.

Coloca-se também, aqui a prioridade que era dada à questão da "igualdade", enunciada, e ruidosamente batalhada na primeira etapa das reflexões e práticas do movimento feminista, quando ainda, eram enfaticamente defendidas conquistas paritárias num mundo marcadamente masculino, nos empregos mais bem-remunerados, na administração dos negócios, nas universidades, nas pesquisas científicas, nos setores jurídicos.

De acordo com Pierucci:

O contato com as vidas das mulheres negras através de pesquisa empírica e da literatura de autoria das mulheres negras, levou nos anos 80 à descoberta surpreendente, de início, aos olhos das feministas brancas, de que uma mulher negra, nunca é simplesmente uma mulher[...] nas mulheres negras, raça e gênero vêm junto, inevitavelmente juntos[...] raça / gênero, gênero / raça, experimentados conjuntamente num mesmo corpo, mutuamente constitutivos, mutuamente imbricados, sem se deixarem fundir numa coisa só.²⁵

A complexidade das condições de gênero e etnia, ressalta-se nas lembranças das narradoras, focalizando um contexto no

²⁰ C.C.N., Centro de Cultura Negra do Maranhão.

²¹ CARNEIRO, Sueli, SANTOS, Tereza e COSTA, Albertina. MULHER NEGRA – Política Governamental e a Mulher, São Paulo: Nobel / Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985, p.43.

²² RIBEIRO, Darcy. O POVO BRASILEIRO. A FORMAÇÃO E SENTIDO DO BRASIL, São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.p.23 e 24.

²³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. NEM PRETO NEM BRANCO; MUITO PELO CONTRÁRIO: Cor e Raça Na Intimidade, In: NOVAES, Fernando A. SCHWARCZ, Lilia(org.), HISTÓRIA PRIVADA NO BRASIL, V. 4, São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p.p.173 a 243.

²⁴ STOLCKE, Verena. SEXO ESTÁ PARA GÊNERO, ASSIM COMO RAÇA PARA ETNICIDADE? Revista de Estudos Afro-Asiáticos, Junho de 1991, nº 20.

²⁵ PIERUCCI, Atonio Flávio. CILADAS DE DIFERENÇA, São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia da USP, Ed. 34, 199, p.p. 135 e 136.

qual muitas questões, “das mulheres”, em geral, já vinham sendo realçadas, deslocando o movimento, fazendo surgirem nele, outras linhas da tessitura social, com outros tons e espessuras.

As reações das mulheres negras, nas narrativas que ora registro, são de denúncias e de reconhecimento de insatisfações, que, segundo elas, requeriam a utilização de um instrumento político de valorização da temática específica da mulher negra.

Uma especificidade, ressaltada pela Narradora “H”, é a de que era preciso reconhecer claramente, a distinção das histórias de mulheres brancas e negras, sendo a destas últimas repleta de maiores carências que a das mulheres brancas, cujas trajetórias, em condições sociais mais valorizadas, lhes permitiriam acesso a maiores privilégios e, a melhor qualidade de vida.

Nesta mesma sintonia, Sueli Carneiro e Thereza Santos, ressaltam:

[...] a luta da mulher branca pela sua equiparação ao homem, ante os meios do desenvolvimento do pensamento e da ação, a diferença da mulher negra, já que à mulher branca, está assegurada historicamente, uma certa mobilidade vertical na sociedade, o que se contrapõe, não só à mulher negra, mas também ao homem negro... no sentido explícito de que, a liberdade pleiteada pela mulher branca, implica visceralmente na exclusão da mulher negra, já que esta não está identificada com a outra, pelo sistema valorativo rácio-etnocêntrico, que delega à mulher negra, as tarefas mais ínfimas da sociedade brasileira.²⁶

Duas categorias são, principalmente, tomadas pelos integrantes dos grupos de mulheres negras como componentes essenciais para instrumentalização dos seus movimentos, tal como aparecem nas narrativas: a identidade e a história. Tornam-se categorias políticas das lutas, para o entendimento e a transformação, a partir das definições de questões, como: “quem somos?” e “como chegamos a ser o que somos?”

Num ensaio de Tilman Evers, sobre os movimentos sociais, das décadas de 70 e 80, é destacado que os atuantes daqueles movimentos sociais, empreendem passos relevantes para tornarem-se sujeitos de sua própria história, e, para isso, intentam romper com a alienação do contexto sócio-cultural, e afirmarem-se, sendo ainda ressaltado que:

Tanto a nível individual, ou coletivo, a primeira tarefa difícil, consiste em chegar a uma auto- percepção realista de suas próprias características, potenciais e limitações, superando falsas identidades, outorgadas de fora, e, atravessando as tempestades em que se alternam excesso e ausência de auto-estima. Isso significa, fundamentalmente, reafirmar a própria

dignidade humana, diante da experiência diária de miséria, opressão e devastação cultural.²⁷

A Narradora “H”, ainda fala, de “histórias muito parecidas”, que se assemelham e se identificam com as outras histórias, “dos tempos...lá atrás”, o que aponta para a concepção que lhes parecia fundamental, em suas ações políticas: reconstituírem a história das mulheres e dos homens negros, recuperarem as suas trajetórias, buscando conhecer as raízes sobre as quais se assentam as normas e princípios, que orientam seu modo de existência.

Do ponto de vista da busca de uma identidade negra, disseminada nos discursos políticos, pode-se também, pensar em suas ambigüidades pois, se por um lado, esta intencionava fazer um resgate histórico e valorizar mulheres e homens negros, abalando os alicerces da discriminação social, por outro lado, incorria na tendência a prender-se a uma referência identitária fixa, que se ancorava em determinados símbolos culturais, que uma vez reconhecidos como vinculados aos grupos negros, podiam ser fixados para sempre.

Retomando as concepções de Guattari, penso nos riscos de, ao nos orientarmos pelo conceito de identidade, deixarmos de reconhecer, nos movimentos dinamizados pelos sujeitos negros, naqueles anos, processos singulares de criação e renovação que se instauravam nas relações amorosas, de amizade, ou de trabalho, para além do resgate histórico, com que buscavam desconstruir modos de ser sedimentados há muito tempo.

Em todo caso, a rememoração destas mulheres negras, dá conta dos esforços e das dificuldades sentidas no percurso dos seus movimentos. A respeito disto, em um certo registro de Pollak, encontra-se destacado:

pode-se imaginar, para aqueles, cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de reconstrução de si-mesmo (no qual o indivíduo tende a definir seu lugar e suas relações com os outros), de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Nesses casos, traços de uma memória individual, resultam da gestão de um equilíbrio precário, de muitas contradições e de tensões.²⁸

Esta reflexão me faz pensar nas dificuldades e bloqueios, que pude sintonizar, por ocasião da escuta das narrativas, em trechos muito recortados e, até mesmo em posturas, que se

²⁷ EVERS, Tilman. *IDENTIDADE: A FACE OCULTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS*, In: Revista Novos Estudos CEBRAP, Abril, 19984, nº 4, p.p.18 a 20.

²⁸ POLLAK, Michael. Op. Cit., p.p.12 e 13.

²⁶ CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Tereza e COSTA, Albertina, Op. Cit. p.44.

manifestavam, como parecendo indagar à ouvinte: o que você quer saber de nós, já que não temos a mesma cor de pele, portanto, as mesmas histórias, ou como quando me foi dito: porque você não busca esses dados nos livros?

Como destaca Pollak, aqui os recortes não incidem, propriamente, sobre a condição de esquecimento, mas, se impõe como condição necessária o silêncio. Mais acertadamente, aqui se averigua até mesmo, sobre a utilidade de falar e de transmitir seu passado, privilegiando um espaço pessoal, para a instauração das memórias subterrâneas, pelas quais, certos detalhes da experiência vivida só circulam nas redes de sociabilidade mais próximas, ainda que, no caso destas narradoras, sua inserção na arena das lutas políticas dos movimentos de mulheres negras, seja altamente valorizada.

É importante ainda, neste momento, ressaltar que a maioria destas mulheres negras, que aqui narraram suas histórias, têm cursos de graduação universitária. Um destaque, que aparece em suas narrativas, é a valorização da formação escolar por parte de suas famílias. Para algumas delas, o seu caso particular, de ter a possibilidade de ter curso universitário, foi o único na família, pois seus irmãos não tiveram as mesmas chances. Em suas lembranças, os seus pais apontavam o saber e a formação intelectual como um "capital" importante a ser adquirido pelos filhos, para o que não invalidavam nenhum esforço de investimento que lhes fosse possível, mesmo em condições de muita pobreza.

Em meio a estas reflexões, voltamos à escuta das narrativas, quando então, uma outra mulher ressalta:

Narradora "O":

Passados quase 20 anos a gente nem imagina o que foi no começo... a gente olha e parece uma coisa fácil... mas, não, foi muito difícil... os próprios negros, iam para as reuniões e depois desapareciam. Na minha família, a gente já sentia o preconceito contra o negro, mas... isso não era uma discussão mais ampla... ninguém falava disso, na escola, na vizinhança. Era como se não existisse, nos anos 70... era como se os negros, no Maranhão, não tivessem sentido isso ainda... e, eu sentia... No início dos anos 70/71, eu deixei meu cabelo ao "natural", assim... no estilo que chamavam "black-power" (ri muito, lembrando...), o povo me chamava de Tony Tornado... aí é que eu fui sentir a barra ficar pesada, quando eu deixei o cabelo ficar assim...

... em 1979, já tinha o M.N.U., em São Paulo, grupos de estudos afros no Rio de Janeiro. Eu tinha vontade e informação... tinha vontade de fazer o mesmo aqui, só que não tinha abertura. Nesse ano, o Izidoro, me convidou para fazermos o movimento do 20 de novembro, para comemorar a consciência negra. Achei precárias as condições para isso e sugeri que fizéssemos o grupo de estudos, para compreender melhor, o preconceito, o racismo, a história dos negros e, fiquei como coordenadora do grupo... eu tinha os livros, os contatos fora daqui, arranjei estatutos e, assim estava nascendo C.C.N.(Centro de Cultura Negra)

... quando fizemos a 1ª Semana do Negro no Maranhão, em maio de 80, aí, começaram a aparecer os negros... Nossas propostas iniciais, além do estudo, já era levar o movimento às escolas, discutir com os alunos, ir à sindicatos. Parecia que estava se tendo uma coisa nova e, algumas pessoas diziam: ah! Querem fazer como nos EUA, separar brancos, de um lado; negros, do outro... querem inventar uma coisa que não tem... Depois, me propuseram, ser presidente da Organização, mas eu não me sentia capaz... era muito tímida... e, o movimento já estava se revelando muito polêmico. Aí, convidamos um médico negro, que era uma pessoa muito respeitada e, depois de muita resistência, ele assumiu a presidência... mas, eu é quem resolvia tudo... fiquei à frente de tudo, até o final dos anos 80... e, esta, foi uma década muito promissora para as entidades negras, que se firmaram em todos os Estados.

Nesta narrativa, fica bem evidente que, para além da defesa dos interesses específicos dos grupos de negros, a narradora fornece elementos que caracterizam modos de relações de gênero. Sugere a indicação do nome de um homem, para o grupo com o qual sonhara; um homem negro, médico, muito respeitado. É ela, porém, quem assume as responsabilidades pela coordenação e execução das tarefas, que correspondem a esse lugar.

Ao alegar timidez para assumir o cargo, esconde, na verdade, o medo de estar ocupando lugar e função que, tradicionalmente, era assumido pelos homens. Naquele contexto, bem poucas mulheres sentir-se-iam confortáveis em ocupá-los, especialmente se os grupos eram mistos.

Outro dado importante, que ela fornece, é o de que a concepção de muitos brasileiros, sobre a discriminação racial, é a de que, essa discriminação existe "lá fora". Pautando-se pelas imagens veiculadas em filmes e programas de televisão, que destacam a segregação extrema entre negros e brancos, nos EUA, estes têm dito que não percebem essa discriminação, aqui, sugerindo, que os próprios negros "inventam isso", negando a si mesmos a condição de estarem sendo preconceituosos.

De acordo com Lília Schwarcz:

[...] a situação aparece de forma estabilizada e naturalizada, como se as posições sociais desiguais, fossem quase um designio da natureza, e as atitudes racistas, minoritárias e excepcionais; na ausência de uma política discriminatória oficial, estamos envolvidos no país de uma boa consciência, que nega o preconceito, ou o reconhece como mais brando.²⁹

Por outro lado, aquela suposta unidade racial e cultural, construída e disseminada pelas elites, como o foi insistentemente registrado por Darcy Ribeiro, nega as contradições e tensões que são parte dos conflitos históricos, presentes em nossa sociedade.

²⁹ SCHWARCZ, Lília, Op. Cit., p.179.

Como, ele ainda ressalta, o processo de formação do povo brasileiro, que se fez pelo entrelaçamento de seus contingentes índios, negros e brancos, foi sempre altamente conflitivo:

Desde a chegada do primeiro negro até hoje, eles estão na luta para fugir à inferioridade que lhes foi imposta originalmente, e que é mantida, através de todo sistema de opressões, dificultando extremamente sua integração na condição de trabalhadores comuns, iguais aos outros, ou de cidadãos com os mesmos direitos.³⁰

Circulando em certos contextos, onde já se discutia o que é ser negro, ou como é vivida a condição da negritude, a Narradora "O", lembra ainda que, em dado momento, daqueles anos 70, chegou a São Luís com os cabelos encaracolados, "ao natural" e, como o disse: aí, é que eu fui sentir a barra ficar pesada...quando eu deixei o cabelo ficar assim...

No processo de construção da afirmação étnico-racial, o uso de certos valores e símbolos culturais (roupas, corte de cabelo, arte, escolha religiosa), marca necessariamente, o perfil de uma coletividade étnica. Durante esse processo, os sujeitos, nos grupos negros, constroem marcas de positividade, em oposição aos estereótipos negativos da sociedade branca que os circunda.

Então, como revendo fotos, já amarelecidas, dos anos 70 e 80, vejo estas mulheres vestidas com cores alegres, talvez berrantes, com cabelos soltos, encarapinhados ou não, franjas coloridas na testa, quebrando preceitos tradicionais, opondo-se a posturas e comportamentos estereotipados da nossa sociedade. É um momento singular, de força e de esperança.

Para Guattari,³¹ o que vai caracterizar um processo de singularização, é que seja automodelador. Isto é, que ele capte os elementos da situação, que construa seus próprios tipos de referências práticas e teóricas, sem ficar nessa posição constante de dependência em relação ao poder global, a nível econômico, a nível do saber, a nível técnico, a nível das segregações dos tipos de prestígio que são difundidos. Por essa perspectiva, quando adquirem essa liberdade de viver seus processos, os grupos passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e, aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que lhes fornece a possibilidade da criação e de preservação de sua autonomia.

Assim, como se estivesse portando um caleidoscópio, vejo imagens que assumem diferentes formas, em meio a todas estas narrativas. Através das lembranças nelas registradas, os temas

não têm seqüência linear, nem são permanentes. Cruzam-se com relatos, avaliações, significados atualizados. Saltam no tempo e no espaço, de um lugar para outro, ainda que tenham um eixo-condutor: a memória das relações de gênero. Neste, o trabalho de rememoração faz montagens, colagens, combinações e compõem histórias diversificadas, do nosso tempo. Segundo Bachelard:

Com efeito, a memória parece, sem dúvida, esclarecer-se por meio de escolhas, afirmar-se por seus travejamentos, e não por sua matéria.³²

É por este caminho que as lembranças da Narradora "P" se interpõem, delineando a busca de autonomia e a percepção das diferenciações constitutivas entre as mulheres.

A gente estava quebrando tabus, embora muito timidamente. Se a gente vai ver hoje... as coisas não se rompiam assim... mas era um desafio à sociedade, de mulheres que conseguiam falar abertamente do amor, do prazer, de sexo... isso era!... Na visão de outras pessoas... tinha mil problemas. Foi difícil... pra todas nós... mas, também muito forte e instigante...

Mais adiante esta narradora prossegue, reafirmando que as dificuldades são percebidas no modo de atuarem, e em relação às desigualdades de classe e de etnias o que lhes exigia reconhecimento de tramas distintas, revisões e reflexão de teorias e práticas. Assim ressalta:

A gente discutia a questão da violência contra a mulher, as separações, mas... tinha mulheres que o maior problema era como se sustentar, como trabalhar para se manter... se elas não deveriam aceitar a subordinação, tal ou qual situação... mas, faltava-lhes o salário e se voltava às diferenças de classe, quer dizer, uma ruptura lhes traria problemas, ela, a mulher, seria prejudicada...

Assim, o discurso que aparecia como unificado, "para o conjunto das mulheres", vai sendo perfurado, mostrando lacunas que dizem respeito à diversidade das condições de existência social em que este conjunto está disperso.

Intervindo neste ponto, a Narradora "A", retoma suas rememorações e avaliações:

eu que antes só me centrava nas lutas gerais, comecei a ouvir aquela história de especificidade e comecei a refletir... passei a refletir aquilo que tinha questões específicas e daí, fui estudando isso da especificidade e, fui entendendo que todo específico traz a marca do geral e, todo geral é composto de específicos... então fui entendendo que eu não podia ficar aqui em baixo, olhando as estrelas, lá em cima, fazendo hora com o tempo... Eu já tinha participado do movimento de mulheres, na França, numa etapa das mulheres como vítimas... aí fui pra Bahia, onde pinteí e bordei de tudo - é o momento que me aprofundo nas coisas das mulheres,

³⁰ RIBEIRO, Darci. Op. Cit., p.p.170 a 173.

³¹ GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Op. Cit., p.46.

³² BACHELARD, G. A DIALÉTICA DA DURAÇÃO, São Paulo: Ática, 1994, p.49.

até que... eu dei um basta nisso e falei... eu devo fazer a luta geral, e dentro desta trazer a especificidade da mulher, porque a mulher é parte de um grande movimento, ela não é uma coisa à parte... daí porque naquela fase era característico, a vitimização das mulheres, porque eram analisadas fora do processo global de um país. Eu me revoltei contra isso e passei a trabalhar de uma outra maneira, então eu acho que é um momento muito rico para mim e para o movimento de mulheres...

Pode-se aproximar o que esta narradora destaca, do excerto de Éclea Bosi:

Na memória política os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica neutra. Ele quer, também, julgar marcando bem o lugar em que estava naquela altura e, reafirmando sua posição, ou matizando-a.³³

Voltando a Edgar Morin, este nos faz refletir que:

A regeneração da memória, não está somente na regeneração histórica. Está na reabordagem do passado, na e pela experiência do presente, na e pela experiência do passado. Ela está no circuito ininterrupto de inter-relações passado/presente.³⁴

A todo momento, as narradoras falavam: hoje, eu vejo... agora, eu penso que... naquela época, nós pensávamos que... Nesse sentido, fazem a passagem do tempo, situando o fato, dentro de sua experiência atual, revendo e re-significando as contradições pertinentes à atuação dos grupos e à determinação de certos princípios.

Em outras lembranças, como no caso da Narradora "L", o maior logro de sua vida teria sido a tal história...de primeiro, a luta de classes... depois, a luta específica... Essa contradição foi vista como uma tensão, praticamente inconciliável, nos grupos que dinamizavam os movimentos dos anos 70 e 80. Atravessando-os, incidia em conflitos graves e perturbadores, para muitas pessoas..

A Narradora "A", ressalta esses conflitos, em suas lembranças, destacando um modo de solucioná-lo, à base da percepção de um nível mais complexo das relações sociais. Como registrou: a mulher, não é uma coisa à parte, ou seja: não podemos percebê-la isoladamente, recortando-a de todo um contexto de relações determinantes e determinadas, diferenciadamente. O seu pensamento dá um salto qualitativo, nesse sentido, para fazer uma inserção na direção da compreensão da multidimensionalidade do tecido social.

³³ BOSI, Ecléa. MEMÓRIA E SOCIEDADE – Lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994, p.413..

³⁴ MORIN, Edgar. PARA SAIR DO SÉCULO XX, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986, p.153.

Estas lembranças, também são férteis em demonstrarem, como pela via de um pensamento redutor, as militantes se orientavam para realizarem uma "missão": a de tornarem vigentes a justiça social, ou a igualdade nas relações de gênero, ou, ainda entre os negros e os brancos. Sendo estas, a tônica mais enfática, da etapa inicial dos movimentos das minorias, naqueles anos 70 e 80. Faziam supor que a unidade dos grupos, se fazia sem diferenciações que, teimosamente, se faziam evidentes, suscitando desconfortos, conflitos internos e alguns ressentimentos que perduram até hoje.

Apoiando-me em Edgar Morin, amplio a compreensão de que os temas em questão, nos anos 70 e 80, eram pensados no âmbito da racionalidade simplificadora com que os costumávamos polarizar. Tudo parecia estar reduzido a categorias e roteiros de ação oponentes e disjuntos de uma totalidade. Assim, líamos e praticávamos o capitalismo, ou o socialismo; éramos de direita, ou de esquerda. Intentávamos resolver os problemas da mulher, do negro e, assim por diante,

Focalizando esta questão, Morin nos sugere a seguinte reflexão:

O que sobra quando na dicotomia capitalismo/socialismo, cada um dos dois termos precisa ser novamente interrogado e repensado? Assim como a simetria antagônica entre estas duas noções, a ordem e o sentido do mundo desmoronam: perde-se o norte, perde-se a esquerda, perde-se o sol nascente, perde-se a verdade.³⁵

É por isso, diz Morin, que se faz de tudo para adiar o exame que provoca o desmoronamento das bases ideológicas da realidade, ele nos mergulha nas trevas.³⁶

Essa realidade que veio sendo construída pelos iluministas, desde o século XVII, foi fracionada e amoldada às especializações científicas, que por sua vez, ao gosto dos especialistas, foi sendo assimilada a categorias distintas, que mais se adequavam à perspectiva de um mundo mecânico, e eram mais apropriadas às condições tecno-econômicas da sociedade moderna.

Nessa linha de pensamento, nossa visão de mundo e nossos roteiros de ação política, vêm desde então, sendo perpassados pela perspectiva fragmentária, que agrega diferentes camadas de seres e de modos de existência sob designações excludentes que, ora se acomodam num pólo, ora num outro, como se uma

³⁵ Id. Ibid. p.64.

³⁶ Id. Ibid. p.p.76 e 77.

tal linearidade só fosse alterada ao clamor das grandes revoluções. Em feixes de agregados, tais como mulheres, ou negros, não se poderia distinguir vidas e movimentos na sua diversidade. Certamente, por isso, apoiados na dicotomia igualdade/desigualdade, pensava-se na erradicação das classes sociais, como a meta realizadora, buscando-se uma solução simplificada para uma realidade social que havia sido reduzida em sua complexidade

A Narradora "P" prossegue em sua narrativa, que em certos aspectos, está sintonizada a estas reflexões:

O grupo era visto de fora como uma coisa só, como uma identidade, porque não se via as diferenças, era o grupo... todas nós éramos bem diferentes, mas, pessoalmente se criou essa coisa de sermos "modelo". Eramos consideradas fortes, líderes... se pensava que isso não ia acontecer, mas, era meio inevitável. Cada uma de nós tinha essa coisa, tínhamos nos aproximado de um ideal, que as pessoas achavam que éramos assim.... acabávamos assumindo isso, até mesmo entre nós, ou seja..... quem era aquela que era mais completa, que mais se aproximava do ideal. Nesse sentido, acabamos criando uma imagem, entre nós mesmas, que no dia a dia.... (gesticula com a cabeça, negando essa suposição)

A lembrança e a avaliação, feitas neste momento, são indissociáveis, no sentido de evidenciar que as expressões individuais das integrantes dos grupos, ficava diluída, ou soterrada, sob a aparência de uma unidade do grupo. Colados a essa aparência ressaltavam-se os traços de rebeldia, ousadia, ou de liberação em termos do prazer e da sexualidade, que vistos pela ótica da idealização, eram sobrepostos à individualidade das pessoas e, na maioria das vezes, assumidos como identidade do grupo.

Em sua avaliação, esta narradora, ainda, destaca uma questão importante: as pessoas viam o grupo dessa forma, mas, também entre si, como parceiras, circulavam as idealizações, as disputas, os conflitos. Perguntavam-se: quem é a mais completa?

As idealizações ganhavam força na construção de um modelo. Assim, se por um lado, combatia-se o tradicional modelo de mulher, aquele que vigorava nos anos 50 e 60, e que alocava as mulheres em modos de vida calcados na subordinação, na inferioridade e, em maiores restrições morais, por outro, a criação de um outro modelo, que também se constituía de forma rígida, expressava-se na representação de mulheres que só seriam liberadas, ousadas e felizes, o que fornecia substância fértil para os conflitos internos nos grupos, como para cada uma, pessoalmente, em outros relacionamentos.

Neste ponto, a Narradora "K" destaca

Por vezes, algumas situações pessoais, afetavam o clima do grupo. Eu propus que discutíssemos essas questões internas ao grupo. Algumas vezes, foi muito difícil. Em outras, conseguíamos expor e esclarecer um monte de coisas... às vezes, era muito difícil.... Num grupo grande como o nosso, tinha sempre aquelas coisas assim... fulana que se destaca mais, ou que quer aparecer mais que as outras. Mas, olha só como eu entendia isso... eu que era só graduada, estudava a questão da mulher, mas sentia que me faltava muito embasamento. Eu falava, escrevia, mas não me sentia preparada para fazer palestras. Então quando tinha que ir fazer essas palestras, muitas não queriam ir e, então eram sempre as mesmas que se destacavam para isso... e, elas acabavam assumindo controle, sobre as outras, um certo poder, que era a gente que dava. Na época, eu falava isso, dava muita discussão no grupo, alguns problemas... Outros problemas ocorriam, porque umas pessoas do grupo eram mais liberais do que outras, mais independentes... outras precisavam que o marido fosse buscar, não sabiam dirigir, na educação dos filhos se questionava... umas eram mais abertas, outras não.... dava muita discussão, mas, também tinha entendimentos...

Com o destaque feito por esta narradora percebe-se claramente que, no interior do grupo, as diferenças historicamente constituídas, nos modos de viver, incidiam em problemas, e questionamentos que demandavam posicionamentos e soluções breves. Na verdade, a unidade era rompida pelas diferenças, deixando emergirem conflitos que margeavam uma divisão entre mulheres que já haviam conquistado certa independência, junto à marido e filhos e ocupavam certos espaços relevantes e outras que ainda se esforçavam para obterem essas conquistas.

É evidente, também, que a distinção dos níveis de conhecimento, especialmente no âmbito da especificidade da questão feminina, fornecia material para o controle das ações no grupo. Nesse sentido, o poder se concentrava em pessoas com maior grau desse conhecimento, o que segundo a narradora "K", era legitimado por pessoas, que como ela, integravam o grupo, e se achavam portadoras de pouco saber.

Em meio a estas reflexões, a Narradora "H" veio concluir:

... às vezes, eu queria sair do grupo, porque eu queria tentar aproximar a teoria da prática.... a gente trabalhava a cabeça das pessoas e, de repente estava reproduzindo o que era contra. Assim, não dava para ficar indo para bairros, escolas, trabalhar com outras mulheres. A gente, ficava sendo referência para elas. Se a gente ficar o tempo todo dizendo que se quer mudar as coisas, transformar a sociedade, essa mudança tem que partir da gente. Faz dois meses que saí do grupo e do C.C.N.... estou cansada, foram muitas reuniões, muitas brigas... a gente cresce, mas também sai muito fragilizada.. Hoje, eu quero estar assim.... livre, fazendo as coisas que eu quero, no momento que eu quero, do jeito que eu gosto. Eu quero me movimentar de acordo com a minha vontade.... elas morrem de rir, quando digo que agora minha entidade é outra !

Assim com os fios da memória, estas mulheres continuam tecendo suas narrativas, revelando configurações que se formam na dinâmica dos relacionamentos mais íntimos nos grupos. Em

certas passagens chegam a falar mais de como se impunham aproximar-se dos modelos idealizados, e das suas exigências para que as parceiras assimilassem essas idealizações, propondo-se expor e abrir debates sobre todas as ocorrências no plano das ações externas, e no plano de sua intimidade, politizando a esfera privada.

Parece-me, também, ser evidente, em muitos trechos destas narrativas, o quanto a dinâmica dos grupos, considerada pelo ponto de vista das práticas e reflexões polarizadas, tornava, para aquelas pessoas, toda ocorrência fora do esperado, uma contradição que precisava ser manipulada e excluída, ao invés de ser integrada à compreensão de que esta, poderia ser um dos aspectos dos processos da transição em andamento. Nessa perspectiva, o oposto, ou o diferente, bem ali, no seio do grupo em movimento pela mudança, passava a constituir-se em ameaça, ou em situação a ser erradicada.

Em todos os momentos em que, movendo-se nesse tempo reversível, as mulheres fizeram suas avaliações, as contradições emergiram em suas lembranças, reavivadas com o sentimento de que, ali se ganhou, e se perdeu, o que foi demonstrado com suspiros, expressões de alegria e de tristeza.

Neste ponto, a Narradora "E", pede a palavra e, acrescenta:

Falando hoje, eu tenho uma avaliação diferente da minha compreensão naquela época, mas eu acho que faz parte haverem esses problemas... faz parte de um movimento de mudanças... as relações eram de muita intimidade, e, se queria fazer dessa intimidade uma forma de luta, mas, o que é íntimo é meu... como tornar isso tão público?... é difícil fazer disso uma bandeira de luta, então... deu muita confusão. Eu penso, hoje, que é tudo... mesclado... ao mesmo tempo, que havia essa intimidade, essa cumplicidade, havia também, a rivalidade, a inveja, o ciúme, aquela coisa do amor e do ódio, que perspassa toda relação. No primeiro momento, era a paixão, tudo era feito com alegria... além dos debates, se fazia muita festa, os maridos eram convidados... mas, tem o segundo momento, onde surgem as divergências, as diferenças. A gente era igual, mas, não "tão igual" assim... e, as divisões internas surgiam às vezes, tentávamos discutir isso, expor, abrir tudo... discutir porque, aquilo que era "diferente" na outra, incomodava, mas, acho que foi importante ter havido tudo aquilo. Houve crises internas muito sérias. Hoje, eu penso assim: naquele momento, as pessoas perderam muitas referências, todo mundo estava um pouco perdido... se perderam os valores de amizade, de respeito ao próximo... O que é, ser amigo? O que é, respeitar a outra pessoa? O que é, conviver em grupo? O que é liberdade?... Eu acho que a gente estava passando por uma revisão de tudo isso... então, enquanto se está na revisão, a gente não tem nem isto, nem aquilo... a gente embola as coisas... às vezes, é um modelo que está lá... estamos caminhando até ele, mas... e o que trazemos conosco? Ficou para trás? Eu penso que aqui, tem muito do conflito entre a razão e os sentimentos. Pode ser que o pensamento caminhe bem à vanguarda de nossas emoções... tem coisas muito complicadas de desamarrar, não correm à vontade de nosso pensamento.

Nas palavras de Silvia Yannoulas, os discursos dos grupos feministas, dos anos 70, eram próprios de uma orientação racionalista, sendo contestadores das diferenças, pois:

O movimento feminista daquela época não era baseado numa organização democrática, de estilo direto e, sim na suposição da existência do consenso, em termos de uma ideologia do mesmo... O movimento confundiu ser iguais, com ser idênticos... o fato de ignorar as diferenças criou um momento de excepcional sociabilidade entre as feministas, porém só podia ser excepcional. Quando as diferenças internas começaram a manifestar-se, a ideologia do mesmo mostrou-se impotente para interpretá-los e fragmentou-se...³⁷

As ocorrências próprias dessa fragmentação, os conflitos que houveram hoje, são trazidos nas lembranças das narradoras. Tomo-os como referência para a compreensão de que todo movimento que empreendemos, traz consigo a complexidade de ser totalizante, porque consideramos nossa atuação no sentido do absoluto, do definitivo e, também é parcial, porque é relativo às determinações da conjuntura de um dado momento histórico. Se a história mantém um "fim", para o qual se caminha, contudo o momento parcializado, não é, também, um simples "aqui e agora", sem consequências para o futuro.

A memória vive do tempo que passou e dialeticamente, o supera. É a reversibilidade do tempo uma lógica que parece reproduzir os movimentos cíclicos do corpo e da natureza. A reiteração dos movimentos, feita dentro do sujeito, faz com que este perceba que o que foi pode voltar.

É, neste, movimento de reversibilidade que foi possível a estas narradoras reverem-se, desqualificando situações que, antes pareciam tão trágicas e definitivas e ainda, pensarem em muitas outras que poderiam ter feito, ou dito, de forma diferente, o que lhes parece ter sido uma falta imprescindível. Entretanto, quer de um, ou de outro modo, a revisão feita agora, e que transparece como positiva, acrescenta à história dos movimentos de mulheres, muitos outros sentidos.

Um dos sentidos em que pude compreender a tônica mais forte destas últimas narrativas, é o das dificuldades que permeiam as discussões teóricas sobre as diferenças, e as aproximações que se tenta fazer dos princípios que delas derivam, às práticas cotidianas.

³⁷ YANNOULAS, Silvia Cristina. *IGUAIS MAS NÃO IDÊNTICAS*, In: Revista Estudos Feministas, CIEC/ECO/UFRJ, Vol. 2, n^o3/94.

Heleieth Saffioti, mais recentemente, também admite que a homogeneização do sujeito social, amputa-lhe sobretudo a dinâmica, e complementa:

Seus três identidades sociais fundamentais são suprimidas, esvaziando-se sua dimensão histórica, ou são hierarquizadas a priori pelo estudioso, abolindo-se sua mobilidade. Isto equivale a dizer que a luta pela "igualdade" também comporta o pensamento autoritário [...] a abolição das classes sociais conduziria à equalização dos sujeitos, não somente porque as classes deixariam de existir, como também porque a raça-etnia e o gênero deixariam de existir.³⁸

Por esse ângulo, assim como na militância política dos anos 60, esperávamos pela vinda do socialismo para erradicação da desigualdade entre as classes sociais, na militância das mulheres, nos 70, era esperado que a eliminação da dominação patriarcal instaurasse o reino da igualdade e da felicidade entre as mulheres e os homens. Na prática, tentava-se erigir um modelo de mulher liberada sexualmente, independente, autônoma, que, concretamente, rompesse com a vigência dos códigos masculinos, independentemente das reais condições sociais de existências em que isto se pudesse efetivar.

Pierucci, aborda esta questão da "especificidade feminina", tanto quanto outras que são defendidas pelos grupos minoritários, como portadoras de possíveis armadilhas ao fornecerem um enfoque "diferencialista", que fecha questões em torno de reivindicações particulares. Supõe ser um equívoco ou uma cilada, que esse particularismo tenha rejeitado o Sujeito Universal, o guardião das conquistas do direito do cidadão. Em suas críticas às perspectivas diferencialistas, ainda aponta os riscos de desconsiderarmos o todo, os direitos dos indivíduos e, vagamente, como solução, nos sugere a preocupação em reconstruir o geral, ao invés de nos deixarmos prender no fascínio das culturas da diferença.

Esta é uma questão muito polêmica e de muita complexidade, para qual suponho ser necessária a perspectiva de que não se pode focar isoladamente, o todo ou a especificidade, e até mesmo, resolver essas questões unicamente no plano teórico. Nesta tese os movimentos realizados pelas narradoras, são claramente ilustrativos das combinações complexas em que se articulam os sujeitos sociais constituídos

em gêneros, em etnias e em classes sociais, são conexões que portam desigualdades substanciadas por muitas discriminações.

A defesa dos interesses específicos, certamente, não deve ser levada a efeito deixando-se de lado as questões sociais, mais gerais para todo o coletivo social. Contudo, não podemos do mesmo modo, lutarmos pelos bens e direitos universais da espécie humana, geralmente traduzida no homem de cor branca e ocidental, esquecendo das restrições sociais e sofrimentos de que são acometidas essas pequenas coletividades a exemplo dos homens negros, das mulheres negras e brancas, dos homossexuais, etc. Nesta sintonia, dois registros são importantes de serem destacados, o primeiro de Silvia Yannoulas, e o segundo de Saffioti:

A diferença sexual não é uma questão teórica, mas uma questão de práxis [...] incorpora em um diálogo contínuo, a igualdade e as diferenças, sem negá-las; circula nas disciplinas sem confundi-las; Valoriza e despreza o patrimônio em um constante jogo dialético; pluralidade e diálogo são as suas chaves.³⁹

O problema reside na oposição simples entre igualdade e diferença, quando na realidade se trata de duas dimensões da sociabilidade democrática. Não somente a tolerância em relação à diferença, como também sua vivência prazerosa, só ocorrem num contexto de igualdade. Isoladamente, ou como par dicotômico, igualdade e diferença conduzem a relações hierárquicas.⁴⁰

Mais uma vez então, é possível concluir que: é no plano de uma tessitura social composta de muitas diversidades que o nosso foco de análise deverá deter para melhor iluminar os diferentes desenhos, nuances e formas que esta contém.

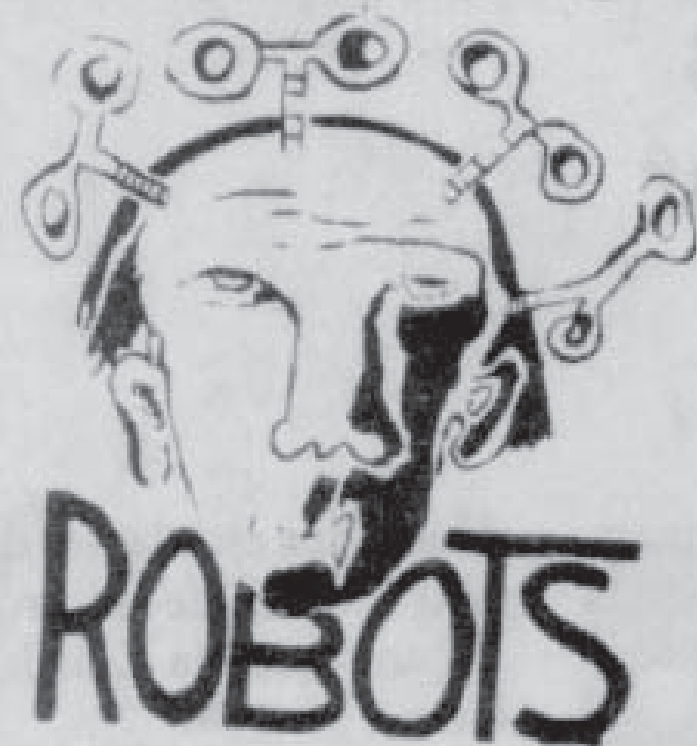
³⁸ SAFFIOTI, Heleieth. *DIFERENÇA OU INDIFERENÇA: Gênero, Raça/Etnia, Classe Social*, In: Cadernos de Sociologia/Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Número Especial, 1995. PPGS/IFCH/UFRGS: Porto Alegre, 1993, p.161.

³⁹ YANNOULAS, Op. Cit., p.16.

⁴⁰ SAFFIOTI, H. Op. Cit., p.162.

REVOLUTION CULTURELLE CONTRE

UNE SOCIÉTÉ DE



“Revolução cultural contra uma sociedade de robôs”

FEMININO E MASCULINO: MOVIMENTOS DE CONSTRUÇÃO

Ó mãe, me ensina, me explica, me diz o que é feminina, não é no cabelo,
no dengo, no olhar... é ser menina por todo lugar

Música composta e interpretada por Joyce, 1970

Se como o diz Michelle Perrot, no teatro da memória, as mulheres são sombras tênues, estas passam a ser presença viva e ativa, quando lhes são possibilitados os registros de suas falas, de seus depoimentos, ou ainda a passagem das lembranças que povoam sua existência. Todo o "narrado", aqui neste trabalho atualiza um contexto de lutas persistentes pelas mudanças nas relações de gênero, e pela erradicação de todas as formas de discriminação social, ressaltando a atuação de atrizes que conscientemente vêm à cena, deslocando fragmentos de uma imagem de mulher, ideal, abstrata, universal, e sem consistência nas reais condições sociais e históricas.

Essa imagem, por muito tempo, constituiu-se eixo principal de suas subjetividades e de sua participação política. A mulher, totalmente identificada com o espaço doméstico, com os papéis e limitações colocadas a partir de sua relação com o marido e com os filhos. É esta imagem, o alvo de adesões e de contestações, nos anos 70 e 80. É, em relação a ela, que busco apreender os movimentos de construção e desconstrução.

A partir de então, o meu olhar e a minha escuta ficam mais atentos às linhas e configurações que são desenhadas nos meandros dos termos feminino e feminista. Este conteúdo está recheado de práticas e significados, que afloram nas

rememorações feitas por estas mulheres. Por outro lado, as vias em que as percebo, são cruzadas por interconexões, de tal modo que não consigo puxar um dos fios, sem que com este apareçam muitos outros: relações familiares, amorosas, maternidade, militância, exercício profissional. São instâncias de suas vidas que, trazidas pelas suas lembranças, são articuladas, racionalmente apresentadas, proporcionando leitura, interpretação e revisão qualitativa de sua presença na sociedade e na história.

É assim que, as narradoras em seus passeios por suas lembranças, vão chegando ao caminho que dá na casa de seus pais, na sua família de origem, apontando nitidamente, em suas falas, as conexões de classe social, de gênero, de raça e etnia, e as influências de ordem emocional e subjetiva, que dão forma e modelam a sua constituição como sujeitos, e orientam a sua participação política.

É a narradora “N” quem inicia, dizendo:

Para mim, o que te conduz a desenvolver uma militância é a conscientização... quando você percebe que as coisas podem ser transformadas... o ativismo é uma decorrência de um processo de politização da conscientização empírica das dificuldades. Desde cedo, observava as condições de desigualdade na minha família, as dificuldades da minha mãe, a falta de sensibilidade que o machismo produz. Os impasses no casamento de meus pais, as dificuldades que eu encontrava, enquanto menina, adolescente, enquanto jovem negra... isso tudo foi me conduzindo ao que sou hoje. Meu pai era ferroviário, a minha mãe era costureira. Tive sete irmãos, e meu pai costumava dizer que a única herança que ele poderia deixar para os filhos, ele era semi-analfabeto, era a educação, queria evitar que os filhos ficassem analfabetos... Lá pelos meus vinte anos, eu ia para os Seminários, bater palmas para as mulheres que falavam o que a gente sofria. Quanto ao contato com as questões de gênero, vê-se que não é só uma questão pessoal, é uma questão empírica. Vê-se que os meninos podem certas coisas, as meninas não podem... Em casa, embora eu fosse a mais velha, era tolerável que um irmão chegasse mais tarde, e eu tivesse que chegar mais cedo, eram os padrões... Eu peguei um período em que era bem demarcada a diferença de educação e de tratamento, entre os meninos e as meninas... isso gerava indignação. Porque havia toda uma cultura de tolerância em relação aos homens, e de contenção em relação às mulheres. Eu era uma menina bastante rebelde, eu tinha um desejo de igualdade, e me sentia muito atingida. A indignação te leva à briga, à politização... toda essa vivência, de eu ter de lutar muito para obter o mesmo tratamento, ter de lutar para ter o que você considerava legítimo, o direito de sair, de fazer seus próprios horários, de confiar-se na própria responsabilidade, direito de casar com quem você quisesse, direito de escolher o seu próprio namorado... na minha época, tudo isso era uma grande batalha para as mulheres...

Narradora “S”:

Meu pai era do Rio Grande do Norte. Moramos no Piauí, Ceará... ele era comerciante. Em 1950, ele trouxe a família para cá, eu já estava com 11 anos, e me sinto radicada aqui. Na minha família, a tradição para a mulher, era ser caseira. O meu pai tinha só o primário, feito com professora leiga,

mas ele lia muito, era autodidata. Às vezes, tínhamos problemas para conversar com ele, e o que ele apreendia, ele memorizava mesmo. Já a minha mãe, estudou em colégio de freiras, fez até o ginásio, e casou com mais ou menos 18 anos... teve 11 filhos. A vida dela era a casa e a igreja. Em nossa casa, a divisão homem-mulher era muito marcante. Minha mãe falava assim: coitada, ela é mulher"... e ela teve mais filhas mulheres. Papai, preferia ter tido mais filhos homens... ele pensava assim, por causa do trabalho dele, que era no comércio... para ajudá-lo. A mulher, era da casa, embora a ambição intelectual, da formação, existisse. Isso não era impedido. Mas, quando meu pai falava comigo, por exemplo, dizia: "você vai fazer farmácia"... era só para dar o nome ao estabelecimento... a mulher era para cuidar da casa. Uma coisa que existia e que eu tinha de fazer esforços para compensar, era o seguinte: papai gostava de fotografia, dos equipamentos modernos de som, tinha-se projetor de 16 mm., mas, mamãe nunca apertou um botão, ligou radiola, ou botou um disco... aquilo ali, parecia uma coisa masculina... eu fui criada assim. Meus irmãos, meu pai, ligavam aquelas coisas, a gente não, nem precisava fazer nada. Mais tarde, quando fui mexer com isso, eu senti dificuldades, parecia que não era coisa de mulher. Não havia proibição, mas tinha como que uma divisória que fazia a gente não ter interesse por aquilo. Uma outra coisa em que eu percebia muitas diferenças, era assim: eu sou a 1ª filha, o 2º era homem, a 3ª era mulher... quando se falava de "nós", não se elogiava a capacidade intelectual deles. Para mim, diziam: ela é muito meticulosa, se vai fazer um doce de goiaba, tira todos carocinhos... era assim... Agora, eu não sei se por causa da orientação da educação, ele não gostava de estudar, mas pegava tudo muito rápido, mais do que eu que tinha horários pra tudo... eu ficava estudando, fazia tudo que mandavam... ele não!... Na hora de ver a TV, ele ia, nós não, tínhamos que ajudar nos serviços domésticos, eles não!

Ao registrar estas narrativas, no primeiro momento, concordo com Bachelard, quando destaca que

Todo lance de memória é solidário a uma esquematização que datando os acontecimentos, isola-os, esvazia-os de sua duração para lhes dar um lugar preciso. Essa esquematização é como um esboço da exposição racional, como um plano de desenvolvimento racional, como um plano de desenvolvimento para a narração de nosso passado [...] Seria como uma construção literária que se faz com aperfeiçoamentos graduais.¹

É assim que, a seqüência dos acontecimentos transpostos nas rememorações destas mulheres, vai permitindo a reconstituição e a revisão simultâneas das vias e dos movimentos que perpassavam as relações cotidianas que vivenciaram nas suas famílias, como também, as avaliações que hoje fazem dessas vivências.

Suas recordações estão preenchidas pela presença dos outros, nestes seus recortes, os da família. Ressaltam claramente, que a presença desses outros é contínua e persistente em muitos de nossos atos, reflexões, comportamentos e avaliações. Halbwachs, demarca as influências desses outros, em nossa existência, e no trabalho de rememoração, destacando que:

¹ BACHELARD, Gaston. A DIALÉTICA DA DURAÇÃO, São Paulo, Ed. ÁTICA, 1994, P.P.50 E 51

Estamos tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros. Quantas vezes, exprimimos então, com uma convicção que parece toda pessoal, reflexões tomadas de um jornal, de um livro, ou de uma conversa. Elas correspondem tão bem à nossa maneira de ver, que nos espantariamos descobrindo qual é o autor, e que não somos nós. Já tínhamos pensado nisso: nós não percebemos que não somos senão um eco.²

Com esse registro, Halbwachs dá consistência aos seus argumentos de que além da operação da memória supor com efeito uma atividade construtiva e racional do espírito, ela não se exerce senão num meio social ordenado, coerente, de onde nós reconhecemos o plano conjunto e as grandes direções³. Acentuando ainda mais, a conotação da presença do social no conteúdo das lembranças, Halbwachs reafirma que nenhuma das sensações, emoções, ou racionalizações que afloram no trabalho de rememoração são de tal personalidade, de modo a que não se refiram a membros dos grupos com os quais interagimos. Isto fica bem demonstrado, quando ele destaca que:

os elementos dessas lembranças pessoais, que parecem não pertencer a ninguém senão a nós, podem bem se encontrar em meios sociais definidos e ali se conservar; e os membros desses grupos (de que não cessamos de fazer parte) saberiam ali descobri-los e nos mostrá-los, se os interrogássemos como seria necessário.⁴

Desse modo, nos conduz a confirmação de que nossas lembranças estão imersas em correntes de pensamentos de várias instâncias sociais. Podem ser referidas aos quadros sociais da memória, constituídos a partir dos diversos grupos de que fizemos parte, ou dos que ainda atuamos no momento presente, e dentre as correntes de pensamento social, às quais se vinculam as lembranças e que, segundo Halbwachs, são tão invisíveis como a atmosfera que respiramos, aquela que congrega as noções, orientações e valores da família, destacam sobremaneira sua influência na vida dos sujeitos.

É então que, passeando pela sua infância, revendo os pais, os irmãos, as narradoras, nestas passagens, vão atestando o peso e a influência dessas inter-relações em suas vidas. Vão atribuindo ao passado que compõem, a acepção de “tempos difíceis para as meninas”, em comparação aos dias de hoje. A rígida divisão de papéis, tarefas, responsabilidades, era sentida, como detentora

de privilégios e exclusões que não se alternavam equilibradamente, para os meninos e para as meninas.

Especialmente nos trabalhos domésticos, as meninas eram convocadas, atribuindo-se, serem estes, mais próprios de sua “natureza”, enquanto os meninos eram convocados às atividades externas à casa, e teriam notadas a sua inteligência e habilidade, mais do que nas meninas de quem não se requeria “tanto”.

Minha atenção, neste momento, se detém no que estas lembranças vão desvelando, dando expressão à constituição de uma memória das mulheres, que apreende “a diferença” na orientação dada em família, pelos pais, aos meninos e às meninas.

Essa “diferença” aqui é compreendida como falta de condições, de oportunidades e de liberdade para as mulheres, ressaltando que esta se acentuava mais ainda, quando o que entrava em questão eram as saídas para o lazer, para o namoro, as escolhas profissionais, ou as de parceiros. Lugares marcadamente diferentes, eram definidos como sendo *bons* ou *maus*, para as meninas, enquanto os meninos deveriam transitar pelos *maus* lugares, conferidos ao exercício da sexualidade, por exemplo. Deveriam impelir-se aos desafios, aos riscos, ganharem experiências, enquanto as meninas deveriam evitar tudo isso e responsabilizarem-se por se manterem virgens até o casamento, quando então os maridos deveriam iniciá-las e orientá-las quanto aos prazeres que lhes seriam cabíveis nessa área. É, pela via dessa orientação, que a narradora “N” continua:

Eu casei com 23 anos, virgem. Por mais que eu fosse rebelde, eu não consegui romper com a expectativa de que eu me casaria virgem, era o peso da repressão familiar... eu não aceitava me casar virgem, mas... tomei um conjunto de precauções, que refletiam o quanto era importante pra mim, a situação familiar... eu não rompi com essa expectativa da minha família. Antes de casar, eu já tomava a pílula, para não ter de casar, e logo engravidar...

O período da infância e parte da adolescência destas narradoras, destacado pelas suas lembranças, tinha, portanto um cotidiano substancializado por essas diferenciações entre os homens e as mulheres. O modelo de feminilidade, que se ressalta no conteúdo dessa substância, era, claramente, calcado num trinômio: passiva-infantil-maternal. Pelo menos, no caso da maioria destas mulheres, as suas mães tiveram como eixo de referência e de reconhecimento social, esses traços, como se fossem próprios da natureza do “seu ser”, pretendendo, por sua vez, que estes fossem extensivos às suas filhas.

² HALBWACHS, Maurice. A MEMÓRIA COLETIVA, São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990, p.47.

³ _____, LES CADRES SOCIAUX DE LA MÉMOIRE, Papirus Librairie, Felix Alcam, 1935, p.p.38 e 39.

⁴ _____, A MEMÓRIA COLETIVA, 1990, p.50.

Algumas das manifestações que corresponderiam a esses traços, podem ser destacadas como neste arremedo de retrato da mulher, que recorto do trabalho de Seabra e Muszkat...:

Sua máscara projeta uma imagem correta, adequada e eficiente. As emoções cuidadosamente controladas, os desejos devidamente selecionados, os ideais eficientemente adequados, cumpre suas funções. O corpo ferido, a sexualidade reprimida, o coração perdido distribui um amor contido. Convive com as vicissitudes sem saber como incorporá-las à sua história. O sucesso e o fracasso se confundem nela, numa sensação difusa de inadequação...⁵

Em um outro recorte, é Emma Jung, quem caracteriza o que se destaca como mentalidade feminina:

[...] manifesta um caráter subdesenvolvido, infantil ou primitivo; em vez de sede do conhecimento, curiosidade, em vez de julgamento, preconceito; em vez de pensamento, imaginação ou fantasia.⁶

Estes traços eram destacados quando se buscava definir a mulher desde início do século XIX, como se assim compusessem um retrato fiel do conjunto das mulheres. Melhor seria dizer-se que, podemos vê-lo, também, como uma "caricatura" que, certamente não se adaptava tão facilmente às mulheres que conduziam suas famílias, cuidando de filhos, dos netos, ou que administravam suas empresas e bem menos ainda, das que se aventuravam pelos caminhos da participação política nas lutas sociais.

Na mesma via de definição, retratava-se o conjunto dos homens, homoganeamente, como ativos fortes, dotados de instintos sexuais vigorosos e impulsivos, e de racionalidade prática para chefiarem a família e administrarem os negócios financeiros. Quantos homens reais e concretos estariam plenamente adaptados a esse conjunto de atributos, é o que se poderia verificar no plano de reais processos sociais e históricos.

Certo é também, que se por um lado, essas atribuições fazem parte do plano das idealizações construídas socialmente, por outro, na medida em que estas tornam-se circulantes numa dada conjuntura, passam a tornar-se referências de pertencimento e reconhecimento social, aos quais os sujeitos emprestam sua adesão, as confrontam, as contestam, ou ainda a elas se opõem radicalmente. Na escolha de uma dessas posições a Narradora "N", ao lembrar, ressaltou:

eu peguei um período em que era bem demarcada a diferença de educação e de tratamento para os meninos e as meninas; isso gerava indignação, por que havia toda uma cultura tolerância em relação aos homens, e de contenção em relação às mulheres... eu tinha um desejo de igualdade e me sentia muito atingida...

O conceito de *deslocamento* é trabalhado por Ma. Rita Kehl⁷, para referir-se às mudanças de consistência, que se processam no interior desses eixos de referências, das relações de gênero. Ela destaca que, a feminilidade, tal como é construída, nem sempre é um molde perfeitamente ajustável às mulheres, não se viabiliza sem conflitos, e pode ser deslocada, em determinados momentos e em certas conjunturas.

Essa construção foi articulada na cultura européia dos séculos XVIII e XIX, via uma quantidade inédita de discursos, cujo sentido geral era promover uma perfeita adequação entre as mulheres e o conjunto de atributos, funções, predicados e restrições denominado feminilidade. A idéia de que as mulheres seriam um conjunto de sujeitos definidos a partir de sua natureza, ou seja do corpo e suas vicissitudes, é constante nesses discursos, em aparente contradição com outra idéia, a de que a "natureza feminina" precisaria ser domada pela sociedade e pela educação, para que as mulheres pudessem cumprir aquilo a que estariam "naturalmente" designadas. As virtudes correspondentes à feminilidade seriam: o recato, a docilidade, uma receptividade passiva em relação às necessidades dos homens, e a seguir dos filhos.⁸

Nessa mesma perspectiva, compreendo então, que masculinidade e feminilidade, eram construídos discursivamente, com o apoio da Filosofia, das produções literária e científica, como vias opostas por onde se encaminhariam, diferentemente, os papéis e as funções dos sujeitos nas práticas sociais, independentemente das variações étnicas e de classe social. Por essa via, consolidavam-se relações de poder que relacionavam ao masculino, posições de superioridade e privilégios, enquanto o que se referia ao feminino, era consagrado como a posição inferior e subordinada.⁹

Ilustrativamente, Kehl aponta como um padrão de feminilidade, Nora, uma personagem do drama teatral de Ibsen, "Casa de Bonecas":

⁵ SEABRA, Zelita e MUSZKAT, Malvina. IDENTIDADE FEMININA, Petrópolis-Rio de Janeiro: Vozes, 1985, p.12.

⁶ JUNG, Emma, ANIMUS and ANIMA: apud SEABRA, Zelita e MUSZKAT, Op. Cit, p.14.

⁷ KEHL, Ma. Rita. DESLOCAMENTOS DO FEMININO: A Mulher Freudiana na Passagem para Modernidade, Rio de Janeiro: Imago Ed. 1998, p.45.

⁸ Id. Ibid, p.58.

⁹ BASSANÉZI, Carla, MULHERES DOS ANOS DOURADOS, P.609.

...ela vive apartada do convívio social, ignorante das regras do jogo do mundo em que vive, infantilizada por sua condição dependente do pai, ou do marido, impedida de exercer livremente sua sexualidade, distante do acesso à grande maioria dos recursos que lhe possibilitariam *sublimar*. Para onde poderia crescer esta mulher? Onde mais construir uma identidade, a não ser onde Nora tentou constituir a sua? Na maternidade, no aconchego doméstico, no amor? De onde mais extrair seu quinhão de prazer, a não ser do corpo... amor e maternidade?¹⁰

Se Nora, de Ibsen, é a mulher-padrão da sociedade burguesa, é essa mesma mulher, que decepcionada com suas próprias expectativas, quanto ao papel de seu marido e ao seu envolvimento, no que se refere às relações entre eles, busca modificar esse padrão, de início, rompendo o pacto do seu casamento.

Continuando com a escuta às narradoras, vou percebendo que algumas Noras residuais, permanecem nos circuitos dos movimentos internos de muitas de nós. Afinal, esse ser-feminino, faz parte de um, tempo, de uma conjuntura, de uma dinâmica social, da qual somos integrantes e que intentamos desagregar. Assim, volto a ouvir:

Narradora "T":

O meu pai era político, comerciante, um proprietário rural. Lá no interior, éramos considerados ricos... a minha mãe era professora Estudávamos no interior até os 10 anos e vínhamos continuar os estudos na capital, era tradição da família. Hoje, com os anos de análise que tenho feito, compreendo que meu pai fazia muito esforço para nos sustentar aqui na cidade. Lá o meu pai era rico, poderoso. Aqui na cidade grande, nós éramos de classe média baixa. Lá minha identidade passava por ser a filha do Sr. Fulano... aqui, nós não éramos ninguém, éramos pobres na escola, tanto que as meninas com quem me identifiquei, eram pessoas pobres... as outras, que eu me lembro, eu nunca fui convidada para ir às festas de nenhuma delas. Então, eu vejo que eu passei por um processo de construir uma nova identidade, porque a que eu tinha de lá se desmontou... Eu casei muito cedo, aos 17. Hoje eu sei que busquei recompor aquela figura masculina, como um pai. Ele era um homem bem mais velho do que eu, bem sucedido financeiramente... com ele eu recompunha tudo que eu tivera com meu pai. Para os padrões formais, eu era considerada burguesa, eu era boa aluna, estudiosa, tinha boas notas. Tive três filhos, e vivi nesse período o meu lado mais conservador. Ele era 11 anos mais velho do que eu e, frequentávamos um círculo de pessoas mais da idade dele. Aí então, se reforçava o meu lado mais conservador, tradicional. Tinha uma vida confortável com ele, e apesar dele não achar que eu precisava, eu fui trabalhar como professora. Adoro ser professora, estudar... Quando engravidei do meu segundo filho, eu tive uma gravidez complicada e a pressão dele para eu sair do trabalho aumentou... então, eu passei dois anos sem trabalhar... nesse período do meu casamento, eu era a conservadora em pessoa. A vida do casamento, tinha aquela rotina normal, os cuidados da casa, dos filhos... Nos fins de semana, encontros com os amigos, churrasco, bebidas e, muita gente interessada à volta. Eu já tinha vontade de separar, mas ia ficando naquela história, era moralista, ia ficando gorda, e às vezes, tinha vontade de ficar jogada.

Estes trechos desta narrativa me fizeram lembrar certas passagens do texto de Lya Luft, em O RIO DO MEIO, onde ela destaca:

... meninas olham a vida com olhos grandes de admiração, têm essa graça que o tempo vai lhes tirando, como uma película que ficasse pequena demais para a alma. Algumas saem em busca desse espaço interior que transbordou, dessa sua verdadeira humanidade. Não se deixam domar, escapam por alguma brecha e correm em frente, brandindo sua inquietação, como uma tocha. Outras, cedo tomam consciência de si, do que devem ou não fazer, ou pior ainda, do que é conveniente fazer. Os gestos vão se tornando cautelosos, o corpo, já não tem a luz que vem de dentro: são treinadas no rigor de suas obrigações, ou esvaziadas pelas fertilidades dos conceitos com que as vamos vestindo...¹¹

Sabe-se que, essas diferentes opções existenciais se devem a variadas influências econômicas, sociais, culturais, psicológicas e, ainda a muitas outras, que se entrecruzam. Venho ressaltando neste trabalho, que essas variáveis incidem em diferentes possibilidades e recursos ao Sujeito. Podem abrir e fechar caminhos à passagem do seu desejo e, este, pode articular-se a elas, manifestando-se como conservação ou renovação da vida, com seus efeitos práticos nas relações sociais.

Ao desfiarem o tecido de suas lembranças, as narradoras vêm revelando claramente, as influências em suas decisões, das interações familiares, dos estilos de vida configurados pelo pertencimento a esta, ou aquela classe social, a tal ou qual etnia, ou aos atributos de gênero.

Assim, o Sujeito que aqui aparece, é o sujeito atravessado por todas essas linhas existenciais, ou mais apropriadamente, por todas essas correntes de forças, e pelas contradições que elas contém. Ele movimenta-se com e entre essas correntes, viabilizando também a sua reprodução de forma repetitiva ou renovadora. O desejo, motor da vida pessoal, muitas vezes aparece em suas falas, preso a imposições sócio-culturais, mas, outras vezes, o seu fluxo parece não se deter em barreiras, as atravessa, sobe em muros, escapa por brechas que só ele pode perceber.

Com a intenção de esquadriñar, mais ainda, as vias de compreensão que me habilitem a melhor perceber a construção desse modelo de feminilidade, que se ressalta das lembranças das narradoras, e que era firmemente ancorado nas orientações que pautavam a conduta de suas mães, destaco, resumidamente, argumentos de um trabalho de Riolando Azzi, publicado em 1987,

¹⁰ KEHL, Ma. Rita, A MÍNIMA DIFERENÇA: Masculino e Feminino na Cultura, Rio de Janeiro: Ed. IMAGO, 1996, P.45.

¹¹ LUFT, Lya. O RIO DO MEIO. São Paulo: Mandarin, 1996 p.p.31 e 32.

a respeito da Família e seus Valores na Sociedade Brasileira Contemporânea.¹² Nele, são distinguidas quatro orientações básicas aos papéis, a serem desempenhados pelos homens e pelas mulheres: a católica, a positivista, a liberal e a socialista, ressaltando-se o que se segue, para cada uma delas:

- O episcopado brasileiro, ainda no início do século XX, apregoava um modelo de família, marido-mulher-filhos. A figura do homem era apresentada como a do chefe da unidade familiar, encarregado de oferecer-lhe o sustento econômico. A figura da mulher- esposa- mãe, valorizada por seus aspectos de submissão e fidelidade ao chefe da família. Aos filhos, dependentes dos pais, restaria caber a obediência. De acordo com Prandi.

Desde a infância prepara-se a menina para a obediência e a submissão a seus irmãos e ao pai. A justificativa para a situação assimétrica entre os sexos, é vista em termos morais e religiosos. Assim, ao homem, "representante de Deus", e "cabeça da mulher", atribuiu-se papel de liderança e autoridade circundada de uma auréola divina.¹³

Nessa perspectiva, as transformações sociais que se operam nas primeiras décadas do século XX, abrindo maior espaço para a presença feminina, eram consideradas um grande perigo a ser evitado, já que a reclusão da mulher no lar, seria o esteio que garantiria a vigência desse modelo de família.

Para os positivistas, era necessário conservar bem nítida a separação entre a atividade social e a familiar, porque esta divisão se apóia nas próprias "leis da natureza". Em certo fragmento de um texto de Teixeira Mendes, é destacado:

... a mulher, não serve como o homem para as indústrias, está claro, porque a sua natureza não a fez especialmente para isso... Demos ao homem a consciência de sua missão, à mulher, a consciência de seus deveres. Coloquemos a mulher na sua função de mãe de família, de filha, de irmã, de esposa, é seu verdadeiro destino a formação do homem, e para isso é preciso que o homem, cada vez mais, se aperfeiçoe, de maneira a transformar a terra num verdadeiro paraíso.¹⁴

Neste ideário, a mulher deveria permanecer virgem até o casamento, depois ficar na proteção do lar, dedicando a sua vida à procriação e à educação dos filhos. Deveria enfim, manter-se afastada das atividades políticas e profissionais, pertencentes ao mundo do sexo masculino. É Teixeira Mendes, ainda, quem ressalta:

O amor materno resulta da combinação predominante do instinto materno com o altruísmo, e especialmente a bondade, que é o mais eminente dos pendores altruístas. Os instintos altruístas são três: o amor para com os iguais, que é o apego; o amor para com aqueles que parecem superiores, veneração; o amor para aqueles que dependem de nossa proteção, a bondade. Estes três instintos são mais desenvolvidos na mulher do que no homem; a mulher é mais terna, mais simpática, mais pura do que o homem.¹⁵

A corrente dos liberais denunciava o aprisionamento das mulheres, estimulado pelo pensamento católico. Enfatizava a sua crítica, apontando que a rigidez moral da orientação católica supervalorizava a pureza, incentivando a mortificação do corpo, o que contribuía para o enfraquecimento da própria convivência familiar, pois assim envolviam, cada vez mais, a mulher, nas devoções místicas, e geravam nela uma perspectiva sobrenaturalista, o que a levaria a se desinteressar, e até mesmo a repudiar, as relações afetivas. Em sua oposição a essa perspectiva, passaram a adotar em suas orientações, outros preceitos dirigidos à educação, incentivando a promoção social da mulher. Segundo Azzi, uma das ênfases dos liberais era a de abrir-se espaços para a mulher no mundo da cultura. Um deles, Tobias Barreto, ainda em 1879, ressaltava que:

Entre nós, nas relações de família, ainda prevalece o princípio bíblico da sujeição feminina. A mulher, vive ainda sob o poder absoluto do homem. Ela não tem, como deveria ter, um direito igual ao do marido, curva-se como escrava à soberana vontade marital. Essas relações deveriam ser reguladas por um modo mais suave, mais adequado à civilização.¹⁶

Muitos outros textos, com essa perspectiva, eram divulgados, no sentido de estimularem a promoção social da mulher, como um exigência justa para uma sociedade moderna.

O pensamento socialista, segundo Azzi, era relativamente fraco em formulações teóricas, devido a muitos fatores combinados, sendo um deles a liderança italiana que estava à frente do movimento socialista, nas primeiras décadas, repetindo, geralmente princípios trazidos da Europa, sem muita análise de sua adequação à realidade brasileira.

Os textos de socialistas em geral, combatiam a família, que reconheciam como instituição vinculada aos interesses da sociedade capitalista. Giovanni Rossi, que estimulou a fundação da Colônia Cecília, no Paraná, de tipo anarquista e experimental, tendo como divisa o *amor livre*, declara em um de seus textos:

¹² AZZI, Riolando. SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: Família e Valores: Seminários Especiais, São Paulo: Edições Loyola, 1987.

¹³ PRANDI, Reginaldo apud AZZI, Riolando, Op. Cit. p.94.

¹⁴ MENDES, Teixeira apud AZZI, Riolando, Op, cit. p.99.

¹⁵ Id. Ibid, p.101.

¹⁶ BARRETO, Tobias, apud AZZI, Riolando, Op. Cit. p.106.

É no santuário da família, que o marido força a mulher à indignidade de cortesã; e é nesta santa arca intangível que se consoma o incesto, a forma mais repugnante do amor; que se pratica a sedução, a mais abjeta das infâmias humanas; é na monarquia absoluta da família, que a mão do covarde bate na face da mulher, que os jovens crescem com tristes hábitos de obediência, de simulação ao desejo de poder, um dia, ter a sua vez de mandar.¹⁷

Para Azzi, mesmo lutando, por melhores condições de trabalho, e por um padrão social mais digno, nem os anarquistas, nem os comunistas, da primeira metade deste século, chegaram a formular uma concepção de família, numa linha renovada de valores. Já Maria Valéria Pena, comenta que:

Senão pelos anarquistas, e mesmo assim, perifericamente, (e puritanamente), a família patriarcal não foi colocada em questão, nem pelos trabalhadores, nem mesmo pelas trabalhadoras em suas reivindicações.¹⁸

O modo como vimos nos relacionando e interagindo, em nosso cotidiano, é demonstrativo da influência dessas orientações, o que transparece nas narrativas. É possível que elas estejam interiorizadas de forma combinada, predominando, porém, uma ou outra delas. É de se destacar a força das orientações católica e positivista, nas primeiras décadas republicanas, divulgadas através dos manuais de educação moral e cívica, o que ajudou a moldar um padrão de família burguesa, tipicamente conservadora, como modelo dominante. Por sua vez, os ideais liberais tiveram, também, influência marcante, no sentido da defesa da igualdade de direitos para os homens e para as mulheres, especialmente no tocante à inserção destas no trabalho produtivo.

Grande parte dos trabalhos elaborados por muitas feministas, diz respeito a reflexões e análises sobre a construção da família, em seu modelo burguês, focalizando as distinções dos papéis sexuais, e neles localizando a origem das desigualdades. Alguns desses trabalhos, indiciaram a família, como uma instituição que deveria ser abolida, por ser a sua dinâmica autoritária e repressiva, bem como a instância privilegiada para a reprodução das desigualdades nas relações de gênero..

No trabalho de Terezinha Madel Luz, por exemplo¹⁹, ela destaca as estratégias de poder que se articulam no interior do *lar burguês*, via as distintas funções atribuídas aos homens e às mulheres. Para ela, essas funções são sócio-políticas, instauradas

pelas necessidades de reprodução dos modelos da sociedade vigente. Nesse sentido, constituir-se uma divisão política de papéis, em torno das concepções de homem e de mulher, orientando um pacto de subjugação mútua, com dominância masculina.

Em uma outra vertente feminista, Juliet Mitchell²⁰ é contra a abolição da família, mas sugere que se busque entender o conjunto estrutural, sobre qual o modelo de família vigente, ainda nos anos 70, está assentado.

Seriam quatro as estruturas básicas de seu conjunto: *sexualidade, reprodução, produção e socialização*, articuladas entre si, e cujo desenvolvimento desigual, entravam os processos de liberação da mulher. Por exemplo, pode-se citar o avanço já existente, ao se desligar *sexualidade* de *reprodução* através do uso dos anticoncepcionais, com benefícios para a mulher, podendo exercer sua sexualidade mais livremente. Entretanto, no terreno da *produção* e da *socialização*, teriam ainda muitos problemas, como a questão da desigualdade no trabalho, e, também, na manutenção do viés ideológico da família, como o refúgio do mundo atomizado e caótico da sociedade burguesa, bem como a ênfase na função psicossocial da família, tanto para a criança, quanto para o casal.

A solução, para Mitchell, não passará jamais pelas modificações que possam haver, numa só estrutura. Cada uma delas, tem contradições que precisam ser atentamente examinadas. Por exemplo, na sexualidade, mesmo sendo desenvolvido um mais alto poder libertário, este pode se fazer contra o real crescimento das possibilidades humanas. No contexto dos anos 70 e 80, parecem emergir novas formas de reificação, que são capazes de esvaziar a liberdade sexual de toda significação. A ideologia familiar, que liga essas estruturas, deveria ser combatida no seu âmago, com a crítica global da totalidade da condição feminina, sem atribuir um papel fetichista a nenhuma das estruturas que a compõem.

Voltando às narradoras, as quais interpelei anteriormente, a narradora "T" reconhece em suas lembranças, os padrões formais com os quais se relacionava em família, registrando: *eu era considerada burguesa, eu era boa aluna, estudiosa, tinha boas notas...Casei muito cedo, aos 17 anos. Hoje, eu sei que busquei recompor aquela figura masculina...tive três filhos, e vivi nesse período, o meu lado mais conservador, tradicional...*

¹⁷ ROSSI, Giovanni, apud AZZI, Riolando, Op. Cit p. 113.

¹⁸ PENA, Maria Vaéria, apud AZZI, Riolando, Op. Cit. p.114.

¹⁹ LUZ, Terezinha Madel. *O LAR E A MATERNIDADE: Instituições Políticas*, In: LUZ, Terezinha M. *O LUGAR DA MULHER*, Rio de Janeiro: Geral, 1982 p.p.11-33.

²⁰ MITCHELL, Juliet, *Modelos Familiares*, In; CANEVACCI, Mssimo (org.) *DIALETICA DA FAMÍLIA*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

O modelo burguês, aponta para o padrão de feminilidade que venho ressaltando, como parte de um conteúdo fundamental nos processos básicos de socialização, da maior parte destas narradoras. O trabalho de rememoração, vem, assim, reconstituindo o lugar social, de onde partem seus olhares, registrando as demarcações, os limites, as diferenciações de valor, que são construtivamente atribuídos aos pertencimentos de classe social, de gênero, e de etnia. É por esse caminho, que ela destaca: *Lá, (no interior, onde viviam) o meu pai era rico, poderoso... aqui, nós não éramos ninguém, éramos pobres na escola, tanto que eu me identificava com as meninas mais pobres... as outras, que eu me lembre, eu nunca fui convidada para ir às festas de nenhuma delas.*

Mais adiante, resignificando suas escolhas diante desses processos, ela ressalta a força de seu desejo, no sentido de exigir de si mesma, a recomposição de uma estrutura de relações, à qual estava condicionada, antes do seu casamento; desejava reconstituir a presença de uma figura masculina, aquela que sentira perder ante as mudanças que atravessara, saindo do interior para morar na cidade. Assim, falando de seu marido, ela registra: *Hoje, eu sei que busquei recompôr aquela figura masculina, como um pai. Ele, era um homem bem mais velho do que eu e bem sucedido financeiramente... com ele eu recompunha o que eu tivera tido com meu pai...*

É importante considerar também, a acentuação feita pela narradora, do seu estilo de vida, como “uma burguesa”. Tal como Morin chama atenção, tem sintonia com o modo dicotomizado de classificar os estilos de vida, o “burguês”, com as conotações de conservadorismo, tradicionalismo, em contraposição a outro estilo que seria “moderno”, “dinâmico”, bem de acordo com as idéias vigentes na conjuntura dos anos 70 e 80.

Neste percurso, uma outra narradora se interpõe, fazendo alguns contrapontos à narrativa anterior:

Em nossa família eram sete mulheres e cinco homens. Todas as mulheres fizeram universidade, todas falam, todas se impõem, largam o marido. Eu sou de uma família de negras, elas sempre foram tão liberais com relação aos costumes... a família de meu pai. Isso foi tão fundamental. A minha avó era a matriarca, essa era a referência que eu tinha de mulher negra... alguém que é forte, alguém que todo mundo respeita. Eu entendo que não é fácil, mas eu sempre vi as mulheres negras trabalhando como vendedoras, como lavadeiras, como chefes de família, mas elas segurando a barra... tendo força dentro de casa... A história individual é que pesa quando chega no coletivo, e eu não tinha o referencial de viver em miséria, em palafita, sem educação... eu dizia, eu não posso contar uma história triste para ser respeitada... chegou uma hora que diziam, ah! é burguesa... eu dizia eu não sei o que é isso, todo mundo tem direito a ter uma boa alimentação, saúde, educação, e, mesmo dentro do movimento negro,

às vezes, fica mal visto quem não tiver uma história triste, de miséria, de violência... As minhas tias eram muito liberais iam aos bailes de máscaras, vijavam sozinhas, elas eram o meu exemplo. Uma delas, tinha 89 anos, ela fumava, usava chapéu, e diziam que ela foi, aqui, a primeira mulher a usar calça comprida... O meu pai trabalhava em gráfica, em jornal, e, foi funcionário público da REFESA. Investia muito em nossa educação. A escola pública, na época, tinha mais brancos do que negros... a gente gostava de estudar, e acho que isso fazia com que se tivesse o elogio das professoras, e acho que, as crianças que recebem elogios, as outras não debocham... eu estudei numa boa escola particular, tinha um bando de pequenos burgueses, mas não nos incomodavam... (Narradora “O”)

Logo a seguir, intervém a narradora “U”:

Eu trabalhei muito no Sindicato das Professoras. Penso que fui uma das primeiras pessoas que se envolveu, aqui, com a questão da licença-maternidade, da instabilidade da mulher gestante. Naquele momento, o Sindicato enfatizava a questão da professora, da 5ª à 8ª série... eu mexi muito com a questão da mulher, sem ter muita leitura, informação disso como uma questão específica. Nos anos 60, eu já era funcionária pública estadual. A minha trajetória é a história da minha vida. Minha mãe, sempre trabalhou muito a questão da justiça, do direito na nossa educação, e não tinha esse discurso dos filhos dela casarem. Gostaria que as filhas dela casassem de véu e grinalda, mas já tinha um discurso de que, se alguma delas engravidasse ela não obrigava a casar. Eu vim para o movimento dessa forma. Papai era operário de fábrica, ela também... Eu só estudei em colégio feminino. Eu acreditei muito na independência das mulheres. Todos aqueles colégios onde eu estudei, eram colégios dirigidos por mulheres... acho que isso tenha me marcado. Elas tinham personalidade forte. Lembro de Da. Nilce, uma negra bonita, uma mulher muito forte... Lembro com nitidez, até hoje, a cor dela, era o que se convencionou chamar de parda... mas, uma mulher muito elegante uma postura muito boa.

A narradora “B”, também, recorta fragmentos de suas lembranças, que remetem a dissonâncias na unicidade dos modos de viver, no conjunto das mulheres:

O meu pai era sindicalista, na profissão foi estivador, depois ferroviário, minha mãe era contabilista, depois foi telefonista... nós já nascemos para fazer uma luta social, como eu disse antes. Por isso, sempre estivemos mudando de casa, por termos uma posição radical, na defesa do Socialismo... daí, nunca podíamos ter como referência uma casa. O meu pai e a minha mãe, apesar de pouca formação escolar, sempre cultivaram o diálogo, a abertura para serem falados todos os assuntos, existenciais, políticos, de sexualidade... tínhamos liberdade de sair e cuidarmos de nós próprias, sem impedimentos e controles autoritários. Meu pai falava: você pode ir... não precisa voltar tal hora... tem algum problema parta você?... eles te trazem?... Minhas colegas, tinham de fugir de casa, eu nunca tive... Militar no feminismo, só ampliou uma postura aberta, que eu já tinha construído em família... isso se deu mais, por ampliar historicamente as questões que eu já tinha incorporado em minha prática de vida.

Segundo Halbwachs, estes diversos modos de associação de lembranças, resultam das diferentes formas pelas quais os homens podem vir a se associar. Não se compreende bem o pensamento individual, sem o recolocar no pensamento do grupo

correspondente.²¹ Aqui, é o quadro social da família que mais se destaca nas noções e representações que dão substância às lembranças das narradoras.

Este vem sendo o seu trabalho. Remetem as situações, os eventos e as relações que permeiam suas lembranças, aos seus grupos de convívio, aos grupos de referência que lhe são peculiares. Desse lugar social, de onde fluem os seus olhares, ficam claras as diferenças, nos modos de percorrerem suas existências.

As narradoras “O” e “U”, por exemplo, vão espessando as relações sociais, apontando para uma outra forma de ser-mulher, não tão bem ajustada àquele padrão de feminilidade, referido como o modelo dominante, característico da *sociedade burguesa*. Utilizam esses termos constantemente, em suas falas, pois fazem parte do seu aparato formal de instrução, e do bom nível de informação de que são portadoras, por integrarem um contingente, ainda minoritário, de mulheres negras, cujos pais tinham profissões que lhes rendia o necessário para assegurar às filhas, melhores possibilidades de acesso aos estudos. Como já destaquei, anteriormente, a educação escolar aparece nas narrativas destas mulheres negras, concebida em suas famílias, como um investimento prioritário para a melhoria da qualidade de vida, e, como viabilizadora de ascensão social.

Quanto ao modelo feminino de suas referências, este se opõe à mulher passiva-infantil-maternal-reprimida, que Ma. Rita Kehl destaca em seu trabalho²² como o modelo valorizado de feminilidade, o qual adere mais firmemente à maioria das mulheres brancas, das camadas sociais dominantes. O que parece ter se fixado nas suas memórias, é a mulher negra forte, que está sempre trabalhando e tem independência em relação aos homens.

Segundo Bernardo registra em sua tese,²³ as velhas negras, em suas relações com os homens, parecem remontar à autonomia conquistada pelo seu próprio grupo, ainda na África. Apesar, de na sociedade inclusiva, vigorar um outro modelo de família, as mulheres não se sentiram constrangidas em se dizerem livres, independentes, tendo vivido diferentemente da sociedade global

as regras de constituição da família, o que implica também, em divergências quanto ao modelo de feminilidade. Em suas análises, Bernardo, considera ainda que isto pode ser devido a:

- as forças dos costumes do elemento feminino, sobrepujando os valores da sociedade inclusiva;
- a legitimação dada pelo regime escravocrata em relação à constituição da família negra, pois eram as mulheres que as chefiavam.

As lembranças da narradora “U” são nítidas, associando a cor da professora, a Da. Nilce, que ela refere ter sido convencionalizada como *parda*, à uma *mulher forte, muito elegante... uma postura muito boa*.

Para a narradora “O”, sua avó e suas tias paternas, foram referências de liberdade e de força. Teriam influenciado fortemente, para torná-la uma mulher independente e de opiniões muito firmes, o que lhe permitia contestar, quando a chamavam de *burguesa*, na mesma sintonia de ser algo desprezível. A incidência do termo, aqui, parece ser acusatória de um duplo deslocamento; não só em relação à narradora ter um bom padrão de vida: mora, alimenta-se e veste-se bem, como também, por ser negra e demonstrar ser alegre e feliz.

Acostumados socialmente, a localizar os negros nas posições de classe inferior e subordinada, mesmo os integrantes da militância negra, parecem rejeitar as imagens das quais ela se aproxima, por não confirmarem aquela que é mais comum à dos negros e das negras inferiorizados. Ressalta-se então, a visão homogênea e unitária, com que muitas vezes se enquadra as pessoas, mesmo dentro dos grupos de conscientização política, como *heróis e vilões, algozes e vítimas*. Alguns trabalhos sobre a situação dos negros, em nossa sociedade, se destacaram em realçar a dicotomização *opressor e oprimido, superior e inferior*, de forma generalizante.

Tirando-se porém, o cunho de uma análise sem cuidados, que pode se reverter à pura exclusão mecânica da dominação X subordinação, nas relações entre brancos e negros, está claro que as diferenciações de atribuições de reconhecimento e valoração aos sujeitos sociais, pela sua condição de classe, de cor, ou de gênero são facilmente detectadas em processos e relações sócio-históricas, nos quais é possível constataremos desigualdades incomensuráveis e terríveis injustiças, substanciadas pela discriminação.

²¹ HALBWACHS, Maurice. LES CADRES SOCIAUX DE LA MÉMOIRE, Paris, Librairie Felix Alcam, 1935 p.196.

²² KEHL, Ma. Rita. DESLOCAMENTOS DO FEMININO. Op. cit.

²³ BERNARDO, Teresinha. MEMÓRIA EM BRANCO E NEGRO: Olhares sobre São Paulo, São Paulo: EDUC. Fundação Editora da UNESP, 1998, P.63.

Concordo neste ponto, com Neusa Santos, quando ressalta que a história da ascensão social do negro brasileiro é a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais.²⁴

Isto tem conseqüências negativas como a da divisão entre os próprios negros. Realçando bem essa situação, Neusa Santos, ainda destaca:

[...] de um lado, ficavam aqueles que se *conformavam* com a *vida de negro*, e do outro, os que ousavam romper com o paralelismo negro/miséria. Uns e outros, hostilizavam-se reciprocamente. Os primeiros, pelo ressentimento de *não subir na vida* [...] os outros, por um sentimento de retaliação frente à hostilidade dos primeiros, e pela tendência a assimilarem o discurso ideológico da democracia racial, que vê o negro que não sobe, como um *desqualificado*, do ponto de vista individual.²⁵

Confirmando parte desse registro, a narradora “V” ressalta:

Trabalho muito com pesquisa na ONG. Lá se trabalha com as mulheres negras. Acho importante, sempre, se fazer essa reflexão sobre a trajetória do nosso movimento... a Universidade é um espaço árido, onde as pessoas nos olham como se não fosse o lugar onde deveríamos estar... os colegas, perto de nós! No imaginário social, está tão inscrito que “negro é inferior”, que as pessoas nos olham assim...(a narradora faz gestos de quem está olhando para uma outra pessoa, com espanto, ou desconfiança) Eu lembro, que no curso que estou fazendo agora, tinha um professor, de quem todos tinham medo. As pessoas ligavam para minha casa dizendo: olha você faltou, com medo que eu não acompanhe, e daí, o espanto delas, porque não é assim... eu tirei nota dez, no trabalho dele, e, algumas pessoas, tiveram que refazer esse trabalho. Até no modo de vestir, parece esperado que você, como mulher negra, não esteja bem. Eu penso que eu arranjo encrencas, porque, às vezes, eu reajo de forma inesperada... As vezes, algumas pessoas são desrespeitosas, e eu não me obrigo a ser gentil.

Lembrando de seus pais, ela referia, anteriormente, que não consegue pensar a sua história, sem pensar no pai, que, profissionalmente, era Oleiro, fazia tijolos, e, na mãe, que era doméstica, cozinheira. Desde pequena, em suas lembranças, percebia as discriminações com os negros, na escola. Em sua família, foi a única, dentre os irmãos, que até 1993, chegou até a Universidade. Em sua lembrança, continua narrando:

Tive o privilégio de ter pais carinhosos, e na escola era tida como uma menina inteligente... um professor meu dizia que eu não fizesse curso normal, que era para quem queria casamento, para uma menina inteligente que nem eu, não servia. Como tive bolsa de estudo, fiz o curso normal. Para uma menina negra, como eu, fazer o curso pela manhã e, trabalhar à tarde, eu era considerada muito esforçada, muito dedicada... Mais tarde, eu queria fazer Psicologia, mas, não podia estudar. O curso era de dia, e, eu tinha de trabalhar... De movimento político, lembro que, em 82, tinha a questão da Nicarágua. Foi aí que comecei a participar. Meu pai, tinha muito medo que eu me influenciasse pela política, pela esquerda, para ser comunista. Ele tinha um amigo que foi preso, daí o medo. Eu, fui

experimentando, militando... eu via a discriminação de cor, mas as pessoas não falavam disso... Meu primeiro projeto de pesquisa, para o Mestrado, versava sobre A Influência Das Etnias Nas Relações Pedagógicas, Nas Escolas De Primeira A Quarta Séries, só que depois resolvi trabalhar com a história de vida de uma militante negra, do início do século, uma história muito bonita e interessante.

Milton Santos, reafirma que, os negros não são integrados no Brasil, o que é um risco para a unidade nacional. A especificidade do racismo brasileiro, em suas palavras, é que aqui, é natural os negros serem tratados de forma subalterna: você não tem como reclamar. Se você protesta, é visto como alguém que está perturbando “o clima agradável” que possa existir nesse, ou naquele lugar. Ao ser inquirido se é maltratado, ele responde:

Sou olhado com desconfiança. Parece que isso faz parte do *ethos*. A grande aspiração do negro brasileiro, é ser tratado como um homem comum.²⁶

Essa sua resposta, corresponde bem, ao que a narradora “V” registrou, como sendo uma sensação muito particular, de quem é olhada como *a diferente*, no circuito das relações sociais.

Em outra via, por onde caminham suas lembranças, esta narradora aponta a discriminação que afeta a população negra, na formação escolar, destacando ter sido a única dentre os irmãos, que fez curso superior, e, ainda, as dificuldades que teve ao fazer a escolha preferencial de seu curso, por ter de se inserir, logo cedo, no mercado de trabalho.

De acordo com Hasenbalg. Do que se sabe sobre as desigualdades raciais no Brasil, tem-se destacado que:

[...] dentre os brasileiros que se auto-identificam, nas estatísticas oficiais, com as categorias de cor preta e parda, crianças não-brancas (pretas e pardas) completam menos anos de estudos que as brancas, mesmo quando se controla por origem social, ou renda média familiar *per-capita*. As análises, baseadas em dados agregados de censos e PNDAs, têm dado prioridade ao trânsito das crianças no sistema elementar de ensino, caracterizado pelo seu afunilamento, engarrafamento, e produção do fracasso escolar, que afetam em maior medida as crianças não-brancas.²⁷

Sueli Carneiro e Thereza Santos²⁸, concordam com essas análises e complementam que, são ainda muito altos os índices de analfabetismo da população negra, e que, esses mesmos índices

²⁶ Caderno MAIS! FOLHA DE SÃO PAULO, 25/06/95. P.8.

²⁷ HASENBALG, Carlos A. *PESQUISA DAS DESIGUALDADES RACIAIS NO BRASIL*, In: HASENBALG, Carlos A. e SILVA, Nelson do Valle. *RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO*, Rio de Janeiro: Rio Fundo: IUPERJ, 1992, P.P.12 a 14.

²⁸ CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Thereza. *POLÍTICA GOVERNAMENTAL e A MULHER*, São Paulo: NOBEL/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985 p.6-8.

²⁴ SOUZA, Neusa Santos, *TORNAR-SE NEGRO ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*, Rio de Janeiro: Edições GRAAL, 1983.

²⁵ Id. *Ibid*, p.23.

crecem se forem aplicados ao contingente de mulheres negras. Uma grande parcela dessas mulheres, só chegam a atingir aproximadamente quatro a cinco anos de instrução.

Ressaltam ainda que:

Se os níveis de educação são indicadores do potencial de cada grupo racial, quanto a alocação na estrutura ocupacional, os dados sobre a situação educacional da mulher negra, permitem antever às suas perspectivas no mercado de trabalho, bem como as condições materiais de existência a que se acha submetida.²⁹

Assim, apreendo, claramente, destas narrativas, que a memória, em sua tarefa de construção da história, articula e desarticula, ao mesmo tempo, a tessitura social; junta fragmentos que compõem especificidades de gênero e, desalinha; separa o que está contido na unidade dessa especificidade e possibilita avaliações sobre a posição social dos sujeitos. Nesse movimento, a cor da pele, a classe social, vão distinguindo diferentes experiências de vida, concretizadas em diferentes trajetórias e modos de relação.

Modos diversos de desigualdades de poder, ressaltam das experiências vividas, acompanhados de reações e sentimentos pessoais, transportados pelo vôo das lembranças. Em certos trechos do percurso, as narradoras entram em sintonia com o que Sueli Carneiro acrescenta:

A mulher negra não participa do processo produtivo em igualdade de condições com homens brancos, negros, amarelos, e mulheres brancas e amarelas, situando-se assim, na base da hierarquia social, penalizada em relação a oportunidades e mobilidade na estrutura ocupacional.³⁰

Esse registro, porém, contém uma redução da diversidade das experiências das mulheres negras, ao apontar a situação da *mulher negra*, como categoria unificadora. O que a narradora "O" destaca em suas lembranças, é que sua família tinha melhores recursos e oportunidades, por estar inserida dentre as camadas sociais mais prósperas economicamente. Foram diversamente mais ricas, as possibilidades que teve de adquirir um bom nível de formação intelectual e de ocupar espaços sociais privilegiados.

Acentuando outras nuances da diferença, no conjunto das mulheres negras, esta mesma narradora, ainda resalta que nunca sentiu que tinha de ficar em segundo lugar, no grupo do CCN. Em sua lembrança, destaca:

Sou mulher negra, solteira, morei sozinha. Nunca me impediram de alguma coisa que eu quis fazer na vida Sempre vivi junto, não sou casada no papel. As pessoas sempre souberam disso, e, nada me impediu de ocupar cargos. Sempre estou ouvindo: como que uma mulher sozinha é difícil, mas, eu sei que quem tem de resolver os meus problemas sou eu. No máximo, um homem que estiver morando comigo, vai dividir as despesas, e eu não fico esperando que ele é que vai resolver as coisas. Eu não fiz parte do grupo de mulheres negras...eu achava que eu tinha de trabalhar junto com os homens negros

Nessa direção, uma outra narradora, insere sua narrativa:

No movimento negro, ouvi muitas queixas de mulheres negras sobre os homens negros... a mais comum era de que as mulheres carregarem o piano, para que os homens tocassem., de as mulheres arrumarem o cenário para que os homens subissem ao palco e fizessem seu discurso. Nunca passei por essas coisas, porque eu sempre estive tão intensamente ocupada, talvez em situação de liderança, que nem deixávamos que eles nos colocassem num lugar feminino. Nós que definíamos o lugar deles. Esperavam das mulheres um comportamento e desempenho feminino, na organização, enquanto a tarefa deles seria a de brilhar. Só que em outra organização que tentamos criar, no meio da Constituinte, por exemplo, estava previsto que eu seria a presidente.. O embate que eu tenho com os homens não é no interior das organizações... eu sempre tive esse papel de construtora, de sustentação, em quase todas as organizações de que participe... é um espaço relativo de poder. *Narradora "X"*.

Para a narradora "H", a divisão de trabalho dentro de grupos como o C.C.N., que reúne homens e mulheres, gerava sempre muita polêmica, reproduzindo dilemas historicamente constitutivos, nas relações de gênero. Narrando, ela acentua:

No grupo, eu me ligava mais à área da cultura. Como eu fui uma das primeiras a compor o grupo de mulheres negras...então, eu estava sendo, sempre, a primeira. Fui a primeira que formou a coreografia do Bloco Akomabu, a primeira que estava lá, no movimento negro, a primeira do movimento de mulheres. Com o passar dos tempos, em cada época, eu passava para uma coisa diferenciada. Fui vice-presidente do C.C.N. e, coordenadora, umas três ou quatro vezes do grupo de mulheres negras. Nesse grupo, se trabalhava muito a questão da "não dependência", porque "você" é educada e formada para depender do cara, para casar, que ele é que vai direcionar tua vida. Fala-se: a gente vai casar quando ELE comprar a casa, vai não sei o que, quando ELE...o ELE sai na linha de frente... e, aí, você descobre o EU, Eu trabalho, Eu posso isso, Eu posso aquilo... e você mete a cara. É a consciência que te abre essa possibilidade.

O que esta narradora vem dizendo, é que o trabalho realizado nos grupos de mulheres negras e de mulheres brancas, incidia na desconstrução do modelo de feminilidade, que se havia caracterizado como hegemônico em nossa sociedade. Em sua experiência, a ação no grupo, ampliava o espaço da mulher, permitindo-lhe ocupar o primeiro lugar, nos cargos de maior relevo e a liderança política. Essa possibilidade, entretanto, não era dada sem combates; tinha de ser conquistada, tanto no plano pessoal, quanto no plano coletivo.

²⁹ Id. Ibid, p.11.

³⁰ CARNEIRO, Sueli, Op. cit.

Minha atenção, focaliza, ainda esse ponto das narrativas, em que se pode localizar um campo de forças, no qual se trava uma luta constante das mulheres pela conquista da visibilidade e da ação política no plano coletivo no âmbito das relações de gênero.

Pelo que aponta a narradora "H", há também uma batalha pessoal de conquista a "si própria", especialmente quando destaca, em suas lembranças, a necessidade de ser trabalhada nos grupos, a não dependência das mulheres em relação aos homens.

Refletir-se sobre essa situação, implica que seja retomada a aceção do modelo de feminilidade, que venho discutindo, como um centro hegemônico de referência, para os sujeitos-mulheres, numa dada conjuntura social, e o fato concreto de que a este, são agregados sistemas de representação, crenças e valores. É, ainda, importante que se pense sobre a força e o vigor que têm estes conteúdos na interioridade dos sujeitos de que falamos.

Melhor ainda, será recorrer à utilização de conceitos e referências que auxiliam a entender, o que empresta força e tenacidade a esses conteúdos, de tal modo que, qualquer modificação que lhes seja sugerida, encontra fortes resistências, mesmo quando essa sugestão é vinda dos mesmos sujeitos que a propõem, fazendo-nos entender que, para tal modificação, deve ser travada uma luta.

A análise de Nicolaci da Costa, é um destes recursos, ao destacar os conceitos de socialização primária e socialização secundária, anteriormente trabalhados por Peter Berger e Luckman, ao se referirem a processos básicos, que tornam o Sujeito, um membro da sociedade. De saída, Nicolaci concorda com esses autores quando ressaltam que:

O sistema simbólico internalizado, durante a socialização primária, é muito mais persistente e resistente à erradicação, do que os sistemas simbólicos internalizados em socializações posteriores.³¹

Isto se deve às características fundamentais desse processo, às quais se destacam, como as discriminamos a seguir:

... é inevitável e inescapável- o Sujeito não escolhe seus agentes socializadores, tipicamente, membros da família, como quer que esta seja constituída;

... é irrelativizável- pois os múltiplos aspectos da realidade objetiva e subjetiva, são filtrados pelos agentes socializadores, que fornecem ao socializado, uma versão coerente e integrada com o seu sistema simbólico; ... ocorre em um forte contexto de laços afetivos, na medida em que a internalização, feita pelo socializado, pelo sistema simbólico de seus agentes socializadores, só se dá quando aquele se identifica com os últimos.

São, principalmente, os laços de afetos, nas interações familiares, que asseguram a consistência das orientações transmitidas e apreendidas. O Sujeito, nessas interações, apreende como a sociedade se estrutura e como se reproduz, internalizando uma versão de subjetividade e de papéis sexuais, do casamento, da constituição familiar, da reprodução biológica e, de algumas dentre as várias formas culturais de se lidar com ela, do tipo de educação a que é submetido. Ainda de acordo com Nicolaci, possuidor desta versão inicial, que lhe possibilita uma leitura de sociedade, e de si-próprio, nesta sociedade, o Sujeito torna-se um membro dela. Esse sistema simbólico define a inserção do sujeito social, não só no presente, como gera expectativas, ou representações de sua futura inserção na sociedade.³²

É, por essa via, que o conceito de identidade torna-se um referente para o Sujeito, um designador que, como chamou atenção Bourdieu,³³ é totalizado com a referência do *nome próprio*, que garante a identidade do indivíduo biológico, em todos os campos possíveis, onde ele intervém como agente. Uma identidade, que é entendida como *constância em si-mesma*, que é *responsável* e previsível.

De certo modo, esta compreensão fica próxima do que é ressaltado por Guattari e por Sueli Rolnik,³⁴ como uma produção social que instaura processos de individualização, substanciados por imagens e pela lógica da representação, que convergem nas "identidades", a exemplo da identidade feminina e da identidade masculina. Com esse procedimento, manifestações singulares, que emergem fora do espaço convencional das identidades sociais referidas, podem ser definidas como desvios.

Nessa aceção, a família e a linguagem são equipamentos institucionais da produção de "identidades", com as marcas de estabilidade, conforto e finalidade. O estranho, ou o diferente, aparecem como o mal-estar, a turbulência, ou o caos.

³¹ COSTA, Ana Ma. Nicolaci. *MAL ESTAR NA FAMÍLIA: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos*, In: FIGUEIRA, SÉRVULO A. (org.) *CULTURA DA PSICANÁLISE*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p.155.

³² Id. *Ibid*, p.p.148-165.

³³ BOURDIEU, Pierre. *A ILUSÃO BIOGRÁFICA*, In: FERREIRA, Marieta de Novaes e AMADO, Janaína. *USOS E ABUSOS DA HISTÓRIA ORAL*, Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1966, p.p.186 e 187.

³⁴ ROLNIK, Sueli e GUATTARI, Félix. *MICRO POLÍTICA - CARTOGRAFIAS DO DESEJO*, Rio de Janeiro - Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

A narradora "L", que já esteve conosco, insere-se agora chamando atenção para o fato de entender que, as lutas travadas, pelo movimento feminista, acirravam muito a questão das diferenças entre as mulheres e os homens, sem resolver a questão. Lembrando do seu trabalho e de sua circulação em outros grupos de mulheres, ela continua:

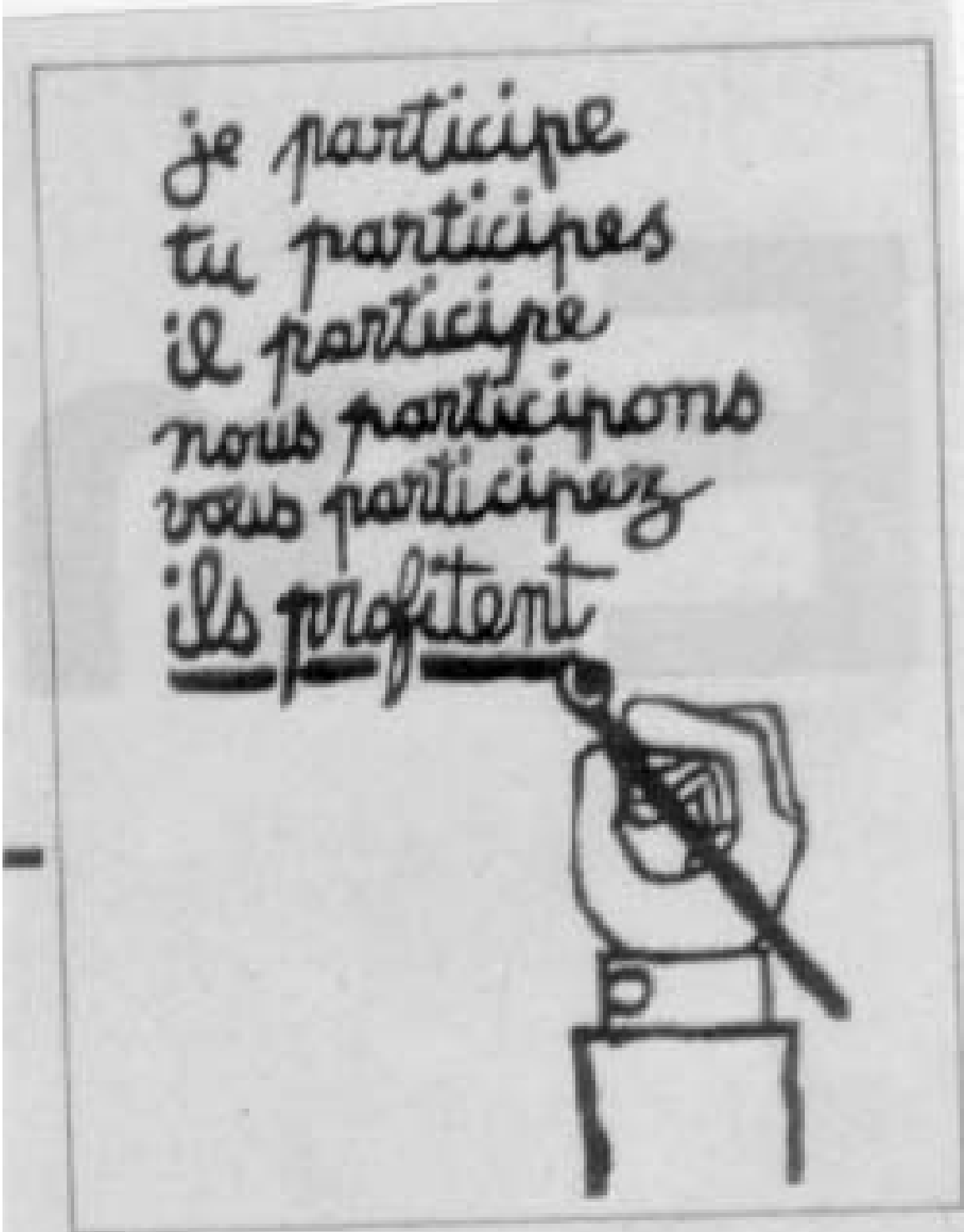
A nível do social e do político, aquilo foi perfeito. O movimento teve muitas vitórias. Eu digo isso, por causa das pessoas que passam por aqui (ela aponta para o divã, no seu consultório, onde nos encontramos). O modelo mudou... vamos dizer assim, a doméstica, ela própria, já se coloca num lugar menor, e, essa coisa de ter êxito próprio, para além do casamento, é cada vez mais estabelecida. Essa escravidão, em que as mulheres eram submetidas, cada vez mais, perde IBOPE. As mulheres têm essa consciência de que precisam ganhar seu dinheiro... se bem que ainda tem coisas para mudar... a nível da estruturação psíquica, aqui em São Luís, ainda se tem uma forte estrutura familiar... a mãe, em geral, exclui o pai fala mal dele para os filhos, e faz com eles uma espécie de complementação... devora, literalmente, as diferenças de cada um. Aqui, criam-se os filhos para o mundo da família... a família é o bom, o de dentro. O que é mau, é de fora. Meu próximo livro vai abordar isso

Constato, por um lado, que a família se destaca nas lembranças que marcam o cotidiano de trabalho desta narradora, pelo mesmo viés em que a recortei anteriormente, como instância reprodutora de orientações, crenças e valores, que embasam as subjetividades e os seus modos de articulação nas redes sociais.

Por outro lado, focalizo a questão da diferença, que é apontada pela narradora, quanto à estruturação psíquica que deriva de um determinado tipo de família, que ela localiza, em São Luís. Pode-se, então, em sua interpretação, captar a tendência generalizante, ou a unicidade simplificadora, que, como venho destacando, é comum, quando não são contemplados os movimentos de dentro e de fora das estruturas relacionais que envolvem as distinções de gênero, de classe social e de etnias.

Tomando-se para análise uma via em que se pode precisar a condição de classe em que está inserida a narradora, a mesma condição das clientes que atende em seu consultório psicanalítico e, mais ainda, se especificando em termos quantitativos, o número de mulheres negras que ali são atendidas, ter-se-á uma outra leitura. Se, ainda mais, puder se acrescentar a esta, as distinções que derivam das diferentes conjunturas sócio-econômicas das diversas regiões que integram este nosso imenso país, a interpretação será bem mais rica.

Costurando essas especificidades, ao final terei usado mais linhas, mais tonalidades e, sobretudo, terei obtido uma tessitura social mais densa. Este é o caminho por onde, junto às narradoras, continuo prosseguindo.



“Eu participo, tu participas..., eles se aproveitam”

FEMININO E MASCULINO: MOVIMENTOS DE DESCONSTRUÇÃO

“Nas últimas décadas quebraram-se padrões estabelecidos durante longo tempo. Ainda não se firmaram outros que já nos possam servir de referência; tudo é muito recente, estamos mergulhados no olho do furacão. Não temos certeza das oportunidades que nos são oferecidas em cada esquina. Estamos fazendo bom uso delas ou ainda nos assustam demais? E esse medo: é infundado ou é razoável?”

LUFT, Lya. O Rio do Meio. S. Paulo: Mandarim, 1996, p.62

Reconstituindo suas experiências as narradoras vêm desvelando em suas lembranças, um contexto social amplo com fronteiras moveis em que o público e o privado se entrelaçam, e no qual a homogeneidade dos sujeitos é atravessada por muitas diversidades. Nessa perspectiva vêm atestando que a função da memória é libertadora e criadora, tal como assegura Bergson, em sua teoria,¹ Ainda mais, retém o passado para organizá-lo com o presente em uma articulação rica e nova.

Em uma de suas obras mais recentes, Balandier,² entra em sintonia com essa compreensão, ressaltando ainda, que a memória não representa só o passado, mas *joga com ele*, prolonga seu efeito útil até o momento presente. Insiste em que, é de vida e de *experiências vividas*, que precisamos neste nosso final de século, caracterizado por muitas desconstruções e banalizações das comemorações, que se multiplicam por todos os lados. A seu ver, a convocação do passado, os apelos à memória coletiva, manifestam ainda, a busca de respostas para nos situarmos num mundo, onde as referências são muito instáveis.

¹ BERGSON, apud BALANDIER, Georges. O DÉDALO – Para Finalizar o Século XX, Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 1999 p.p.42 e 43.

² BALANDIER, Georges. Op. cit, p.p.42 e 43.

Concordo com Balandier, em que, felizmente, temos hoje uma revitalização de trabalhos no campo da memória, e que, a mesma tecnologia empregada a serviço do efêmero, permite tornar vivo o passado, objeto de um conhecimento e de sentimentos imediatos, que são o remédio contra a ignorância e o esquecimento.³

Atuando como um cronista dos acontecimentos da conjuntura de final dos anos 60, dos anos 70 e 80, Zuenir Ventura, nos fornece o exemplo de um desses trabalhos memoriais com seu livro, "1968. O Ano Que Não Terminou". Em linguagem clara e gostosa, movimentos de militância, festas, eventos políticos, relacionamentos entre casais, em que o desmantelamento é a tônica do momento, são descortinados e, os personagens destacados de tal modo que, facilmente os gravamos, e conservamos. Ainda mais, neles me reconheço, por fazer parte dessa comunidade geracional. É por isso, que a narradora "M", vinha há algumas páginas atrás me falando:

[...] tinham grandes reuniões, onde mais de trinta mulheres, sentavam, discutiam, faziam seminários e cada vez mais, eu ia me animando para fazer parte do grupo... Depois daquele baile, o grande baile que foi no círculo operário, você lembra?... Foi uma atividade feita pelas mulheres que organizavam o grupo e, foi uma atividade muito interessante, de Dança, de Harmonia, de muita Festa... porque o movimento das mulheres tem essa capacidade de recuperar o lúdico, o prazer..

A lembrança do baile se situa num contexto em que nos encontrávamos regularmente em alguns Seminários, grupos de debates e em festas, que aconteciam com muita frequência nas casas de militantes dos diversos movimentos que venho ressaltando, nas quais, dançávamos muito ao som de Rita Lee com músicas como "*Rosa Choque*", ou com Milton Nascimento, aos embalos de "*Maria Maria*".

Ventura registra em seus livros, que as festas eram uma constante, já no final dos anos 60, incorporando-se às atividades da esquerda:

Esquerda festiva era uma expressão inventada pelo colunista Carlos Leonam, em 63, durante a primeira grande festa organizada por Jaguar. O falecido ministro San Thiago Dantas, decidira que havia duas esquerdas: *A esquerda positiva e a esquerda negativa*. Leonam, um atento cronista do comportamento carioca, estava dançando quando teve a idéia. Correu para a mesa de Ziraldo e disse: Tem outra esquerda, é a esquerda festiva.⁴

Ferreira Gullar, teria então assegurado que: a esquerda festiva tomou mesmo realidade depois de 64 recorreu à festa, como uma forma de se manter, de ir adiante, de não morrer, de resistir.

No trajeto que fizemos na primeira parte deste trabalho, as narradoras lembraram das várias articulações que eram feitas entre os militantes dos grupos de esquerda e dos grupos de mulheres, ou do movimento negro em atividades comuns. A festa como movimento lúdico de distensão, de encontro, até mesmo, dos politicamente divergentes, era uma dessas atividades que nos anos 70 e 80, passaram a ser rotineiras em São Luís. As festas, ocorriam também, em São Paulo, Rio de Janeiro, ou em Belo Horizonte, embora não tenham sido destacadas nas memórias das narradoras de São Paulo. Suponho que isto se deve ao fato de que estas não tenham considerado importante fazer esse registro, no contexto das narrativas da sua militância.

A narradora "H", em recortes de suas lembranças já havia registrado há páginas atrás, que alguns homens se aborreciam muito com as mulheres do seu grupo, que funcionava junto ao C.C.N; sobre as questões que ali se discutiam: a liberação do corpo, a sexualidade, festas, afetos, relações amorosas, o que era por eles rejeitado como assunto de interesse secundário, ante a luta do negro, em geral. Essa recusa, era uma tentativa de anular algo que "aparentavam" não saber: o potencial revolucionário e mobilizador que portavam esses temas para a desconstrução de concepções, modelos, crenças, ou sistemas de representações que permeavam as relações de gênero, ou de etnias.

Uma ilustração que comprova isto, é o que se ressalta deste fragmento de lembranças, da mesma narradora "H".

Trabalhamos muito a questão do estereótipo de beleza, as relações afetivas. Questionávamos porque os homens negros bem sucedidos, procuravam as mulheres brancas para casar... você vê os homens negros discriminando as mulheres negras. Acabam tendo o mesmo olhar do homem branco, para com a mulher negra. A gente falava disso e se mostrava: nós com o cabelo assim... a boca... e, junto a essas nossas falas começamos a usar as roupas coloridas, cabelos entrançados, batom negro... as outras mulheres passavam a usar as mesmas coisas... a gente usava uns cabelos amarrados assim... todo mundo usava. Empinando o nariz, se mostrando como "negra". Os homens também ficaram vaidosos. Isso antes de fluírem essas revistas como "*Raça*", que trabalha isso. Se trabalhava muito a auto-estima, porque se passava a infância toda se achando feio... olhando para baixo. Nasceram, crescem e se reproduzem muitas famílias vivendo assim. A gente, então, fazia tudo ao contrário, falava-se de beleza, de cuidados com a pele e isso fluía. Iamos a festas de beleza negra e... isso tudo melhorava a auto-estima... isso foi um bom tempo, nos anos 80 e, a gente começava a olhar o mundo com o peito mais empinado.

³ Id. Ibid, p.42.

⁴ VENTURA, Zuenir. 1968. O ANO QUE NÃO TERMINOU, Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1988.

Todo esse trabalho incide nas mudanças dos padrões de beleza no jeito de lidar com o corpo e, com a sexualidade. Constitui, portanto, um ataque frontal às modelizações padronizadas, com que são estetizados os referentes sociais que enquadram e selecionam as pessoas. Com esses padrões estéticos em nossa sociedade, ser branco, ter cabelos lisos, nariz afinado, olhos azuis ou esverdeados, é ter uma aferição privilegiada, ante negros e amarelos. Pelo viés do racismo, é ser socialmente superior.

Sueli Carneiro e Thereza Santos, chamam atenção em certo trecho de seu trabalho⁵ para o fato de que a crítica feminista não atuou sobre o aparato ideológico machista e racista, naquilo em que ele ao instituir a *mulher branca* como padrão estético e ideal feminino, se constitui em forma de opressão *para as mulheres não brancas* em geral, atuando de forma imperialista sobre as demais mulheres, na medida em que ele reflete também, a quem é delegado o estatuto de padrão ou ideal feminino neste tipo de sociedade. A condição de "musa" dos romances, do amor, da paixão foi dada à mulher branca; a mulher negra não teve essa condição, mas sim a de "fruto erótico", "coisa para ser comida".

Segundo essas autoras, ainda, esses estereótipos atuam como fatores de preservação de um mercado afetivo às mulheres brancas, no qual homens negros e não brancos, em geral, se inserem como mercadoria alternativa, pela desqualificação estética de negros e não brancas, em geral, associado ao grau de comprometimento de parcela de homens negros nos valores estéticos ocidentais.

Para Jurandir Freire Costa,⁶ a imagem de si, a imagem corporal, que homens e mulheres negros tem construído, deixa de ser aquela que vem do prazer, e passa a ser aquela vem da dor, o que configura a violência que perpassa a construção de suas subjetividades. Em suas palavras:

A violência racista do branco é exercida, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este através da internalização compulsória e brutal, de um ideal de ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificador, incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo.⁷

Por isso, registra ele ainda, é dupla a violência a que está submetido o *ser negro*: a de encarnar o corpo e os ideais de Ego, do sujeito branco, e a de recusar, negar e anular a presença do corpo negro.

⁵ CARNEIRO, Sueli e SANTOS, Thereza. MULHER NEGRA: Política Governamental e a Mulher: São Paulo: NOBEL/Conselho Estadual de Condição Feminina, 1985.

⁶ COSTA, Jurandir Freire. VIOLÊNCIA E PSICANALISE, Rio de Janeiro, Graal, 1986. Biblioteca de Psicanálise e Sociedade, Vol. Nº 3.

⁷ Id. Ibid, p.104.

O resultado pretendido com o trabalho das mulheres negras, em seus grupos ressalta-se na memória das narradoras que me acompanham, como sendo o de mudarem a si mesmas, transformando a auto-imagem, em que antes se reconheciam, passando a afirmarem-se na construção de outros padrões estéticos, como bem lembrou a narradora "H".

Assim, o movimento destas lembranças, prossegue como um rio caudaloso, que vem desde o primeiro trajeto deste trabalho, inundando a conjuntura sócio-política daqueles anos, carregando consigo muitos outros movimentos que dão conta da atuação das mulheres. Movimentos esses que venho chamando de desconstrução, porque correm pelas sendas daquelas formas e modos de relações estabelecidas, entre as mulheres e os homens brancos e negros, para modificá-las.

A narradora "L", aproveita do fluxo dessa correnteza, para destacar suas lembranças:

Aquilo que aconteceu aqui foi estranho... muito forte, não foi? Começou na Universidade. Lembro da 1ª reunião. Eu já me envolvera com trabalhos com mulheres, com as minhas amigas no Rio de Janeiro... era o tempo do Sarney... a Linha da Vida... foi criada por uma dessas minhas amigas, são Psicólogas... num quadro, as mulheres iam descrevendo eventos específicos de suas vivências desde a infância até a velhice e, compunham suas histórias. Partíamos, sempre disso para as questões mais gerais... depois passamos a recriar o trabalho, em cima da perspectiva feminista.

Neste fragmento de sua rememoração, a narradora abre espaço para uma interlocução que nos situa na relação narradora-ouvinte - narradora. Me pergunta: *foi muito forte, não foi?* Sua fala, é constantemente acompanhada de gestos e expressões que manifestam a cumplicidade e o reconhecimento de termos partilhado de algumas experiências, naqueles anos 80 tal como realçava a narradora "M". Esse contexto é, datado em suas lembranças, pela conjuntura política nomeando-o como o tempo do Sarney, por isso considero importante recortar um pouco desta narrativa, no que ressalta a questão do tempo da memória.

Lembro, então, de Bosi,⁸ que fazendo analogias das datas a pontas de iceberg, e a pontos de luz, destaca a marcação do tempo histórico:

...a memória das sociedades precisa repousar em sinais inequívocos, sempre iguais a si mesmos; e o que há de mais inequívoco e sempre igual a si mesmo do que o número? Datas são números ... são pontos de luz, sem

⁸ BOSI, Alfredo. *O TEMPO E OS TEMPOS*, In: NOVAES, adauto (org.) TEMPO E HISTÓRIA, São Paulo: Cia das Letras, p.19.

os quais a densidade acumulada dos eventos pelos séculos dos séculos causaria um tal negrume, que seria impossível sequer vislumbrar no opaco dos tempos, os personagens e as órbitas desenhadas de suas ações. A memória carece de nomes e de números. A memória carece de nomes.⁹

A importância do acontecimento datado, porém, é dada, segundo Bosi, sobretudo, pela relação inextricável entre o acontecimento que elas fixam com a sua simplicidade aritmética, e a polifonia do tempo social, do tempo cultural, do tempo corporal, que pulsa sob a linha da superfície dos tempos.

A narrativa de "L" nesse pequeno fragmento é recheada de tempos sucessivos, que estão plenos de paixões, atos cognitivos, referências simbólicas das suas experiências vividas: o início do grupo de que fez parte, a vinda do Rio de Janeiro, o início de uma metodologia de trabalho, o tempo do presidente maranhense. São os acontecimentos que vai vivenciando, que marcam significativamente um tempo que não é só cronologia histórica. Segundo Bosi, "é um tempo no qual a ação dos afetos e da imaginação produz uma lógica própria, capaz de construções analogicamente belas e ordenadas..."¹⁰

O tempo do trabalho, é também, marcado pelas lembranças da narradora, com intencionalidade, a de deixar falar, a de escutar o que têm a dizer as mulheres, sobre si mesmas, a de mexer com as imagens produzidas e a de desconstruir tais imagens:

Trabalhávamos sempre com as questões do subjetivo para o objetivo. Certa vez fizemos um Baile de Máscaras, em que as as mulheres confeccionavam as próprias máscaras... descobrimos verdadeiras artesãs. Botamos o "Bolero de Ravel" e as pessoas iam se escolhendo conforme as máscaras. Depois discutíamos... o que era uma máscara, por exemplo?... Fazíamos várias experiências...

Trabalhávamos com mulheres camponesas... usávamos massa, modelávamos e íamos deixar sair as experiências... saía tudo, as questões agrárias, as emocionais, questões com os maridos... Naquele Encontro: "Abrindo os Olhos e Botando a Boca no Mundo", eu descobri que o trabalho com as mulheres urbanas era diferente do trabalho com a mulher rural. A mulher rural, chega e conta tudo, como se não tivesse imagem nenhuma a sustentar socialmente. Então, ela conta tudo... e as mulheres das classes médias, a mulher urbana, não...

Do mesmo modo, que em outras narrativas, a referência a "*mulheres urbanas*" e "*mulheres rurais*" é aplicada a um outro conjunto de distinções, que especifica distintos modos e leituras das questões de gênero, classes e etnias, são subsumidas e integradas em diferenciações regionalizadas. O núcleo a ser alvejado em seu trabalho, é "a subordinação da mulher".

Atualmente, em sua atuação como psicanalista, vem reforçando a concepção de que só trabalhando-se com as questões relativas à construção psico-emocional da "identidade" de gênero, chega-se ao cerne dos problemas e soluções, que estão vinculados às desigualdades, que pretende que sejam desconstruídas.

Por outro ângulo, o slogan do Encontro a que se referiu a narradora "D": "Abrindo os Olhos e Botando a Boca no Mundo", sugere às mulheres, naquele momento, abrirem os olhos, ou seja a olharem para o mundo fora do seu território doméstico, e alargarem a visão para o conhecimento de outros mundos, que convencionalmente lhes havia sido proibido.

Por sua vez abrir a boca, para falar de si em público, seria desconstituir os limites do privado, tal e qual foi construído, nos moldes da moderna sociedade burguesa. Construir sua própria máscara, poderia ser associado a reconhecer-se na máscara socialmente colada a sua pele e, do mesmo modo, reconhecer que para além desta construção, outras formas e modos de ser existiam e precisavam emergir.

Assim, o objetivo do trabalho realizado em grupos dessa natureza, era claro: desfavorecer a repetibilidade dos padrões e imagens que representavam "a mulher", para facilitar o surgimento de novas subjetividades, nas quais fosse possível ter-se presentificado a força do desejo, fornecendo, também, instrumentação para a abolição das desigualdades, no terreno social.

Prosseguindo as lembranças continuam situando o trabalho, as intenções nele contidas, e vão se deslocando para o território da casa, da família construída a partir dos casamentos das narradoras. Passam por um território pedregoso, vazando por entre pedras bem argamassadas, que ali constituem um terreno sedimentado por construções feitas, ao longo dos anos: são aprendizados, concepções, e estilos de vidas, configurados antes, ainda quando permaneciam junto aos seus pais e irmãos, e se imiscuem por pedras ásperas e difíceis de palmilhar, quando tudo isso precisa ser alterado. As lembranças são as portadoras (ou portam as dores) do desejo da mudança, que vem acompanhado, às vezes sutilmente, do desejo de conservação. Algumas vezes vêm com risos e outras com lágrimas, despejando a água e o sal que vou colhendo de suas narrativas:

⁹ Id. Ibid, p.19.

¹⁰ Id. Ibid, p.27.

A minha educação foi crítica e revolucionária. Uma das pessoas que mais influenciou na minha educação, foi uma tia-mãe, solteira e que tinha idéias avançadas... dizia que mulher não devia se submeter... eu tinha uma visão crítica disto. Eu sou contestadora... não na forma, mas no conteúdo... a família pra mim, ia me limitar. Então, eu idealizava um projeto, com uma participação masculina maior. Quando eu tive minha filha, em 1970, eu cobreí que a participação dele fosse igual... eu sabia que aquilo podia me impor limites. Fiquei decepcionada com a participação dele, eu achava que ele tinha um discurso progressista... mas hoje, a gente pode distinguir entre o progressista político e o progressista existencial... como naqueles anos 80, eu lidava com as questões do direito da mulher, da cidadania da mulher, isso se juntava à minha insatisfação no casamento. Embora sejam esferas separadas, nesse momento, eu juntei essas duas fontes: a existencial e a política. Hoje, eu sei que mudar a relação doméstica é a coisa mais difícil. Hoje, talvez eu usasse estratégias mais leves (ri bastante): Narradora "D"

Narradora "J":

No meu caso, com a minha inserção em movimentos de base, com as idéias do feminismo, dos anos 70, eu também construí uma leitura de vida, em que a divisão dos trabalhos domésticos, tinha que haver entre os dois, e, assim que casei, eu resolvi implantar essa divisão, de forma rigorosa, tentando manter coerência... eu arrumava a casa, lavava as roupas; ele, arrumava a cozinha, lavava as louças e passava as roupas... fizemos uma divisão. Então, um dia, aconteceu assim, eu tinha arrumado a casa, lavado roupas e, ele tinha deixado na pia, a louça da semana inteira e, quando terminei minha tarefa, fui fazer o jantar... eu só não ia fazer a tarefa que era dele... e, sentei cansada para ler o jornal. Aí, ele levantou e foi lavar as louças. Nesse momento, chegaram os pais dele, e, me olharam assim!... A mãe, foi logo lavar a louça pra ele, me olhando muito ruim... então falei que se ela tivesse chegado um pouquinho antes, poderia ter me ajudado, também. Quando eu engravidei, ele queria que eu largasse o trabalho, para cuidar do bebê. Não aceitei, disse que eu poderia me organizar, trabalhar e cuidar do bebê... mas era sempre difícil... Acabamos rompendo. Ficamos um ano e meio separados... namorei nessa época, mas sentia que todos os homens eram iguais. Então, não achava muita diferença dele com os outros. Ele também, procurou outras mulheres que estavam também, em processo de transição. O interessante, é que ele foi procurar fazer terapia, para ver no que estava errado, por que, para ele, era um choque muito grande, a forma com que ele foi criado e a forma em que eu era muito autônoma e queria levar as coisas. Eu chegava a ser autoritária... não aceitava as prescrições de marido, de sogra... eu tinha rumo de vida. Eu trabalhava, militava, fazia minhas coisas... e chegava a ser autoritária, agressiva. Acho que como as mulheres desse momento eram... teve um momento de empurrar com o cotovelo, pra poder avançar...

Narradora "N":

Acho que, nossas crises de casamento tiveram ligação direta com essa coisa, de uma outra etapa da luta de emancipação em relação a mulher... fiquei casada dez anos com o homem que continua sendo um grande amigo, eu tenho relações próximas com ele, de afeto. Ele, era um homem de esquerda, mas eu sinto que o casamento foi um segundo momento... de extensão? da vida familiar. Sim,... uma certa extensão de um certo padrão, embora este casamento, também, tenha sido considerado "revolucionário", desestruturador de um conjunto de valores, de minha família e da dele. Para as duas famílias estava fora dos padrões, mas vencida a batalha dessas resistências, entramos na rotina, e só por volta do 4º ano de casamento, eu comecei a entrar em crise profunda, porque eu tinha a sensação que eu não conseguiria me autodeterminar dentro do casamento... era alguma

coisa como estar dentro de uma gaiola, ou de uma cela de prisão, mas uma prisão interior, tinha a ver muito como eu lidava com os papéis do casamento,...eu não encontrava uma forma de me autodeterminar, dentro do casamento, e, foi tanto assim que eu encontrei um sentido e, comecei a fazer as minhas coisas, após a separação. Antes, o que eu fazia não tinha o caráter de compromisso, de engajamento, como projeto de vida.

Na memória destas narradoras, se destaca primeiramente, a desarrumação nos *papéis* apreendidos, lá naquele contexto de socialização, a que me referi há páginas atrás.

A maioria delas casou de acordo com as expectativas familiares, para construir uma nova família. Tinham como orientação, os modelos de casamento de seus pais, e o de "feminilidade" ao qual se adequaram suas mães.

A conjuntura dos anos 70 e 80, como já ressaltai antes, era favorável ao alargamento dos questionamentos e rompimentos com as concepções e práticas estabelecidas. Assim, num dado momento da história dos seus casamentos, esses modelos lhes parecem "deslocados", ou mal ajustado a seus corpos, e aos seus ideais de autonomia e liberdade. Como aponta Ma. Rita Kehl, nessa conjuntura específica, a maternidade e o casamento passaram a ser caminhos estreitos demais, para darem conta das possibilidades de identificação a atributos e destinos, tidos como masculinos, que começavam a se apresentar ao alcance das mulheres, com a circulação crescente de informações e contatos produzidos pelo avanço da modernidade.¹¹

As lembranças destas narradoras, especificam bem esse momento, em que os discursos correntes nos meios de comunicação, e nas produções literária e acadêmica, incentivam as mulheres, mais precisamente das classes médias, à conquistarem sua autonomia. A narradora "N", por exemplo, ressaltou bem a sensação de engaiolamento e de encarceramento, a que se sentia condicionada, dentro do casamento, referindo, só ter podido sentir-se livre para resolver seus próprios problemas e deslanchar seus projetos de vida, após a separação. Era ela quem se sentia aprisionada no papel de esposa, aos seus deveres para com o marido e com a filha. Todos os seus envolvimento nesse período, ficavam num plano secundário às prioridades desse seu casamento.

No padrão do casamento, vivenciado por seus pais, havia um "pacto de subjugação mútua", com dominância masculina, na forma como foi descrito por Terezinha Madel Luz:

¹¹ KEHL, Ma. Rita, DESLOCAMENTOS DO FEMININO: A Mulher Freudiana na Passagem para a Modernidade, Rio de Janeiro: IMAGO, 1988 P.94.

É expressivo na forma de uma relação que é de comando e subordinação, com o necessário distanciamento que existe entre subordinado e comandante. Esse distanciamento se opera, não na maneira abstrata, jurídica e formal, mas, no cotidiano afastamento das coisas que “não competem” ao homem: o cuidado físico dos objetos, da comida e das crianças, ou certos rituais, como as refeições, a limpeza, o suprimento do lar. Certamente, mesmo para cuidar do seu corpo, o homem dependerá, em grande parte, da mulher... o homem cede, assim, em parte, seu corpo ao controle da mulher, em troca do comando do lar e da relação do casal. É um dos aspectos do “pacto”. Cede por outro lado, ao contato com as coisas vivas e inanimadas que povoam o lar. A “dona de casa” controla tudo isto. Este é o outro aspecto do “pacto”.¹²

Essa divisão que substanciava esse pacto, emerge clara nas lembranças da narradora “R”.

Meu marido, não entrava nessa área do doméstico. Eu cuidava da organização de tudo... ele ficava muito ausente, até da criação dos filhos... mesmo com cobrança, não adiantava nada, e, eu me sentia muito sobrecarregada. Hoje, entre ele e os filhos tem muita distância, porque ele não participou. Eu... sentia que precisava superar essa ausência diante dos filhos... era assim...

Ao virem para os seus casamentos, as narradoras e seus parceiros, tendiam a reproduzir, algumas formas de relação, tal como havia sido vivenciado por seus pais, no par original, mais especificamente nos papéis de pai e de mãe.

A narradora “E”, em sua lembrança, confirma:

fui percebendo que, o que eu falava do “outro” estava muito mais introjetado em mim, do que eu tinha consciência... quando se fazia a linha da vida, se fazia um resgate, de como fomos educadas, de toda a cultura e de como não somos nada “diferentes”, nós somos iguais. Lembra? Tem até aquela música: “apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”.¹³ Entendi que tinha de passar por um processo, uma batalha pessoal e, aí... tudo vai ficando mais caótico, minha vida foi ficando um “caos”. (rimos muito neste momento)

Por vezes, essa reprodução continuada só era interrompida com alguns incentivos externos, como lembra a Narradora “Q”:

...eu fui conhecer a história do machismo bem na pele, algo que eu não tinha consciência e, já tinha sofrido com meu pai. Comecei a sofrer com meu marido, porque ele não queria que eu estudasse. Como minha vida estava muito dura, ele foi falando... você escolhe, “ou eu”, “ou o estudo”. Hoje, eu me arrependo... tinha vindo do interior de Minas, para São Paulo, e fazia o 2º colegial. Na época, eu estava cansada, trabalhava, ia para o colégio, tinha de fazer jantar... Hoje, eu faço essa análise... eu não tinha consciência política de ser mulher. Tomei essa consciência, não pela participação direta, ainda, mas pela Xenia Bier, que fazia um programa na TV Bandeirantes e, eu gostava de assistir... aí, fui percebendo que ela tinha razão, a mulher não era um objeto, ela tinha de ser respeitada, como um ser humano... até então, eu achava que ele tinha razão, que eu tinha

que me orientar pelo que o marido quisesse, embora eu não gostasse, eu sempre tive dentro de mim que eu não gostava daquilo... mas, era assim até que eu me mudei de bairro... aí, é que fui entendendo tudo, com aquela consciência que eu vinha adquirindo, assim que comecei a participar, ele não queria, e foi então que rompi com isso, falei não, eu vou participar... mas, não é fácil, e continua não sendo...

Intervindo, a Narradora “E” continua ressaltando:

...eu casei em 78, e só fui sentir a diferenciação na relação homem-mulher, quando nasceu o meu primeiro filho... foi aí, que eu comecei a sentir que os direitos eram diferentes... que eu trabalhava num banco, levantava cedo... criança chorava e eu tinha que correr para preparar tudo e, ele... estava dormindo. Chegava a hora de sair, aí eu tinha que ficar em casa, por causa do filho, e ele podia sair. Daí, eu fiquei revoltada e, dizia que o filho é produto do casal, os dois tinham que ter as mesmas responsabilidades. Até então, nas tarefas domésticas, ele não se negava a ajudar, dividida... mas o filho aparecia como responsabilidade muito mais minha, do que dele. Eu comecei a não aceitar isso e, foi aí, que eu comecei a me sentir mulher... até então, eu vivia no mundo... com as minhas questões políticas, as questões raciais, mas... elas eram colocadas dentro de uma luta geral, como se os objetivos delas fossem comuns. Quando eu tentava falar isso com meu marido, eu sentia que ele não entendia, não havia um diálogo... era eu me queixando e ele não sentia a mesma coisa que eu. Aí, a solidão se presentificava na minha vida. Foi aí que comecei a procurar outras mulheres para conversar. Em 1981, cheguei em São Luís. No Brasil, a Lélia Gonzalez foi uma das precursoras a falar de questões das mulheres negras. Informalmente eu e uma amiga que sentíamos os mesmos problemas, pensamos em reunir as mulheres, para falar de nossas questões mais íntimas.

Estas lembranças me fizeram rever certo trecho do prefácio do livro de Ecléa Bosi, onde Marilena Chauí, destaca:

os recordadores são, no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição.¹⁴

Como se pode perceber, as lembranças, do modo como aqui vêm transportadas, são recheadas de interpretações e reavaliações do passado, encarregando-se também, de orientar o tempo futuro. Os risos que despertam, vez por outra, quando as narradoras dizem: talvez, hoje, *eu usasse outras estratégias*, como a narradora “D”, ou *eu cheguei a ser autoritária, agressiva...* como a narradora “J”, compreendem o presente, a partir do outrora, a partir do que podem, então, construir outras formas de relação.

Considero importante, neste ponto, rever o esquema de Nicolaci, para entendimento das reações e alterações que passaram, a ser visíveis nos casamentos, naquela conjuntura, e

¹² LUZ, Terezinha Madel. *O LAR E A MATERNIDADE: Instituições Políticas*, In: LUZ, Terezinha M. *O LUGAR DA MULHER*, Rio de Janeiro: GRAAL, 1982, p. 12.

¹³ Música de Belchior, interpretada por Elis Regina “COMO OS NOSSOS PAIS”.

¹⁴ CHAUI, Marilena. In, BOSI, Ecléa. *MEMÓRIA E SOCIEDADE – Lembrança de Velhos*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

que foram comumente tratadas como “crises”, resultando em separações e sofrimentos, tornando-se esta uma questão a ser trabalhada nos grupos.

Esse esquema que já foi destacado, anteriormente, passa pela questões da subjetividade e realça os processos de socialização, pelos quais o Sujeito torna-se membro da sociedade.

O primeiro ponto, é se pensar no peso relativo que tem os sistemas simbólicos internalizados pelo sujeito, em sua socialização primária, junto à família, à qual se liga por fortes vínculos afetivos, o que, necessariamente, não ocorre nas socializações posteriores, que vão ocorrendo em etapas posteriores à sua infância.

O segundo ponto, é o de lembrar-se que nesse processo, o sujeito constrói um guia – o mapa da sua inserção na vida adulta. Estes mapas são resistentes à erradicação e a substituição, ainda quando nas interações seqüentes o sujeito constrói novos mapas e deseja substituí-los.

Segundo Nicolaci, ao se configurarem “outros mapas”, o Sujeito pode desejar rejeitar aqueles inicialmente configurados, até mesmo por não serem mais valorizados no momento presente de sua vida adulta, contudo, será difícil erradicá-los ou integrá-los. Mais freqüentemente, conseguirá deslocá-los para um nível mais inconsciente.

Deste modo, mapas oriundos de sistemas simbólicos internalizados no processo de socialização primária, e em processos de socializações subseqüentes passam a existir em níveis diferentes no sujeito. Ambos os conjuntos de mapas são resistentes à erradicação: o primeiro, porque foi internalizado através da identificação com os agentes socializadores; o segundo, porque é recente, próximo do cotidiano e, é importante frisar, está presente, na sociedade.¹⁵

Percebo a importância de fixar meu olhar sobre esse esquema, ainda que faça com o cuidado de relativizar, aquilo que nele se apresenta como um esquema fechado, para nele apoiar o conteúdo das lembranças, quando estas dão conta de que as mulheres, naqueles anos 70 e 80, desejavam ardentemente mudar as orientações apreendidas na família e, sobretudo romper com o modelo de feminilidade que era adequado às suas mães.

Suas lembranças destacam que era, então, necessário rejeitarem a “mulher” em outras palavras desconstituírem o “feminino”, dentro de si. Era nesse processo de desarrumação,

que também implicava nas transformações de seus casamentos, que iam descobrindo que continuavam “vivendo como os próprios pais”, tal como ressaltou a narradora “E”, ou melhor dizendo, continuavam reproduzindo em suas parcerias, alguns dos ideais contidos naquele modelo de feminilidade.

Mudar essa vivência, era sempre um processo potencial de mobilização de mecanismos psicológicos de angústias, de perda e de dor, sobretudo porque teriam de ser mexidas estruturas afetivas de ligação com a mãe, e, de modo geral, com os pais. Entretanto, as mulheres impulsionavam as mudanças, em movimentos radicais, e, raramente, de modo suave, para si próprias.

Segundo Nicolaci, ainda, as crises, que se instalaram entre os casais naqueles anos, decorriam do desmapeamento, ou das discontinuidades entre os sistemas de representação e valores, adquiridos na infância e, aqueles que adquiririam posteriormente na vida adulta. Uma das soluções para essas crises, pelas quais passavam estes sujeitos, nos anos 70 e 80, era a busca de auxílio terapêutico, com o qual esperavam reencontrar equilíbrio e coerência, tal como foi registrado pelas lembranças das narradoras.

Considero importante ressaltar também, que esta situação foi vivenciada por grande parcela de mulheres e homens brancos e negros que, circulavam com mais intensidade nos movimentos sociais daqueles anos, mas também, se esparramou por todo o tecido das relações sociais, envolvendo um contingente significativo de pessoas que pertenciam à geração, à qual estão referenciadas estas narradoras, e que haviam casado no intercuro daqueles anos, ou próximo a eles, o que faz com que esta seja uma experiência na qual podem se reconhecer muitas mulheres.

Um outro detalhe ressaltado por Nicolaci, em seu trabalho, é que nem todos os elementos das orientações apreendidas em família eram questionados com a mesma intensidade. Os ideais do “casamento monogâmico” e do “amor eterno”, eram menos alvejados no trabalho de desconstrução, do que os temas do confinamento da mulher ao doméstico, a vocação materna, a divisão do trabalho no lar e a igualdade de oportunidades no trabalho.

De acordo com Giddens,¹⁶ foi somente na última geração, que para as mulheres, viver a sua própria vida significou deixar a

¹⁵ COSTA, Ana Ma. Nicolaci da. *MAL ESTAR NA FAMÍLIA: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos*, In: FIGUEIRA, Sérvulo A. (org.). *CULTURA DA PSICANÁLISE*, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985, p.p.147-168.

¹⁶ GIDDENS, Anthony. *A TRANSFORMAÇÃO DA INTIMIDADE: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, São Paulo: Edit. UNESP, 1993.

casa paterna. Anteriormente, deixar a casa, significava para todas, com exceção de uma pequena proporção de mulheres, casar-se. Ao contrário da maioria dos homens, a maior parte das mulheres continua a identificar sua inserção no mundo externo com o estabelecimento de ligações:

Muitos estudiosos tem observado que, mesmo quando um indivíduo ainda está sozinho e apenas prevendo relacionamentos futuros, os homens em geral falam em termos de "eu", enquanto as narrativas femininas sobre si mesmas tendem a ser expressadas em termos de "nós". A fala individualizada, aparente na citação acima é qualificada por um "nós" sub-reptício alguém que vai ser amado e cuidado e transformará o "eu" em "nós".

É sobre as mulheres que recai o peso maior da ligação entre amor e casamento. A construção do amor "eterno", amor romântico, aquele que "é para sempre", é fruto da modernidade, e veio embaralhada com a construção do "lar", da intimidade nas relações entre pais e filhos e com "a invenção da maternidade". A conotação fundamental desse amor, é a busca: uma odisséia em que a auto-identidade espera sua validação a partir da descoberta do outro. Giddens reforça estes argumentos, ressaltando que:

O outro, seja quem for, preenche um vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece – até que a relação de amor seja iniciada. E este vazio, tem diretamente a ver com a auto-identidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro. Tal amor apóia-se no outro e idealiza o outro e projeta um curso de desenvolvimento futuro.¹⁷

A narradora "L", lembra que em seus relacionamentos havia construído esta expectativa. Movimentando-se por essas lembranças, narra:

Casei no Rio de Janeiro. Meu marido era ótima pessoa, mas não estava dando certo. Vim para São Luís, repensar o meu casamento. Aqui, comecei a me divertir muito. Eu adoro dançar e, naquela época tinha muita festinha. Eu botava umas sapatilhas na bolsa, quatro discos de gafeira e, em toda festa eu dançava muito. Tive paixões fortes, mas... tudo caminhava na busca daquele "um"... era a busca desse "um" que me motivava, até eu descobrir que isso não existe, o que complica bem mais... porém, na hora de separar as ilusões já são menores se você vê isso. Eu e meu companheiro de agora nos envolvemos fortemente. Lidávamos com movimentos diferentes, mas nos aproximamos para falar em TV, expor opiniões. Estou com ele até hoje, já dura 11 anos, mas têm muito tumulto.

Prosseguindo com as narradoras, e estando atenta aos ritmos e formas diversas de seus movimentos, vejo que, em meio a esta torrente de memórias, surgem lembranças que, ao serem narradas, destoam um pouco desse conjunto, apontando algumas formas diferentes de casamento e de divisão

de trabalho entre o casal, tal como ocorre com estas duas narradoras.

Narradora "B"

...o meu marido, ficou muito tempo preso, e por conta de viver em clandestinidade, quem sempre tomou conta, mais, da casa, foi ele, porque, na clandestinidade, para a mulher é mais fácil arrumar emprego... para o homem, não, porque ele tem que ter mais documentos. A clandestinidade é mais difícil para a mulher, do ponto de vista formal. Para ele, era mais complicado conseguir emprego, do que para mim. Daí, a infraestrutura doméstica ficou com ele. Eu sempre trabalhei mais na rua... Eu sei que não é assim na sociedade... eu ia para o Partido, e via como os meus companheiros eram muito "machistas", mas me tratavam bem, até porque, eu era a única mulher, e... atuava muito na rua... mas, eu trabalhava no doméstico, também. Ele, então, nossa!... sempre trabalhou muito, dentro de casa... tínhamos eletro-domésticos, o que ajudava...e, a minha casa nunca estava desordenada... e, nunca tivemos empregada.

Narradora "C"

O meu companheiro atual é sindicalista. Já fui casada uma outra vez, também com um sindicalista. Saio um pouco dessa realidade. Aqui, a maioria das mulheres é solteira, ou separada, não tem companheiro. É difícil porque aqui se trabalha muito, e se viaja muito. Então, se ele não estiver nesse meio, dificulta bastante. Tenho um filho que, hoje, tem 19 anos. Algumas vezes eu levava ele para congressos. Quando ele nasceu, saíu uma foto dele, no Estadão, uma foto linda... levei ele numa cestinha... era o Encontro de mulheres do MDB e, ficou um homem tomando conta dele. Aí, tinha na capa do Estadão, assim... AS MULHERES SE REUNEM E OS HOMENS TOMAM CONTA DAS CRIANÇAS. Ele, me estimula muito, e, às vezes, me diz que os colegas perguntavam como é ter uma mãe que viaja muito e não pára em casa, e, diz que sou uma mãe legal. Uma mãe que viaja muito, participa de Congressos, pouco pára em casa, não é uma mãe comum... tem um outro padrão e, eu fujo muito dos padrões. Quando ele era pequeno, ia para creche, para a escola e, o pai praticamente criou. Ele tinha um trabalho diferente do meu, e ficava mais tempo em casa, e foi um pai especial. Nos separamos, quando meu filho tinha 7 anos. Nesse processo, me sinto uma pessoa privilegiada... não tive tantos problemas, como tem muitas mulheres, quando começam a participar, marido, filhos... pressionam e, ela fica sem condições. Eu tenho condições. Claro, que às vezes me divido muito. Muitas vezes, eu me sinto culpada achando que abandonei o filho, que a casa esta mal cuidada, essas dúvidas que a maioria das mulheres tem, de se sentir culpada se o filho tiver algum problema... quando ele era pequeno, eu sentia isso, ficava preocupada, às vezes, me perguntava se estaria fazendo o certo. Mas, felizmente, sempre ponderei, achando que o que estava fazendo, era importante para mim.

Parece-me mais que conveniente, neste ponto, voltar a Lyra Luft, em o Rio do Meio:

Uma sociedade narcisista cobra preços extraordinários a quem não conseguir escapar dos seus chavões: é preciso ser boa profissional e também uma linda mulher, batalhadora sem ser agressiva; discreta, até impessoal, mas também, elegante, companheira, porém intrometida jamais, brilhante e se possível também um pouco burra [...] Como se compartimentará quem, além disso, ainda se permite dedicar-se à sua

¹⁷ Id. Ibid, p.p.63-64.

arte – seja ela qual for? Como entrelaçar cotidiano e imaginário? Salva-se quem consegue viver da melhor maneira a sua criatividade, e ainda a dividir com os outros. Então esse grão se multiplica, e emite uma luz que resiste e transborda.¹⁸

É o que venho acompanhando no fluxo destes movimentos, luzes que resistem e transbordam ao focalizarem os padrões, as normas sociais e os valores que os regulam, ultrapassando muitos limites. Ressalta-se claramente das lembranças, que um modo de fazer isto é dar ensejo à idéia de que esses padrões e normas, são socialmente construídos. Se assim o são, podem, então, serem modificados.

Neste sentido, entra-se em sintonia com o que ressalta Verena Stolcke, quando ressalta que: as diferenças constituídas nas relações de gênero, entre grupos étnicos e entre as classes sociais são naturalizadas e interpretadas, de tal modo que justifiquem as discriminações e as exclusões sociais.

É por essa via, que os movimentos das mulheres, nesses anos, tem um caráter especial: são movimentos intencionais e ordenados para desconstruírem modelos e padronizações idealizados, nos quais se enraízam muitas das exclusões sociais. Ao assim fazerem, estas mulheres assumem, também, o pesado ônus e os muitos encargos que dessas alterações lhes advêm.

MOVIMENTOS FINAIS

La mémoire ne cherche à sauver le passé que pour servir au présent et à l'avenir. Faisons en sorte que la mémoire collective serve à la libération et non à l'asservissement des hommes.

GOFF, Jacques Le, in: TODOROV, T. Les Abus De La Mémoire. Paris: Arléa, 1995.

Construções e Desconstruções são movimentos que, em lembranças narradas, compõem as histórias que vem se desenvolvendo desde o início deste trabalho. A tela imaginária em que projetei os desenhos que comporíamos, está quase terminada, não porque estas histórias estejam acabadas aqui, pois há muitos de seus trechos que, ainda, poderiam ser narrados por muitos mais dias e noites, tal como o fazia a princesa Sherazade, no intuito de salvar a sua própria vida, ou como o fazia Penélope, com seus bordados, adiando compromissos com seus pretendentes, à espera da volta de Ulisses.

Nessa tarefa, ambas pretendiam *burlar o tempo*, que assim se escoava sem a marcação atenta daqueles que o vigiavam, esperando uma finalização ou um resultado prescrito.

Do mesmo modo, neste trabalho, as histórias vieram sendo narradas deixando entrever que podem ser direcionadas a outros percursos, ou serem modeladas de outras formas. O que aqui se compôs, é parte de um tempo, do qual se recorta o desenho de uma conjuntura sócio-política, na qual a presença das mulheres se destaca no cenário público, onde tinham pouca visibilidade, eram consideradas desqualificadas, ou em poucas ocasiões, eram as exceções à regra.

¹⁸ Id. Ibid, p.p.56.

¹⁹ LUFT, Lya. O RIO DO MEIO, São Paulo: Mandarin, 1996, p.p.66 e 67.

A *regra*, definia que os homens eram os atores privilegiados para o cenário social. As mulheres, deveriam ser *as figurantes, as auxiliares*, pois seu território de ação deveria ser *o lar*, onde o cuidar do marido e dos filhos, a fazia gloriosa e *rainha*. Assim, em dois mundos bem distintos, caberiam também, atuações bem distintas, embasadas em relações de poder desiguais, consagradas pela hierarquia de comando e subordinação.

O que as mulheres, que se constituíram como narradoras deste trabalho, vieram revelando, através de suas lembranças, é que essas distinções tinham funções políticas. Apoiavam e reforçavam as desigualdades de poder, constantes das relações de gênero, das relações de classe e, das relações inter-étnicas. Na instância do desejo pessoal, as narradoras registraram suas insatisfações com as restrições que lhes eram impostas, mediante tais distinções.

Registraram, também, em suas narrativas, o quanto expressavam suas inquietações, pela via do engajamento em partidos políticos, organizações e associações reivindicativas, num momento em que as contradições econômicas e políticas do país se acirravam redundando no panorama da ditadura militar, implantada a partir de 1964. Suas lembranças nestes recortes, foram tingidas com cores sombrias ao rememorem as experiências de perda e de dor, vivenciadas com parentes, amigos e pessoas próximas...

Esse percurso, através de suas lembranças, mostrou que ainda nas bordas dos anos 60, sua participação política era firme e ativa, nos espaços definidos naquele contexto, os partidos políticos, as organizações estudantis, as associações de moradores de bairros, da Igreja, etc.

As narradoras que, nesse momento, residiam em São Paulo, Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, atuaram de forma marcante em partidos políticos e organizações clandestinas, em oposição ao governo militar e a seu regime ditatorial e repressor à todo tipo de ação política organizada pela sociedade civil. "*As mulheres estavam por toda parte, mas éramos anônimas...*", este foi o registro de uma das narradoras. Nos grupos de ação, nas entidades estudantis, a liderança deveria ser dos homens, como elas bem ressaltaram.

Algumas vezes, lhes davam funções muito importantes, segundo algumas das narradoras, tal como redigir textos importantes do partido. Uma delas, ressaltou: *a imprensa não era o cérebro do partido?* Do lugar de onde estava, então,

reconhecia a importância de suas funções, embora estas não fossem realçadas publicamente.

A partir de 1964, como destacou uma outra narradora, *levamos muita bordada, pois foram fechados os caminhos para as reformas democráticas, sendo as mulheres as mais prejudicadas*. A participação política, a partir de então, tinha de ser dissimulada, ou oculta, forçando algumas destas narradoras, a partirem em exílio, para um outro país distante.

Nestas passagens de suas memórias, muitas narradoras, tingiram com lágrimas, as lembranças tristes daqueles anos, em que foram vitimadas por terem força e voz ativa para a contestação. Em outros momentos, entretanto, os risos vieram junto às lembranças, para reconhecerem que, muito dessa experiência lhes enriqueceu como ser humano. Foi essa a expressão de uma das narradoras: "*sem essa experiência, eu jamais seria quem sou hoje..*" (*falando a respeito de ter ficado presa, junto a outras mulheres*).

Essas experiências que foram realçadas nas lembranças destas narradoras são, também, reveladoras da força de geração e difusão com que tem se desencadeado muitos dos movimentos políticos organizados, na região centro-sul. Na conjuntura do final dos anos 60 e dos anos 70, as vivências de constrangimentos físicos e emocionais, e de encaminhamento para exílio, atingiram, então, parcela significativa das narradoras de São Paulo.

Com algumas marcações diferenciadas, pelo desenho de uma outra tessitura social, as narradoras que, naquele momento, residiam em São Luís, destacaram de suas lembranças, que estiveram vinculadas de forma mais branda, aos partidos de esquerda, tendo atuado, predominantemente, em organizações estudantis, associações e grupos de arte e cultura popular, e grupos das alas progressistas da igreja. A orientação fundamental dessa sua participação política, derivava, do mesmo modo, do combate às desigualdades e injustiças sociais, não tendo sido poupadas críticas e manifestações expressivas contra os limites repressores, que vigoravam em todo país. Segundo uma das narradoras: "*não se podia mandar uma carta de uma universidade para outra, que não passasse pelo crivo da censura...*"

Numa outra etapa, são os movimentos empreendidos por homens e mulheres que, ainda nos interstícios dos espaços fechados, pressionam fazendo cederem as forças autoritárias, ampliando-se aos poucos, os nichos de luta pela democracia social. Assim, ao final dos anos 70, as narradoras voltaram a ocupar o

cenário público, para outras reivindicações, em causa própria, sendo a tônica mais acentuada nestas, a de que não poderia existir *democracia e justiça social*, sem a *igualdade* de direitos e de oportunidades para as mulheres.

Na rememoração das narradoras, este foi um momento crucial, de muita agitação e ansiedade, que expressavam em Congressos e Seminários de Mulheres, com lutas e resistência, por parte de grande contingente de pessoas e, mesmo dos agentes políticos com quem conviviam. Essa resistência foi bastante manifesta na oposição, que se dizia haver, entre a *Luta Geral* e as *Lutas Específicas*, o que, hoje, é possível entender-se como uma discussão que se apoiava num pensamento que reduzia a complexidade social, a fenômenos e situações alocados em oposições binárias, e em extremas simplificações.

A luta pela *igualdade* com os homens trouxe-lhes o conhecimento de que, esse princípio, também deveria ser aplicado entre si próprias, no conjunto das mulheres, já que haviam mulheres em condições sociais *diferentes* daquelas que se enunciaram como porta-vozes dos interesses e questões relativas *à condição feminina*, as mulheres de cor branca, das classes economicamente privilegiadas. As vozes das mulheres de pele negra, se insurgiram contra a unicidade artificial do termo *mulher*, indiciando ser esta não abrangente em relação às suas especificidades e condições de vida. Algumas destas, em suas narrativas, destacaram ser a condição das mulheres negras, desvalorizada em muitos aspectos, ante a condição das mulheres brancas, na sociedade. As *diferenças*, enveredam, em suas avaliações, pela via da atribuição de inferioridade racial e da maior escassez de recursos e oportunidades.

Juntas, mulheres brancas e negras, focalizavam as conquistas necessárias para a melhoria das condições sociais do *sujeito-mulher*, e da *condição feminina*. Esta deveria ser alterada no conteúdo e na forma, para serem constituídas outras relações de gênero. Entretanto, as mulheres negras, chamavam a atenção para o espessamento de outras questões, que se articulavam em nós históricos que amarram, ainda hoje, a maioria delas, à situação de pobreza e inferioridade.

Desse modo, no seio dos grupos de mulheres, *as diferenças* tomavam consistência, na mesma medida em que os discursos da *igualdade* avançavam. Por vezes, *as diferenças* e as *contradições*, geravam conflitos que precisavam ser habilmente administrados.

Na interpretação de uma das narradoras: "*éramos iguais, mas não tanto assim...*". Para uma outra, como em qualquer outro campo da convivência humana, nestes grupos, ante *as diferenças* se constituíam relações de amor e ódio, de comparações, de ciúmes, ou de inveja, veias da subjetividade humana, nem sempre contempladas nos princípios orientadores da ação, ou nos trabalhos científicos. A tônica deste trabalho, entretanto, vem acentuando que é preciso que façamos integrar o Sujeito que age pelas transformações sociais. E, o que estas narradoras destacaram, aqui, é que suas vidas foram radicalmente alteradas com as mudanças sociais que tiveram encaminhamento, a partir dos anos 70 e 80.

O contexto social, em que viveram essa experiência, era favorável à exigência e à urgência de mobilizações e pressões por resultados que fossem breves, ou definitivos. Essas pressões, na maioria das vezes, eram orquestradas pelas próprias mulheres, em processo de transformação. Uma das narradoras se fez o questionamento: como sermos novas mulheres, deixando tudo o que ficou para trás... como se agora fosse só olhar para a frente?

Assim, no momento em que juntas trabalhamos a revisão do *ido* e do *feito*, pôde fazê-las afirmar que: *hoje seriam mais leves, ou mais estratégicas* com seus parceiros. Reconhecem terem se atribuído *a missão* da mudança, levada a efeito, muitas vezes, com autoritarismo, em relação aos *outros* e a si próprias.

Essa caminhada, era, então carregada de ambivalência, na qual ora, era enfatizado *o direito à igualdade* e ora, *o direito à diferença*. Nela se juntavam e se separavam as mulheres nos anos 70 e 80.

Ao se juntarem, entendiam que *a condição feminina* se havia estabelecido, mediante a construção de processos, que se iniciaram no seio das revoluções do século XVII e XVIII, na Europa, com os quais o *ser-feminino* era dotado de atributos e qualidades diferenciadas daquelas com que era referenciado o *ser-masculino*, consagrando aos homens a dominância na esfera pública, e, também na esfera do privado, como chefe de família.

Com essa focalização, as mulheres tornavam visível que aquilo que é socialmente construído, pode ser desconstruído, tornando-se este um dos eixos de suas práticas de luta.

As lembranças das narradoras vieram destacando, neste sentido, as formas de relação dos casamentos de seus pais, os seus papéis na família, a divisão hierárquica que sustentava as

diferentes atribuições que cabiam aos meninos e às meninas, no contexto de sua infância e adolescência.

Algumas distinções no conjunto de mulheres, foram ressaltadas por algumas mulheres negras, que registraram terem como eixos de referência, para modelagem de suas subjetividades, mulheres que se constituíam como *chefes de família*, que tinham vozes firmes, opiniões livres e, na maioria das vezes, contestatórias daquele modelo de feminilidade, ao qual se ajustavam mais freqüentemente a maioria das mulheres brancas, das classes médias.

Para entender onde se fixava esse modelo de feminilidade, que se erigia como um modo dominante de *ser-mulher*, busquei reforços nos conceitos e fundamentos dos processos socializadores, nos quais tomam consistência algumas das referências básicas para a vida dos sujeitos na sociedade. Este caminho aparece como uma das vias por onde se constituem o *ser-homem* e o *ser-mulher*.

Parte das interpretações destas narradoras, pôde ser colada a esses fundamentos, com os quais, também, é possível entender-se como essas referências, após terem sido internalizadas, tornam-se resistentes a erradicação e alterações, sendo na maioria das vezes, deslocadas para o inconsciente, quando confrontadas com outras orientações que passam a ser absorvidas no decorrer da vida. As lembranças das narradoras, são férteis em demonstrarem isso.

Olhando para a frente, e, não mais desejando reproduzirem as formas de relação do casamento de seus pais, estas mulheres batalharam arduamente, pela transformação de seus papéis sociais, junto aos maridos, parceiros e filhos. Intencionavam, claramente, a desconstrução do modelo de feminilidade, em vigor, em seu conceito, suas representações, suas imagens e, em suas práticas.

Nesse trabalho, pela desconstrução, em seus grupos, as mulheres negras, por exemplo, desenharam outros rostos e expressões, com batons negros, cabelos entrançados e roupas exuberantes. Modelando outras formas estéticas, ou desenvolvendo práticas de luta, com enfoque principal na valorização da mulher negra, e na análise de sua real condição na sociedade em que vivemos, estas narradoras colocavam em visibilidade, também, os nós em que estão articuladas, ainda hoje, as discriminações permeadas pelas diferenças de tonalidade de pele, de gênero e de classe social.

As lembranças das narradoras, ressaltaram nitidamente, que de um modo geral, nos grupos de mulheres, trabalhava-se muito com a mudança de enfoque em relação ao corpo. Assim, corpo, sexualidade e o controle desta, constituíam-se temas instrumentos para desconstituírem a imagem das mulheres como sendo, exclusivamente reprodutoras assexuadas, cujo desejo só teria sua realização concreta, no espaço da família e no cuidado dos filhos.

A imagem quebrada de um espelho, no qual as mulheres desta geração, haviam se mirado durante muitos anos, retratava, de certa forma, o processo de desmantelamento interior, a que estavam sujeitas, por essas transições. Aberto o caminho para o seu desejo, a culpa se imiscuía pelas suas fendas, principalmente, por serem abaladas aquelas configurações de suas subjetividades, que haviam sido construídas em um tempo anterior. Desse modo, cada uma, pôde aprender, *a dor e a delícia de ser o que se é*.

É importante, mais uma vez ressaltar, que o destaque feito, pelas narradoras, quanto a estas transições, remete a uma experiência que envolveu um grande contingente de mulheres, para além das que exerciam militância ativa, alterando, irreversivelmente muitas das práticas das relações de gênero.

As lutas e as alterações que se seguiram, foram, desse modo, comuns às mulheres que residiam em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, em São Luís, tornando esta uma experiência vivenciada, de forma muito semelhante, para um grande contingente de mulheres.

Algumas diferenciações, entretanto, despontam nas narrativas, de modo a serem marcantes, quanto a posicionamentos e práticas das mulheres, nas distintas regiões do país. Uma das que pude perceber, diz respeito ao modo de expressão e a alguns temas destacados pelas narradoras.

Não foram feitas referências à Festa, como algo que era comum, nos grupos de mulheres, pelas narradoras de São Paulo, enquanto que as narradoras de São Luís, as destacavam constantemente. Chamou-me atenção porque, para além do encontro de lazer, e da pura diversão, essas festas assumiam outros significados, de caráter político: davam maior visibilidade aos atores e às atrizes, em novos modos de expressão, favoreciam novas parcerias, anunciavam maior liberdade de movimentos, etc.

A esta observação, acrescento uma outra, com respeito à própria postura das narradoras com as quais trabalhei em São Paulo. Estas, pareceram-me mais formais que as narradoras de São Luís. É necessário dizer, porém, que àquelas festas, estive presente, o que pode ter facilitado essas referências, ressaltadas pelas lembranças das narradoras, de São Luís.

No geral, entretanto, as lutas, em seus eixos pró-mudanças, uniram estas narradoras, que à distância, não só trocaram informações, como estiveram juntas em Encontros, Seminários, muitas vezes nas mesmas mesas de debates, em que a tônica era a da mudança da *condição da mulher na sociedade*.

"A *condição da mulher mudou muito, mas ainda há muito por se fazer*", é o que foi afirmado pela grande maioria destas narradoras, já na trilha das lembranças e avaliações, que abriram caminho para o final do nosso trabalho. Assim, o passado ainda recente, visto com as significações do presente, puderam projetar o futuro a ser constituído nas relações de gênero.

Na dimensão da coletividade de mulheres, as narradoras reconheceram que ainda continuamos muito pobres, e com grande número de mulheres analfabetas, ou com pouca escolaridade, principalmente no conjunto das mulheres negras, que contam com menos oportunidades e chances de se aventurarem pelo mundo da construção. Esta foi uma constatação que, saída da experiência e ordenada pelas lembranças, clama por soluções.

Os confrontos e as reivindicações devem continuar em todos os espaços possíveis, na educação formal e informal, nos partidos políticos, nas organizações não-governamentais, nos sindicatos. Entre valores e princípios a serem resgatados, *a fraternidade e a solidariedade*, vieram sendo destacados como ingredientes básicos da convivência humana.

Essa convivência humana, sem discriminações de classe, da cor da pele, ou da categoria sexual, foi acentuada como fundamental para a qualidade das relações humanas, em geral, e está junto à luta pelos interesses específicos de cada grupo. Numa reflexão adequada, não se pode priorizar, ou *a Luta Geral*, ou *a Luta Específica*. Em seus conteúdos, há elementos que são articulados, que ora se separam, mas que em outros momentos, terão de serem vistos em conjunto. Terá de haver a conjunção e a disjunção, às vezes no mesmo movimento.

O grupo de mulheres não é, hoje, a instância privilegiada, onde estas narradoras viabilizam sua ação política. A partir do final dos anos 80, esses grupos já estavam se desarticulando em

outras vias, preferencialmente os partidos políticos, os Conselhos Estaduais, as ONGs, etc. Porém, em suas veias, pude sentir ainda, o ímpeto da ação pelas transformações da sua condição social.

Desse modo, a maioria destas narradoras, mantém vínculos de trabalho, na área dos interesses específicos das mulheres brancas e das mulheres negras, em educação, em saúde, na produção acadêmica e literária, ou em centros de pesquisa. Essas questões, ainda hoje, constituem eixos de referência para os seus trabalhos e suas ações políticas. Do conjunto das narradoras, apenas uma delas, está trabalhando com atendimento institucional a adolescentes, em geral, sendo este um trabalho que se estende à família, o que de certa forma, a leva a ter contato constante com as mães destes.

Esta mesma narradora, registra que, em suas novas buscas, está encontrando um caminho de equilíbrio e de paz, com sua atual inserção à religião adventista. Também uma outra narradora, veio acrescentar que, em seu trabalho, no Sindicato, está sempre preocupada de inserir a questão da mulher, embora hoje seja bastante moderada quanto à forma dessa inserção. Disse-me ter adotado a religião budista, como forma de melhorar, ainda mais o seu *eu* e aproximar-se de valores mais amplos, desejando uma *humanidade* mais feliz.

Essa questão, *dos interesses gerais da humanidade*, ou *dos interesses específicos das minorias discriminadas*, retorna constantemente, com a idéia de que se terá de priorizar uma ou outra. A narradora, a que me referi, vive uma outra etapa de sua existência, onde *o outro*, de um modo geral, é integrado como componente da *humanidade*, e ela tenta com essa perspectiva, a reorganização de sua família, do seu casamento e, também a reaproximação com a sua família de origem.

Sabe esta narradora, tanto quanto as outras, que mudaram os eixos e referências em que se apóiam suas subjetividades. É novo, para ela que hoje possa aproximar-se dos familiares que ficaram *para trás*, de uma forma mais tranqüila, sem rejeitar aquela *mulher* que aprendeu a ser. É essa reintegração do passado, no caminho para o futuro, que alimenta o bem-estar pessoal de todas nós.

Nesse movimento, estas mulheres, são *outros sujeitos*, que ao desdobrarem a pele de suas interioridades, descobrem, para além dos antigos modos de subjetividades, a que estavam vinculadas, outras configurações que se formaram, no percurso de toda a sua existência, e em consequência de suas lutas políticas.

É, nesse mesmo movimento, que a *memória* constitui-se guardiã dos bens acumulados, que servirão à orientação do futuro, resguardando aquilo que o seu desejo selecione como significativo para suas existências.

Voltando-se mais uma vez, para o cenário social, onde se dão as práticas das relações de gênero, as narradoras destacaram que parte desse cenário, tem muitos espaços vazios, que poderiam estar sendo ocupados, por outras mulheres, que, assim, estariam em cargos e postos relevantes, de modo a darem continuidade às tarefas já iniciadas.

De acordo com a avaliação das narradoras, também, um dos espaços a ser insistentemente trabalhado, é o das práticas cotidianas, entre as mulheres e os homens, de um modo geral. Aqui, as narradoras ressaltaram, existirem os maiores entraves à uma mudança mais efetiva, especialmente no plano das relações entre parceiros, no casamento. É, na vivência cotidiana, que a reprodução dos velhos hábitos, gostos e modos de viver, ameaçam as conquistas obtidas, pela sugestão sutil e rasteira que a repetição impõe, para que se mantenham as coisas, sem renovações. Neste espaço, então, *ainda há muito a se fazer*.

Certo trecho da obra literária de Ana Maria Machado, *Canteiros de Saturno*, reproduz a imagem de uma roda de mulheres em que elas vão passando, umas às outras, um bastão. O bastão *do seu fazer*, no percurso de seu tempo histórico. A roda, é o circuito das gerações distintas. Então, cada mulher, passa à uma outra da geração seguinte, o seu bastão, para que esta continue as tarefas que não conseguiu terminar. Assim, a história continuará se processando.

Algumas narradoras, assinalaram que já deixaram muitas portas abertas, às mulheres das novas gerações, de tal modo que o mundo das relações entre os homens e as mulheres, tal como é hoje, lhes parece "natural", e muitas das repressões que nos afligiram, parecem-lhes lendas de folclore.

Penso que, para que estas novas mulheres segurem o bastão, que já esteve com as suas antecessoras, é necessário que conheçam estas histórias, e ainda outras que tem sido realizadas, por muitas outras mulheres que nos antecederam.

É necessário lembrar, também, que o movimento da história é contínuo, em suas descontinuidades, e que vai se fazendo com a escrita e a ação de todas nós, mulheres negras, brancas, pobres, ou ricas, costurando as diversidades que especificam as nossas diferenças, buscando apóia-las em uma tessitura na qual, a

igualdade de condições e oportunidades seja comum, em nossas relações sociais.

Neste ponto, dou partida à finalização da composição que vim fazendo junto às narradoras. Como registrei antes, esta é apenas parte da história contada por mulheres que foram atrizes no cenário social das mudanças que se iniciaram nos anos 70 e 80. Suas lembranças, avaliações e recomendações prosseguem férteis. Já tendo se constituído sementes, agora podem ser espalhadas como adubo rico para nossas reflexões e ações. Por isso, deixo com elas, o traçado dos movimentos finais que fecham esse nosso trabalho:

Narradora "A":

Na avaliação que estou fazendo agora, começo pelo fato de assinalar que a mulher está vivendo hoje um grande paradoxo, neste final de século, que é, de um lado, a ascensão dela na arena mundial, na arena política do país, conquistando espaços que antes, eram só dos homens. Enfim, são muitas as conquistas, nestas três últimas décadas. Apesar disso, por outro lado, a mulher está ameaçada de perdê-las, de sofrer golpes, até mesmo na sua própria segurança... Há poucos anos de entrarmos no terceiro milênio, a mulher ainda compõe um grande contingente de analfabetos, neste país... as mulheres de mais de 50 anos, as mulheres de periferias, das zonas rurais, estas, em sua grande maioria, são analfabetas, ou têm pouca escolaridade. Em relação à saúde, as mulheres continuam tendo filhos na rua sem orientação e assistência médica adequada... Por essas razões, me preocupo! Na televisão sua imagem ainda é deformada... então, é um paradoxo, é muito estranho.. Vejo, por um outro lado, que os homens se sentindo impossibilitados de impedirem o avanço da mulher no mercado de trabalho, na educação, investem na agressão física... nunca vi tanta agressão física à mulher, como vejo hoje... espancamentos, estupros, torturas, é o macho agredindo a mulher, que é mais fraca fisicamente... há algo de débil nessas lutas, ou a situação não seria essa... precisamos atacar mais na educação de homens e mulheres, nas escolas, talvez... E, apesar disso, temos avançado muito... Continuo dizendo que as mulheres sempre estiveram integradas às lutas deste país desde a época colonial, às lutas públicas, econômicas, políticas, culturais...

Narradora "B":

... as mulheres têm tido poucas oportunidades, na sociedade... os discursos feministas não atuam feito varinha de condão, nem mesmo para as próprias... a grande oportunidade tem que se dar no campo econômico, para poderem ter seu próprio dinheiro, até para gastar com bobagens... terem convívio social, grande parte delas ainda está só no espaço doméstico, não está nas ruas, no espaço público. Quando viajo, a trabalho, observo que 99% dos que estão nos ônibus, são homens. Quando tem mulheres, pode perguntar, que te dizem que estão a serviço do filho, ou do parceiro, nunca é por ela mesma... A maioria, ainda, tem muito pouco traquejo do social... Eu e você, somos duas privilegiadas, você está numa universidade, eu numa militância... vá pegar a mulherada que está lá embaixo... ainda estão numa situação que não conceberíamos estarem há trinta anos atrás... Num outro dia, no meu trabalho com grupo de violência, uma mulher negra, fortuna, falava que era de uma família de mulheres fortes, e me disse: eu vivi com este homem, eu apanhei dele... ele, começou a tirar dinheiro dela, e disse que se a família dela soubesse disso, bateria nela... ia desmoralizar a família. As políticas públicas, o Estado, os direitos são solapados... é terrível. A educação formal não

contribui, não se discute as questões de gênero. Temos de trabalhar com educação alternativa, de base popular... Veja só, a minha filha está vivendo uma situação bem mais difícil que a do meu tempo, e eu era clandestina e, tinha um emprego fixo. Os homens estão desempregados, mas as mulheres também, e ficam muito inseguras... No campo amoroso... as relações, hoje estão muito complicadas. Os homens e as mulheres estão desconfiados, todos com razão, e o mais certo são os desencontros entre eles. No meu tempo, havia quadradismo, mas era tudo mais definido, mais comprometido...

Narradora "C":

Os homens não vão dar espaço para nós. Temos que ocupá-los e, nós que estamos em posições de poder, temos esse papel de colocar-nos como mulher... Acho que ninguém mais que nós, pode falar de nossos problemas... somos nós que sabemos o que é ter um filho e não ter com quem deixá-lo para ir trabalhar, deixá-lo em casa doente, sair para o trabalho, chegar atrasada, levar falta e, não contar com uma convenção coletiva que garanta que ela pode levar o filho ao médico, sem o risco de perder o emprego... Se estou numa diretoria de sindicato, tenho que entender qual é o meu papel como mulher... A vida vai mostrando que o que você está fazendo, não é só por você... se você chegou a tal posto, outras mulheres se espelham em você... Veja essa questão das cotas dos partidos para as mulheres... acho importante. Quando é que nós conquistamos o direito de voto? Em 1934. Então, 64, ou 65 anos depois, nós temos 6% de mulheres no Congresso Nacional. Nós somos 52% do eleitorado... quer dizer, não somos representadas, tem que ser pelo menos, proporcional... essa conta está errada. São muitas coisas que impedem, criam barreiras às oportunidades, o papel familiar, muitas discriminações, não estamos preparadas para manejar o Poder. Não temos informação e, se você não souber manejar isso, fica de fora. As mulheres não têm acesso às informações, não sabem como funcionam os Partidos Políticos, como são manejados os recursos... elas não têm recursos. A luta pela igualdade de oportunidades, tem de continuar, é uma prioridade. Temos de discutir, ainda, porque as mulheres ganham menos, porque ainda se tem tantas mortes maternas, porque não há mais proteção à saúde das mulheres, porque problemas de saúde, que nem existem mais em outros países, aqui são relevantes...

Estou feliz com as conquistas trabalhadas, que venho fazendo, aqui no Sindicato. E, aqui, ainda se tem muitas armadilhas para jogar as mulheres, umas contra as outras, e é importante perceber que nós estamos competindo com eles, não umas contra as outras... Hoje, são 14 mulheres na Diretoria Executiva. Quando eles argumentavam que não tínhamos gente preparada, nós fizemos uma lista, conseguimos a vice-presidência. Foi feito à base de muitas estratégias e negociações. Acima de tudo, da união de mulheres...

Narradora "K":

... contribuimos muito para abrir essa reflexão da mulher na cidade... foi a partir de nossa atuação, que a questão foi levada a partidos, sindicatos, universidade... Pessoalmente adquiri uma consciência política mais ampla das questões de gênero, de como essas questões são delineadas socialmente. Avançamos bastante nessas discussões... Eu percebo mudanças, mesmo na prática, no dia a dia, com pessoas que a gente convive, há uma postura diferente da mulher... mesmo que não sejam grandes mudanças... Pessoalmente, cresci muito com o Grupo, tive projeção política, fiquei bastante conhecida... e, mesmo com dificuldades, conquistamos respeito... por outro lado, estou mais amadurecida e, trabalhando a questão da Mulher em trabalho acadêmico, quero ampliar isso... me aprofundar mais... Aqui, no Maranhão, como somos poucas, mexemos com um pouco de tudo, com a questão da violência, a questão da saúde, a questão política... daí, o tempo é muito escasso para darmos conta de tudo, e acaba sobrando pouco tempo para os estudos, as

reflexões... mas, vou continuar... Às vezes, é sacrificado. Sozinha, com filhos ainda pequenos, tenho que renunciar a algumas coisas para lhes dar algum conforto... mas, é assim, todas as dificuldades que passo, falo sempre aos filhos, para que eles valorizem, cada coisa que conquistamos...

Narradora "H":

Centramos muitos esforços na questão da identidade da mulher negra, em campanhas contra a esterilização das mulheres, sempre trabalhando educativamente... continuam os trabalhos com a questão da Aids, da sexualidade, junto com o corte racial, e, hoje, estamos focalizando a questão da anemia falciforme, porque um levantamento estatístico nessas questões da saúde, mostrou que aqui, em São Luís, há altos índices dessa doença que ataca mais a população negra... Na minha vida pessoal, as mudanças têm sido muitas... com os homens tem sido complicado, porque com essa visão, passa-se a olhar o mundo com outro olhar... assim: eu posso tudo, eu tenho que contar comigo, as minhas ações são minhas, eu posso pagar minhas próprias contas... era uma independência tão grande, que o romantismo dançou... no início da conscientização é como se eu pensasse assim: eu não preciso dele para nada... Nesse processo, houve cenas horróricas, que depois me tocaram. Por exemplo, o caso de eu ter sido convidada para ir ao cinema, chegar atrasada, e de ir direto para a bilheteria, comprar o meu ingresso, e a pessoa dizer: não, eu já tinha comprado, fui eu quem convidou, ou então, num restaurante, a pessoa ir esboçando aquela gentileza de puxar a cadeira, e eu já a estava me sentando, sem notar o gesto... (rimos bastante)... é que de tanto trabalhar pela não dependência, mete-se a cara e vai... Passei a brigar por tudo, em todo lugar. É claro que a sensação de segurança aumenta, a confiança em si mesma, mas, cria-se problemas por outro lado, não é o tipo de mulher que os homens gostam, as muito independentes, as feministas, preferem até se afastarem. Eu tive muitas dificuldades nas relações afetivas... às vezes, era alguém que já conhecia meu modo de vida, meu itinerário político, alguém de dentro do movimento, outras vezes, se era alguém que não tinha nada a ver com tudo isso, então, era um desastre. Se, falava coisas que me chocavam, eu ficava muito irritada. Com o passar do tempo, eu vim abandonando alguns dos antigos valores, e, até mesmo trabalhando esses mesmos valores, de uma outra forma. Não preciso afastar aquela outra pessoa, sabe? Há que se respeitar os limites de cada um, eu não tenho que me violentar, tenho essa consciência, mas, não posso obrigar que todo mundo pense que nem eu... mudou muita coisa, e eu passei a ter uma relação boa comigo mesma, de paixão, de modo que para estar junto de mim tem que ser alguém legal, que não esteja pensando, ou agindo, como se eu tivesse que estar num segundo plano. Hoje, o meu namorado é uma pessoa muito leve, mas, para ser "leve", você também tem que abrir mão de algumas coisas...

Narradora "J":

...os meus amigos do Partidão, do movimento de mulheres, por onde circulo, todos eu considero amigos de uma luta pela igualdade de direitos, pela justiça. No início das lutas, eu pensava: os homens são livres, as mulheres não. Hoje, eu estou mais suave. Vejo, também, que os homens não eram livres. Todo o código patriarcal, toda a sua proposta, pesou também sobre os homens... naquela época, eu achava que só as mulheres eram presas... Estou com o mesmo marido há 25 anos. Tivemos muitas crises... lutamos muito para manter essa relação... participei de grupos de auto-ajuda. Vi que todas as mulheres que iam lá, tinham o mesmo questionamento: como viver a relação sem se tornar a metade. Quando eu comecei a trabalhar mesmo... quem é este homem que eu não quero ser? Quem é esta mulher, que eu também não quero ser?... então, tudo vinha desabando... eu tive que me rever, me afastar para me encontrar, fazer terapia... Também procurei a religião, o budismo, até mesmo para descobrir o sentido da vida... isto ultrapassa a questão de gênero, de classe... Cuidar desta instância pessoal, era uma coisa que eu nunca tinha feito... imagina, se o militante podia pensar nisso!... Os meus filhos

cresceram nos anos noventa, para eles, é quase natural que as mulheres estejam nas universidades, no trabalho... o movimento da discriminação, para eles é mais claro, mas não menos dolorido... a nível da vivência cotidiana ainda existem muitos conflitos... Acho que os conflitos são mais claros, hoje, mas a mulher continua sobrecarregada de tarefas... estamos ainda convivendo com as questões da pobreza, que afeta mais as mulheres, e vejo, hoje, o movimento feminista sem lideranças... Aqui, no Sindicato, sempre faço inserir questões de gênero, não de uma forma direta, no discurso, mas vou deixando passar nos Projetos que trabalhamos aqui... vou inserindo sem que haja grandes quebra-paus, (risos)... Hoje, a minha posição é moderada...

Narradora "U":

Lembro que, naquelas passeatas dos anos 80, os gritos eram para se inverter os papéis, radicalmente "mulheres na sala, homens na cozinha"... (a lembrança disso provoca muitos risos) Parecia que a luta era pela eliminação de uma parte dos sujeitos da história... que história desejávamos escrever? Lembro sempre de um exemplo de mulher, para mim, Maria Aragão. Uma comunista convicta, séria que depois aderiu ao trabalho com grupos de mulheres... Além de tudo, dava exemplos do que era fraternidade e solidariedade em suas ações. No movimento sindical, é difícil, não há fraternidade, as lutas são muito solitárias e pouco fraternas. Penso que isto precisamos cultivar mais entre mulheres e homens, nas organizações de trabalho. Em casa, mamãe nos ensinava que tudo tinha que ser dividido, desde um bombom... A Igreja, também tinha influenciado nisso. Para mim foi um impacto muito grande, nas atividades de partido e de sindicato, conviver com a ausência desses valores. Já vivenciei isso em situações muito difíceis, e aí sim, vem muita solidão... Isso eu queria registrar...

Narradora "Q":

Hoje, vejo que demos passos importantes, mas que temos que ter cuidado na prática do dia a dia, com a educação das crianças. Eu mesma, me pego de vez em quando, fazendo coisas, que no discurso condeno... essas coisas de, menino "pode", menina "não pode". Aqui mesmo, veja, tanto os homens, quanto as mulheres trazem as crianças para tomar as vacinas, e ficam recomendando: homem não chora... é preciso ver que ainda fazemos essas diferenciações... isso tem que mudar. Claro que houveram muitos avanços... as mulheres, hoje ocupam cargos públicos, que antes jamais se imaginaria que fosse possível. Continuo engajada, trabalhando aqui, na comunidade de São Vicente. Participo do Fórum da Criança e do Adolescente e, represento o Partido dos Trabalhadores, num bairro aqui de São Paulo. Atuo em várias áreas, fazendo um pouco de tudo... Meu sonho, ainda é ver uma política de justiça social neste país, que tem tudo para não ter pessoas morrendo de fome. Temos que avançar mais e, para isso todos que querem fazer alguma coisa têm de participar, embora seja difícil. Para a mulher, é muito difícil... como somos muito responsáveis em tudo que fazemos, o mais comum é que não deixemos de assumir uma responsabilidade para pegar uma outra, mas sim acumulá-las... esse acúmulo é que às vezes cria muitos conflitos... Hoje, eu me questiono muito se devo continuar exercendo cargo eletivo, embora eu tenha consciência da necessidade de ocupar esses espaços. É muito difícil conciliar profissão, militância, família e, na política partidária você tem muitas propostas, metas a cumprir... Hoje, porém eu estou mais tranquila em relação ao marido, aos filhos... Antes, eu ficava me sentindo muito culpada, às vezes, de estar deixando a casa desarrumada, os filhos. Ainda me cobro muito, penso que é uma mania nossa, de querer dar conta de tudo (ri bastante) mas os receios que eu tinha antes, foram se apacando e, além do mais, cobro também deles que atuem nas tarefas da casa... e vou fazendo minhas coisas...

Narradora "X":

Hoje, estou voltando, aos poucos de um processo de revisão imenso... Penso que a militância nas questões de gênero, enquanto mulher negra, influencia bastante nas suas possibilidades amorosas. Acho que tem um impacto na tua consciência, em termos de escolhas que vais fazendo... de exigências que se vai incorporando... porque, na medida em que você vai se tornando mais consciente das desigualdades de gênero, da questão racial, essas questões se transformam em critérios de escolha, não é mesmo? Significa que, determinados comportamentos passam a ser inaceitáveis, ou inadequados para você. Por outro lado, a visibilidade que você vai adquirindo, passa a ser um fator de estancamento, de afastamento dos homens em relação a você, na medida em que você passa a ser reconhecida como feminista, ou uma feminista negra, isso reduz o teu espaço de escolhas possíveis... o mercado vai se estreitando (risos) e se transformando numa questão complicada. Com muitas outras companheiras, paro e fico pensando, estamos sós. Temos dificuldade de encontrar parceiros. Estou sozinha há mais de dois anos. Passei por muitas crises, na organização que havia criado, com a separação do meu último parceiro, e em seguida, a morte do meu pai. Precisei me afastar de tudo. Saí um pouco do Brasil, e, só agora estou voltando. Precisava rever este pessoal, íntimo. Estou, aos poucos, voltando a abrir espaços para novas oportunidades...

Narradora "M":

Avançamos muito, em alguns territórios.. em relação às denúncias, às ações públicas... veja só, no começo dos anos 80, éramos um grupo de mulheres que, além de puxar o movimento, tínhamos de tomar todas as iniciativas. Agora, nós não damos mais conta de ir para todos os lugares que nos chamam. Há uma disseminação da idéia da reflexão da mulher, enquanto um dos polos da relação de gênero, que é subordinado. Ao mesmo tempo, há um outro patamar de interlocução, ampliamos muito isso. Vamos a Ministérios, Secretarias, Assembléias, Câmaras. A difusão e a interlocução nessas áreas avançou. Agora, na efetivação das ações, aí eu acho que é bastante precário, ainda. Por exemplo, toda aquela mobilização que houve para criar-se a Delegacia da Mulher... Ela foi criada e, hoje está aí, entregue à própria sorte e, nós estamos sem poder para avançar nessa questão. Estamos com um documento pronto para discutir com a Governadora, pedir as melhorias necessárias às boas condições de atendimento das mulheres e, ainda não podemos fazer isso... nosso nome já é referência, o nosso grupo já se constituiu como referência para essas discussões. Precisamos de mais gente para assumir os espaços que já conquistamos e, não tem quem ocupe. Temos o Conselho Estadual de Saúde, que acompanhei a formação. Existe outra pessoa no Conselho, e eu fui para o Conselho de Mortalidade Materna. Uma outra pessoa nossa, foi para o Conselho Municipal de Saúde. No Conselho Estadual, tem um projeto feito por uma deputada, há mais de três anos. Precisamos de efetivá-lo, mas, quem são as mulheres que se sentem preparadas, ou à vontade para fazer isso? Tem o Conselho Municipal, que foi criado, mas ainda está no papel... Seria preciso que as mulheres organizadas, autônomas, ou não, se articulassem de alguma maneira, para ocuparem esses lugares, e se ir avançando. Então, por um lado, se tem avanços, e de outro, uma dispersão das mulheres, que não preenchem os espaços conquistados. É como se você tivesse descortinado horizontes e, aí quem vai estar lá nesses horizontes? Somos poucas e, não podemos estar em todos os lugares... Hoje, na questão das transformações, eu junto classe, gênero e raça, como formas de relações que podem ser extremamente subordinadoras, e que acabam se articulando uma a outra, para se sustentarem e, no meu entendimento, acho que um dos grandes avanços do movimento de mulheres foi o de mostrar que nas relações de gênero, existe um poder de dominação sobre o feminino, não é mesmo?... Muitas coisas desse tipo, até já estão incorporadas, mas ainda me espanta

preconceitos que ainda sinto circulantes, até mesmo dentro de partidos políticos arejados, como é o caso do PT. Sei também, que tem coisas que desejamos que mudem, há o desejo... e, as coisas não mudam nos mesmos passos... Nas minhas relações amorosas, consegui transitar um pouco, depois de separada. Consegui sair da última relação sem brigas, sem ficar inimiga... isto, eu acho que é um salto de qualidade... lembro que saí de uma relação, pensando que foi bom, enquanto durou... compreendi que foi uma vivência e que foi boa. No começo de um namoro, a gente tem fantasias, de ficar na praça, tomar sorvete de mãos dadas, de encostar a cabeça no ombro do outro... Depois você aprende que também há um outro jeito, que pode ser maneiro, sem grandes conturbações, que ainda assim pode ser muito bom...

Ultimamente, ando meio desanimada, mas se tiver umas três ou quatro pessoas para ir junto, eu me acendo toda... Agora, acho que passei um pouco, a fase de heroísmo. Eu sempre digo assim, que eu passei a fase erótica do heroísmo. Se tiver com quem fazer as coisas, eu vou. Agora, sair com a bandeira na frente e, os outros correndo atrás, eu não vou mais... penso que é uma fase mais realista, mais crítica... Tenho ainda dois desejos... um, o de criar um Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero. Ainda vou investir nisso. O outro, seria a rearticulação do Grupo de Mulheres, tal como já o tivemos... Só do Projeto Mulher Rural, passaram nove acadêmicas do Serviço Social. E, quando me chamam hoje, eu agradeço e vou indicando essas pessoas novas. Penso que estudos, relatórios, a rearticulação do Grupo, tudo isso seria muito bom para todos nós...

Narradora "N":

Eu me sinto parte do sucesso que o movimento alcançou. Eu tenho uma filha e, para ela, para essa turma de jovens é tão natural, e até folclórico determinadas proibições que eram correntes para mim... já encontraram o mundo com um grau de igualdade superior ao que eu tive. No plano do subjetivo, é que a temática continua complicada. Houve avanços, mas estamos num país com muitos miseráveis, precária educação, pouco acesso ao trabalho. O machismo continua agredindo, matando... É evidente que existem hoje muitas mulheres em cargos públicos e atuando nas mais diversas profissões... mas, é no espaço cotidiano das relações que temos que mudar mais... essa coisa da mulher negociar a sexualidade com o marido, com o companheiro, a questão da confiança, da contaminação das mulheres pela Aids, o que revela a dificuldade de negociação pelas mulheres. Ainda há uma dimensão pré-histórica, mesmo para mulheres que têm melhores condições, informação... parece que têm uma trava, como se no plano emocional não tivesse tido nenhum avanço para os dois. Penso que o trato disso não é no plano da discussão política, seria uma coisa mais do viés psicológico, ou antropológico, de averiguar-se onde se fixa esse imobilismo nas relações, na ordem do cotidiano. A educação formal terá efeitos, só se orientar uma política anti-sexista, anti-racista, ou não classista. Tem a escola, mas tem, também, os meios de comunicação. É preciso desenvolver-se mecanismos de controle do que se dissemina nas TVs, para se poder dirigir uma política de igualdade. Agora acho fundamental que os homens já se sentem em crise. Isto está se agudizando... eu acho que é uma questão de tempo... eles vão ter que enfrentar essa crise, ter que encarar-la de frente, para darem sua contribuição para a criação de um outro tipo de sociedade, de cultura, outras práticas, para um outro mundo mais justo e mais fraterno. Espero que as crises em que eles estão metidos piorem muito (muitos risos) assim, vão encarar o seu erro civilizatório e a miséria de valores humanos que criaram. Não temos comunicação com eles, não é possível o diálogo. Não tenho nenhuma paciência mais com eles. Eu gosto muito de homens, mas está difícil falar com eles. O que cria o descompasso, é que quando a mulher deixa de precisar financeiramente do homem, tudo fica

complicado... para esse homem que assimilou que a sua função era a de ser "o provedor", e que, agora, não pode mais preencher isso... precisa ter outros fatores de atração, não é mesmo? Eles não se prepararam para ser outra coisa, agora é correr atrás do prejuízo...

Narradora "F":

Este movimento, para mim foi o mais importante deste século. As questões das desigualdades vieram à luz do dia, mostrou-se claramente como são construídas as relações de opressão do sexo. Impulsionou uma ruptura muito grande na mentalidade, ao colocar que o corpo da mulher, não era só um mero corpo reprodutor... Na área do conhecimento científico, provocou-se uma crise paradigmática, no conhecimento racionalista, dualista, positivista e, mesmo no marxismo ortodoxo, a partir de se dizer que a Linguagem reside na coisa... que o Sujeito se constitui no processo, ele não começa no Sujeito, ele acaba no Sujeito. Acho que o feminismo, foi fundamental para evidenciar isso. Na Academia, a contribuição, foi no sentido de colocar o discurso da Mulher, num lugar próprio, deu honorabilidade a essa temática, abriram-se núcleos de estudos, a sexualidade ficou mais visível... mudou essa fixidez na sexualidade hetero, de se ver o Sujeito como sendo branco, heterossexual e homem... isso tudo foi quebrado, foi rompido. Acho que na política, tanto sindical, quanto partidária, as mulheres que atuam nesses espaços tiveram sua atuação ampliada, puderam levantar a questão da política de cotas, e socialmente, até nos meios de comunicação se vê algumas mudanças, colocadas a partir do feminismo. Agora, acho que tem muito ainda por se fazer... A desigualdade é muito grande. Aumenta ainda mais no mercado de trabalho, com o desemprego, as coisas ficam mais acirradas, aí. As mulheres agora já estão desempregadas. Antes, elas nem eram computadas como população economicamente ativa. Penso que como todo movimento social, tem, também, limites e desafios. Acho que um deles é como enfrentar essa ONGUIZAÇÃO do feminismo, porque ela não se submete ao Estado, mas às agências das financiadoras. O outro, é de como se lidar com as políticas públicas de gênero... Gênero, passou a ser um conceito mágico que "soluciona" tudo e, nesse neo-liberalismo é como se fosse sinônimo de modernidade, quando não é... a realidade que as mulheres estão vivendo, não tem nada de moderno... e tem seus limites conceituais. Um deles, é perder a radicalidade do Sujeito Mulher, da rebeldia, da utopia.. Outro desafio é o de se romper com essa coisa de que gênero é só uma relação hierárquica entre os sexos... temos que ir além dessa relação hierárquica entre os sexos... é entre as raças, entre pessoas do mesmo sexo... como é que se desvincilha tudo isso? A última coisa, é que não se conseguiu renovar, não tem meninas novas, lidando com essas questões, talvez porque nós abrimos muito as portas, entendeu?... Elas, estão entrando numa coisa que já está meio pronta. Mas, acho que mudou muita coisa... Agora, quando se olha o cotidiano das relações, aí é que se vê mesmo se mudou... e, ainda tem muita coisa a se fazer... essa questão da violência, então... Temos que ampliar a discussão do privado.

REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **MULHER**: Uma Trajetória Épica, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado S. A., 1997.

BADINTER, Elisabeth. **Um é o Outro**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e Afeto**: Avós, Filhos e Netos na Família Brasileira, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1987.

BARROS, Denise B. de e Sant'anna(orgs.). **Políticas do Corpo**, São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**, São Paulo: Ática 1994.

BALANDIER, Georges. **O Dédalo**. São Paulo: Bertran Brasil, 1999.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: **Magia e Técnica - Arte e Política**, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**: Ensaio Sobre a Relação do Corpo com o Espírito. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1990.

BERNARDO, Teresinha. **Memória em Branco e Negro**: Olhares Sobre São Paulo, São Paulo: EDUC: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo 1 - Fatos e Mitos**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOSI, Alfredo. O Tempo e os Tempos, In: **Tempo e História**, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos, São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**, São Paulo: Bertran Brasil, 1999.

BRUSCHINI, Cristina. **Mulher Casa e Família**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas: Vértice: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

CALDEIRA, Teresa e ARDAILLON, Danielle. Mulher: Indivíduo ou Família, In: **Novos Estudos CEBRAP**, nº 4, V. II – Abril, 1984.

CARNEIRO, Suely. Identidade Feminina, In: SAFFIOTI, H. e VARGAS, Mônica. **Mulher Brasileira é Assim**, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos: NIPAS; Brasília –DF. UNICEFF, 1994.

_____. Identidade Feminina, In: **Cadernos Geledés 4 – Instituto da Mulher Negra**, 1993.

CARNEIRO, Suely, SANTOS, Thereza e COSTA, Albertina. **Mulher Negra: Política Governamental e a Mulher**, São Paulo: Nobel/ Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.

Cadernos **PAGU** (6/7), **Raça e Gênero**-Núcleo de Estudos do Gênero/UNICAMP, Campinas –SP, 1996.

Cadernos **PAGU** (12), **Simone de Beauvoir e os Feminismos do Século XX**, Núcleo de Estudos do Gênero/UNICAMP, Campinas – SP, 1999.

Cadernos **MAIS !** (5). **Folha de São Paulo/A Última Utopia**, São Paulo, domingo, 10 de maio de 1998.

Cadernos **MAIS** Especial – I, **Folha de São Paulo/Racismo Cordial**, São Paulo, domingo, 25 de junho de 1995.

CAMARGO, Aspásia. Os Usos da História Oral e da História de Vida: Trabalhando com as Elites Políticas, In: **Revista Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1984.

CARVALHO, Nanci Valadares de. **A Condição Feminina**, São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

CÉSAR, Ana Cristina. **Escritos no Rio**, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, São Paulo: Brasiliense, 1993.

COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina. (orgs.), **Uma Questão de Gênero**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude nem Favor**: Estudos sobre o Amor Romântico, Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. Da Cor ao Corpo; A Violência do Racismo, In: **Violência e Psicanálise** – Biblioteca de Psicanálise e Sociedade, nº 3, Rio de Janeiro: Graal, 1986.

COSTA, Ana Ma. Nicolaci da. Mal Estar na Família: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos, In: FIGUEIRA, Sérvulo A. **Cultura da Psicanálise**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

COSTA, Albertina de O. Prismas sobre o Feminismo, In: **Natureza, História e Cultura**: Repensando o Social, V. 4, nº Especial (1993), Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1993.

_____. É Viável o Feminismo nos Trópicos? Resíduos de Insatisfação, In: **Cadernos de Pesquisa/Fundação Carlos Chagas**, nº 66, São Paulo, agosto/1988.

CUSTÓDIO, Ma. Inês de Freitas. A Nova Mulher, In: **Revista da APG da PUC** – São Paulo, 1996, ano IV, nº 8.

CORRÊA, Marisa. Bordieu e o Sexo da Dominação, In: **Novos Estudos CEBRAP**, 54 – Julho/1999.

COVRE, Ma. De Lourdes Manzini. A Família, o Feminino, a Cidadania e a Subjetividade, In: CARVALHO, Ma. Do Carmo Brant. **A Família Contemporânea em Debate**, São Paulo: Cortez, 1995.

DEBERT, Guita G. Problemas Relativos à Utilização da História de Vida e Oral, In: **A Aventura Antropológica**: Teoria e Pesquisa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

DIAS, Maria Odila da Silva. **Quotidiano e Poder em São Paulo, no Século XIX**, São Paulo: Brasiliense, 1995.

EVERS, Tilman. Identidade: A Face Oculta dos Movimentos Sociais, In: **Revista Novos Estudos CEBRAP**, abril, 1984, nº 4.

FLORES, Ma. Bernadete Ramos. Entre a Casa e a Rua: Memória Feminina das Festas Açorianas no Sul do Brasil, In: **Cadernos PAGU (4)**, Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. **Modos de Subjetivação no Brasil e Outros Escritos**, São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína. **Usos e Abusos da História Oral**, Rio de Janeiro: Ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FREUD, Sigmund. **A Psicopatologia da Vida Cotidiana**, V. XI – (1901). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964.

GIDDENS, Anthony. **A Transformação da Intimidade**: Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas, São Paulo, Ed. da UNESP, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. E TOSCANO, Moema. **A Revolução das Mulheres**: Um Balanço do Feminismo no Brasil, Rio de Janeiro: REVAN, 1992.

GOLDBERG, Anette. – Feminismo no Brasil Contemporâneo: O Percorso Intelectual de um Ideário Político, In: **BIB, Rio de Janeiro**, nº 28, 2º semestre de 1989.

GUATTARI, Felix. **Revolução Molecular**: Pulsações Políticas do Desejo, São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Felix e ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**, Petrópolis, RJ – Vozes, 1993.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça e Estudo das Relações Raciais no Brasil, In: **Novos Estudos CÉBRAP, nº 54** – julho de 1999.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

_____. **Les Cadres Sociaux de La Mémoire**, Paris, Librairie Felix Alcam, 1935.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Ed, 1999.

HASENBALG, Carlos e SILVA, Nelson do Valle. **Relações Raciais no Brasil Contemporâneo**, Rio de Janeiro: Rio Fundo, Ed/ IUPERJ, 1992.

HELLER, Agnes. O Futuro das Relações entre os Sexos, In: **Encontros com a Civilização Brasileira; V. 26**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

IANNI, Octávio. **Raças e Classes Sociais no Brasil**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

JACOBINA, Eloá e KUHNER, Maria Helena (orgs.) **Feminino/ Masculino no Imaginário de Diferentes Épocas**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

KEHL, Ma. Rita. **Deslocamentos do Feminino: A mulher Freudiana na Passagem para a Modernidade**, Rio de Janeiro: IMAGO, 1998.

_____. **A Mínima Diferença: Masculino e Feminino na Cultura**, Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.

LEITE, Cristina L. de Paula. **Mulheres: Muito Além do Teto de Vidro**, São Paulo: Atlas, 1994.

LESSING, Doris. **Prisões que Escolhemos para Viver**, São Paulo: Bertrand – Brasil, 1996.

LINS, Daniel (org.). **Cultura e Subjetividade – Saberes Nômades**, Campinas –SP: Papyrus, 1997.

LUFT, Lya. **O Rio do Meio**, São Paulo: Mandarim, 1996.

LUZ, Madel Therezinha. O Lar e a Maternidade: Instituições Políticas, In: LUZ Madel (org.), **O Lugar da Mulher**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MACHADO, Leda Ma. Vieira. **Atores Sociais: Movimentos Urbanos, Continuidade e Gênero**, São Paulo: Anna Blume, 1995.

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**, São Paulo: Siciliano, 1995.

MANNHEIM, Karl. **Sociologia**, São Paulo: Ática, 1982.

MASSI, Marina. **Vida de Mulheres: Cotidiano e Imaginário**, Rio de Janeiro: IMAGO, 1992.

MERCADANTE, Elizabeth Frolich. **A Construção da Identidade e da Subjetividade do Idoso**, Tese de Doutorado apresentada à PUC – São Paulo, 1997.

MICHEL, Andrée. **O Feminismo: Uma Abordagem Histórica**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MITCHELL, Juliet. Modelos Familiares, In: CANEVACCI, Máximo (org.) **Dialética da Família**, São Paulo: Brasiliense, 1982.

MORAES, Ma. Lygia Quartin de. O Feminismo e a Vitória do Neoliberalismo, In: SCHPUN, Mônica R. (org.) **Gênero sem Fronteiras – oito olhares sobre mulheres e relações de gênero**. Florianópolis – SC: Ed. Mulheres, 1997.

MORIN, Edgar. **O Método 3 – O Conhecimento do Conhecimento/1**, Portugal: Publicações Europa-América Ltda., 1996.

_____. **Para Sair do Século XX**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MONTENEGRO, Ana. **Ser ou não Ser Feminista**, Recife-PE: Ed. Guararapes, Cadernos Guararapes nº 3, 1981.

MONTEIRO, Dulcineia da Mata. **Mulher: Feminista Plural**, Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

NABHOLZ, Ma. Teresa de Barros e BARROS, Vitória Mendonça de. **As Faces Eternas do Feminino, no Cinema e na Propaganda**, São Paulo: TRIOM, 1996.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy. **Elogio da Diferença: O feminino emergente**, São Paulo: Brasiliense 1992.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres, Prisioneiros**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. Práticas da Memória Feminina, In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, V. 9, nº 18, ago/set. 1989.

PIERUCCI, Antônio Flavio. **Ciladas da Diferença**, São Paulo: Curso de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo – USP/Ed. 34, 1999.

_____. Problemas com a Igualdade (ou: Ciladas da Diferença II), In: ADORNO, Sérgio (org.) **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**, número especial de Cadernos de Sociologia (1995), Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1993.

PISCITELLI, Adriana e KOFES, Suely. Memória de Histórias Femininas – Memórias e Experiências, In: **Cadernos PAGU: Gênero, Narrativas, Memórias** (8/9), Campinas SP, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1997.

POIAN, Carmem Da. **Homem – Mulher: Abordagens Sociais e Psicanalíticas**, Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora, 1987.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social, In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, V. 5, nº 10, 1992.

_____. **Memória, Esquecimento e Silêncio**, São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais/Publicações Estudos Históricos, 1989.

PRIORE, Mary Del. **História das Mulheres no Brasil**, São Paulo: Contexto, 1997.

RAMIRES, Vera Regina. **O Exercício da Paternidade Hoje**, Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro – A Formação e o Sentido do Brasil**, São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras, In: **Estudos Afro-Asiáticos**, nº 17. Rio de Janeiro, 1989.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo**, São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSEMBERG, Fúlvia e BRUSCHINI, Cristina A. (orgs.). **Vivência: História, Sexualidade e Imagens Femininas**, São Paulo: Brasiliense, 1980.

ROWBOTHAM, Sheila, SEGAL, Lynne e WAINWRIGHT, Hilary. **Além dos Fragmentos: O feminismo e a construção do socialismo**, São Paulo: Brasiliense, 1981.

RIBEIRO, Ivete. (org.) **Sociedade Brasileira Contemporânea: Família e Valores**, São Paulo: Edições Loyola, 1987.

SADER, Emir. (org.) **Movimentos Sociais na Transição Democrática**, São Paulo: Cortez, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Diferença ou Indiferença: Gênero, Raça/ Etnia, Classe Social, In: ADORNO, Sérgio (org.). **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**, Número Especial do *Cadernos de Sociologia*, (1995), Porto Alegre, PPGS/ UFRGS, 1993.

_____. Rearticulando Gênero e Classe Social, In: COSTA, Albertina e BRUSCHINI, Cristina. **Uma Questão de Gênero**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

SAMARA, Eni de mesquita. **Gênero em Debate: Trajetórias e Perspectivas na Historiografia**, São Paulo: EDUC, 1997.

_____. **A Família Brasileira**, São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANT'ANNA e BARROS, Denise de. **Políticas do Corpo**, São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SARTI, Cynthia Andersen. A Sedução da Igualdade: Trabalho, gênero e Classe, In: SCHPUN, Mônica R. (org.) **Gênero sem Fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero**, Florianópolis-SC.: Ed. Mulheres, 1997.

_____. Feminismo no Brasil, Uma Trajetória Particular, In: **Cadernos de Pesquisa/Fundação Carlos Chagas**, São Paulo, nº 64, fev/1988.

SCHWARZER, Alice. **Simone de Beauvoir hoje**, Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

SCWHARCZ, Lília e QUEIROZ, Renato (orgs.) **Raça e Diversidade**, São Paulo: EDUSP, 1996.

SCHWARCZ, Lília. Nem Preto, Nem Branco; Muito pelo Contrário: Cor e Raça na Intimidade, In: NOVAES, Fernando e SCHWARCZ, Lília (orgs.) **História da Vida Privada no Brasil**, V.4, São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SCHNITMAN, Dora Fried. (org.) **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SCOTT, Joan Wallach. Prefácio à Gender and Politics of History, In: **Cadernos PAGU (3): desacordos, desamores e diferenças**, 1994.

_____. Gênero, Uma Categoria Útil de Análise Histórica, In: **Educação e Realidade: Mulher e Educação**, V. 15, nº 2, jul/ dez, 1990.

SEABRA, Zelita e MUSZKAT, Malvina. **Identidade Feminina**, Petrópolis: Vozes, 1985.

SILVA, Carmem da. **O Homem e a Mulher no Mundo Moderno**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SIMSON, Olga de M. (org.) **Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)** – Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1998.

STOLCKE, Verena. Sexo está para Gênero, assim como Raça para Etnicidade? In: Cadernos Cândido Mendes: **Estudos AFRO-ASIÁTICOS 20**, Rio de Janeiro, junho de 1991.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: História Oral**, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **Les Abus de La Mémoire**, Paris: Arléa, 1995.

TREVISAN, João Silvério. **Seis Balas num Buraco Só: A Crise do Masculino**, Rio de Janeiro: Record, 1998.

VENTURA, Zuenir. **1968 – O Ano Que Não Terminou: A Aventura de uma Geração**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

YANNOULAS, Sílvia Cristina. Iguais mas não Idênticos, In: **Revista Estudos Feministas**, V. 2, nº 3/94, CIEC/ECO/UFRJ.

WARREN, Ilse Scherer. **Redes de Movimentos Sociais**, São Paulo: Edições Loyola, 1996.

WOOLF, Virgínia. **Kew Gardens. O Status Intelectual da Mulher**, Coleção Leitura, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)